

Revelações de um ministro chinês

LIN QUERIA MATAR MAO



Lin Piao, com o livrinho vermelho de Mao, ao lado de Chou En-Lai.

O ministro do Comércio Externo da China Popular, Pai Hsiang-kuo, confirmou a noite passada numa conferência de Imprensa em Lima, Peru, que o marechal Lin Piao, herdeiro aparente de Mao Tsé-tung, tinha querido, antes de morrer num acidente de viação, fomentar o assassinio de Mao. «Tudo o que foi publicado sobre Lin Piao é exacto» — declarou o ministro chinês, o qual acrescentou que o episódio reflecte a luta entre duas linhas dentro do «nosso Partido». Pai Hsiang-kuo, que chefiava uma missão comercial de oito membros em visita oficial ao Peru, disse ainda que Lin Piao cometeu erros em diversas ocasiões. «Durante a Revolução Cultural» indicou o ministro chinês — «Lin Piao fingiu dar o seu apoio ao presidente Mao e à sua linha revolucionária. Na realidade, seguia uma tática dupla, afastando-se da política internacional e esforçando-se por enganar o povo. Conspirador arrivista, agiu com a intenção de levar a cabo um golpe de Estado», tendo morrido quando tentou fugir da China num avião que se despenhou na Mongólia. (FP/R/«DL»).



Alexandra Tolstoy

EUA igual à Russia dos Czares

Alexandra Tolstoy, filha do autor de «Guerra e Paz», declarou ontem em Valley Cottage, Nova Iorque, onde vive, que as actuais condições nos Estados Unidos se assemelham às da Rússia dos czares. «O quadro é idêntico ao da Rússia antes da revolução» — disse. «Ninguém queria trabalhar, o valor do dinheiro desceira, apareciam as greves. Tenho esperança, porém, em relação aos Estados Unidos, pois o povo norte-americano é diferente do povo russo, são ordeiros e muito organizados. Se nós fossemos um povo organizado, não teria havido revolução». A filha de Tolstoy, que tem actualmente 88 anos, fugiu da URSS em 1929. Agora, depois de uma permanência de 43 anos nos EUA, diz não saber de que país gosta mais. (ANI/«DL»).

Fixados novos preços máximos

Os preços máximos do queijo de tipo «flamengo», das águas minerais medicinais e da limpeza a seco de vestuário foram fixados por uma portaria da Secretaria de Estado do Comércio, no âmbito das medidas governamentais contra a subida do custo de vida. O mesmo diploma — executando o decreto-lei 196/72, que contém as providências genéricas contra a conjuntura altista — prevê também preços máximos para a lavagem de automóveis, para as lâmpadas de iluminação e para o cimento. A portaria distingue várias categorias de preços para as águas minerais, segundo marcas e locais de venda. (P. 2)

HOJE: 32 PÁGINAS

MARCEL NIEDERDANG

Exclusivo «Le Monde» «DL»

Três presos suspeitos de terem raptado crianças foram lapidados, no dia 2, por uma multidão encolerizada que em seguida cortou os cadáveres em pedaços, segundo anunciam os jornais da capital nigeriana.

A agência «Associated Press» indica que uma execução análoga já fora praticada no domingo anterior. As tentativas de raptos de crianças, estão, com efeito, a multiplicar-se na Nigéria. Os raptos não visam fins de extorsão: pretendem utilizar os cadáveres das suas vítimas em cerimónias rituais.

As autoridades acabam de advertir a população de que não tolerarão «a lei da selva» e que os justiceiros improvisados são passíveis de punição. Pode-se no entanto perguntar se, em matéria de justiça expeditiva, o mau exemplo na Nigéria não costuma vir do alto.

De facto, mais de 150 execuções públicas, antecedidas por um cerimonial macabro, foram ordenadas pelas autoridades nos últimos dois anos. A 22 de Julho último, 14 pessoas acusadas de roubo à mão armada foram fuziladas numa praça de Port-Harcourt. Apesar da publicidade dada a estes suplícios — os jornalistas radiofónicos e os fotógrafos foram convidados a relatar ao vivo e a filmar as execuções — a vaga de banditismo que flagela o país desde o conflito com Biafra continua a aumentar.

Medidas destinadas a remediar o desemprego que atinge toda a Federação,

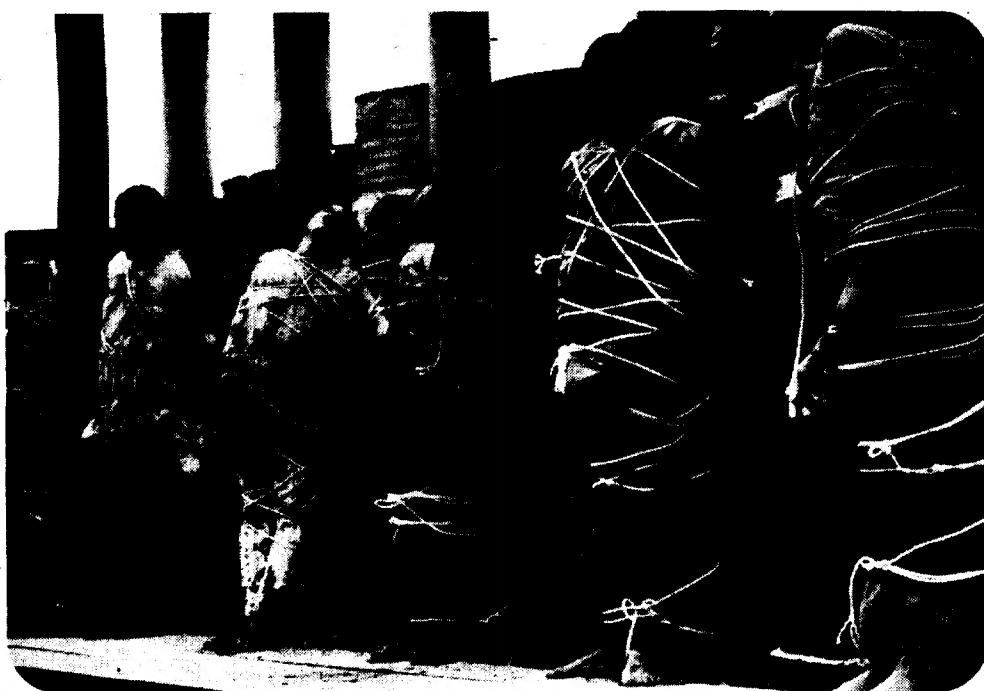


Imagem de um fuzilamento público em Lagos, Nigéria

VIOLÊNCIA EM ÁFRICA

sanções contra os funcionários cuja corrupção é de notoriedade pública, serão sem dúvida mais eficazes do que as balas dos pelotões de execução para pôr termo à delinquência nas amplas camadas populares que não se beneficiam da

exploração das riquezas nacionais.

No clima de violência que reina actualmente em África, o general Bokassa, presidente da República Centro-Africana, distinguiu-se há dias ao dirigir pessoalmente a punição a cacetas que terminou com a morte de, pelo menos, três presos acusados de roubo.

Os Governos africanos, que não perdem jamais uma ocasião de lembrar os «grandes princípios» nos conclave internacionais de que participam, ficarão insensíveis ao apelo que a Comissão Internacional de Juristas acaba de dirigir ao general Bokassa, exortando-o a «respeitar em todas as circunstâncias as regras mínimas recomendadas pelas Nações Unidas para o tratamento dos presos»?

Monstruoso arsenal doméstico

Segundo um estudo a que procedeu o senador Edward Kennedy, calcula-se que o número de armas existentes actualmente nas casas americanas constitui um monstruoso arsenal: uma centena de milhões de espingardas e 30 milhões de revólveres. São, anualmente, a causa de três mil mortos por acidente, sete mil suicídios e de 2 mil assassinios nos Estados Unidos. Pode afirmar-se — disse Kennedy — que, desde o princípio do século, os milhões de armas de fogo em poder dos cidadãos americanos fizeram mais mortos que todas as guerras em que os Estados Unidos se viram envolvidos desde 1900. Com a aprovação pelo Senado da proibição de venda da «Saturday night especial» — pequena pistola de uso corrente — a fiscalização de armas deu um pequeno passo em frente. «Não resolverá o problema mas é uma contribuição importante» — observou o senador Birch Bayh, principal patrocinador da lei. (FP/R/«DL»).

DL / VIDA NACIONAL

PREÇOS MÁXIMOS PARA AS ÁGUAS MINERAIS

Os preços máximos do queijo de tipo «flamingo», das águas medicinais e da limpeza a seco de vestuário foram fixados por decisão da secretaria de Estado do Comércio, no âmbito das medidas governamentais contra a subida do custo de vida. O mesmo despacho executando o decreto-lei 196/72, que contém as providências genéricas contra a conjuntura inflacionista, prevê também preços máximos para a lavagem de automóveis, para as lâmpadas de iluminação e para o cimento.

QUEIJO: 56\$00 / kg

Foi fixado em 56\$00 o preço máximo de venda ao público do quilograma de queijo tipo «flamingo» com 45 por cento ou mais de gordura e em 54\$00 o do queijo do tipo «ilha» com igual percentagem de gordura. Para aquelas marcas cuja qualidade de fabrico plenamente o justifique, previu-se a possibilidade de homologação de preços mais elevados nos casos em que os industriais, dadas as características próprias do produto e o inerente custo fabril, a requiriram mediante comprovação a efectuar à Junta Nacional dos Produtos Pecuaris; nesses casos, porém, os produtos deverão ser devidamente identificados.

ÁGUAS DE MESA E MINERO-MEDICINAIS (AO PÚBLICO)

A portaria distingue várias categorias de preços para as águas minerais, variando segundo a marca, o local de venda e o distrito.

Os preços máximos de venda ao público, para consumo fora de estabelecimento, passam a ser: água de Carvalhelhos, 2\$30 a garrafa de cerca de 3 dl e 3\$70 a de 8 dl; o quarto de Castelo custa 2\$00, e a garrafa de 3 dl, 2\$30; Luso: quarto a 2\$30, garrafa de litro a 3\$80; quarto de Pedras ou Vidago, 2\$50, garrafa de 8 dl a 4\$30; as águas do Vimeiro passam a custar 2\$00, 2\$30 e 3\$70, respectivamente a garrafa de quarto, de 3 e de 8 dl; o quarto de Areeiro foi tabelado a 1\$80, e o litro a 2\$80; os valores para a Água da Bela Vista são os mesmos.

Comparando os preços propostos com os mais correntes

na área de Lisboa, verifica-se, quanto a águas minerais, uma redução de 20\$ a 30\$, tanto nas garrafas de 1/4 de litro, como para as de litro ou de capacidade próxima desta (0,85 l).

A portaria fixa também os preços máximos para os garrafas de cinco litros, que passam a variar entre os 8\$00 e os 10\$50, segundo o distrito onde são vendidos. Para o cálculo considerou-se o preço no distrito onde se situa a respectiva fonte (tomando o valor mais baixo), os preços correntes nos centros de maior consumo e, finalmente, o preço no resto do país, servindo sempre como termo de referência os preços mais frequentemente verificados em cada uma das regiões.

CONSUMO NOS ESTABELECIMENTOS

Mais importância para o público consumidor tem o tabelamento que se passa a verificar nas garrafas de água vendidas para consumo em estabelecimento hoteleiros e similares. A portaria distingue os hotéis e as pensões de categoria desde quatro até uma estrela, e as três classes de cafés, casas de chá, bares e «boîtes». Em lista à parte os «estabelecimentos exclusivamente de confeitaria, pastelaria, leitaria e outros não especificados. Num hotel de quatro estrelas, um quarto de água custará, com impostos mas sem taxa de serviço 4\$00; numa pensão de uma estrela, 2\$50; num café de 2.ª ou 3.ª, em Lisboa, 2\$60; numa casa de chá de 3.ª, do Porto, 3\$00. Numa «boîte» do Algarve, um litro custará 7\$30, enquanto numa leitaria, o preço será 5\$00. Para o mesmo produto (garrafa de litro) prevêem-se assim diferenças de preço que podem atingir 3\$50, apenas 1\$00 mais do que o preço mais baixo que se prevê: 4\$50.

LIMPEZA A SECO

Foi homologada a seguinte tabela de preços máximos de limpeza a seco de vestuário de lã ou fibras sintéticas para todo o País: Calças, 2\$500; Casaco curto (de homem ou senhora), 3\$500; Fato (casaco, colete e calça), 5\$000; Gabardina, 6\$000; Gabardine com duas faces, 7\$000; Saia, 2\$500; Saia e casaco, 5\$000; Vestido, 4\$500.

LAVAGEM DE CARROS

Passa a ser de 22\$50 o preço máximo em todo o País da lavagem automática de automóveis ligeiros. O novo preço corresponde a uma redução de 2\$50 em relação ao preço mais correntemente praticado no País. A lavagem manual passa a ser paga à escala do veículo, segundo uma tabela proposta pelo Grémio das Garagens: 25\$00, 30\$00 e 40\$00.

LÂMPADAS

Foi decidido homologar os preços em vigor desde Novembro de 1971, excepto os relativos às lâmpadas fluorescentes que baixaram para o nível inferior ao aumento verificado em 1 de Junho do corrente ano.

Assim, relativamente às lâmpadas de incandescência e fluorescentes para iluminação normal do ambiente, foram homologados os preços máximos na revenda para todo o País constantes de preços das empresas produtoras.

CIMENTOS

Observa-se que, de acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 196/72 e na Portaria n.º 336/72, os preços de venda ao público, ou seja a retalho, do cimento em todo o Continente que estavam a ser praticados à data de 12 de Junho, não poderão ser aumentados, sem prévia homologação superior.

Quanto à venda de cimento que se não considera a retalho, foram aprovados preços máximos por produtor, tipo de produto e modalidade de venda. Dada a vastidão da gama de preços que serão, aliás, publicados no Diário do Governo, evitamos o que seria uma longa especificação. As listas com indicação legível dos preços devem ser colocadas em lugar bem visível ao público nos locais de venda.

No preço do cimento nas Ilhas Adjacentes verificou-se uma redução de 3\$00 em saco na sequência da baixa ocorrida em Junho passado de 3\$75 e 4\$00 por saco no cimento vendido nos Açores resultante da redução verificada no frete marítimo.



PARA REPRESENTAR PORTUGAL



NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR

DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA

SUGESTÃO DO "DL" ACEITE POR FIRMA PRESTIGIOSA

ADILIA SILVÉRIO EM MUNIQUE: O MELHOR DOS PRÊMIOS "TIMEX"

Festa bonita, festa inesquecível (até) para Adília Silvério. Esta noite, no Clube Naval de Cascais, no decorrer da entrega dos «Troféus Timex» (prémio atribuído pelos jornalistas Vítor Santos, Fernando Correia, Alves dos Santos, Amadeu José de Freitas, Mário Zambujal e Neves de Sousa) aos valiosos campeões e recordistas nacionais Adília Silvério e Carlos Lopes, o sr. Marques Ferreira, director da prestigiosa firma instituidora dos galardões, revelou que fora aceite a sugestão apresentada pelo nosso camara-

da Neves de Sousa no sentido da «Timex» apoiar financeiramente a presença de Adília Silvério nas Olimpíadas de Munique, uma vez que a Federação de Atletismo excluira a melhor atleta portuguesa da nossa embaixada por falta de verba para a viagem. A grande campeã sportinguista ficaria em Lisboa a ver os Olimpíadas pela Televisão, se a «Timex» (como organização comercial perfeitamente virada para a frente) não abrisse os cordões à bolsa em favor do Atletismo português. Raposo Borges (marido de Adília) Car-

los Lopes (já seleccionado para os Jogos de Munique) e o professor Moniz Pereira, convivas da «Timex» ficaram, logicamente, muito satisfeitos com a decisão. E a LPE Morrison Lda. (através de Alice Bonjour) permanecerá indelévelmente associada a este gesto bonito da «Timex» que ressalva a «complicada» escolha federativa: que leva a Munique atletas que não cumpriam os mínimos de selecção e vota ao ostracismo quem não cabe numa estafeta inventada à última hora... Parabéns, portanto, a Adília, a Carlos Lopes e à «Timex».



Espanhóis na "Volta" por "Caves Messias"

A equipa de «Caves Messias» concorrente à «Volta a Portu-

gal» foi ontem apresentada à Imprensa. A identificação individual de cada ciclista já foi feita no nosso jornal. Mas, assim em bloco, cá estão eles: os espanhóis Ramon Saez, Pedro Cruces, José Balboa, Jesus Salcedo, Andrés Sanchez, Juan Jerez, Damaso Cruces e Félix Gorostiza. Juan Gerez e Andrés Sanchez participaram, recentemente, nos campeonatos mundiais e são, portanto, os elementos mais credenciados. A apresentação dos ciclistas espanhóis assistiram diversos elementos ligados à organização da «Volta» (Artur Agostinho, Tomé de Bar-

ros Queiroz, Miguel Simões, Domingos Claudino, Aristides Martins Fernando Paixão, António Guerreiro, Helder Ramos Gouveia, Carlos Vaz Pinto, Arlindo Nunes, Domingos Jacinto) e, ainda, os snrs. Messias Pedro Soares Baptista, Alfredo Gonçalves Leal, Manuel Nuno da Rosa Santos Louzada, Joaquim, Borges Fernandes, António Fernandes Gomes, Albino Inácio Alves, Reis Pais e Maximiano Rola, das «Caves Messias».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Adelino Leal Saramago-VIEIRA DE LEIRIA

«AS DELÍCIAS»

ACABA DE SAIR =

De JACQUES LAURENT

PRÊMIO «GONCOURT» — 1971

Um autor moderno, que scandalizou (?) as letras francesas. Um autêntico valor da literatura actual.

Jacques Laurent estará na Parceria — 5.ª feira às 18 horas — numa sessão de autógrafos e 6.ª feira, às 18 h., receberá a Imprensa, no Grémio Literário — Rua Ivens.

Parceria A.M. Pereira, Lda.

LIVREIROS-EDITORES

Rua Augusta, 44 a 54 — Telef. P. P. C. 36 17 30 - 36 17 10 — LISBOA - 2 — End. Teleg. Parcerparla

ESTABELECIMENTOS

M. SIMÕES JR. S.A.R.L.

Informam todos os seus Clientes e Amigos que encerram os seus escritórios, armazéns e serviços técnicos, para Férias do seu pessoal de 14 a 26 do corrente mês.



Burgess

GENTE

Quem é Anthony Burgess, o autor do romance celeberrimo «Clock Orange», do qual foi extraído o filme homónimo de Stanley Kubrick que tem batido «records» de bilheteira e obtido prémios em série? Burgess tem quarenta e cinco anos, é inglês linguista, foi professor na Malásia. Discípulo de Joyce, muito dado aos jogos de linguagem, aproveitou para o título do seu livro uma velha expressão «cockney»: «esquisito como uma laranja mecânica». Porém, Burgess enxertou nesta expressão a palavra malaia «orang», que significa ser humano, e ainda, segundo ele próprio declara, termos como «orgão» e «organismo».

Na União Soviética os trabalhadores do sexo masculino foram ultrapassados pelas mulheres. Pela primeira vez num país industrializado os homens ocupam, numericamente o segundo lugar como força de trabalho frente às mulheres. Um gráfico publicado na Gazeta Económica da U.R.S.S., comemorando o Dia Internacional da Mulher, informa que, em 1970, os 45,8 milhões de mulheres com emprego totalizaram 51 por cento da força laboral do país. A proporção elevou-se já de 24 por cento em 1928 por 39 por cento em vésperas da Segunda Guerra Mundial. A proporção varia, no entanto, consoante os sectores. Existem menos mulheres do que homens (na agricultura 44 por cento) e também na indústria (48 por cento), mas as mulheres superam os homens nos serviços públicos (67 por cento), dominam no ensino (72 por cento) e especialmente nos serviços médicos (85 por cento).

A morte do filósofo marxista Ernst Fischer em Deutsch-Freinitz, onde estava passando férias, enlutou a Europa pensante. Filho de um general, nasceu nos sudetas em 1899. Bateu-se contra o nazismo e entrou em Viena de Austria, em 1945, com o exército soviético. Posteriormente entrou em conflito com o que denominou «direito à infalibilidade» e manifestou-se em 1968, contra a invasão de Praga pelos tanques soviéticos (o que ele chamou «panzer Kommunismus»).

No debate sobre a poluição que se travou em Paris, no Clube do «OBS» (Nouvel Observateur), Edmond Maire, secretário geral da CFDET, foi de opinião que a prioridade não revertia aos níveis de poluição, mas à imediata mobilização dos cidadãos. Denunciou o desperdício, a acelerada renovação dos modelos lançados no mercado, o enfraquecimento de qualidade dos produtos, reprovou a ideologia do consumo/obsessão e, sobretudo, o lucro como motor de desenvolvimento. «Uma democracia socialista será de determinar politicamente os valores relativos a conceder ao conjunto dos elementos quantitativos e qualitativos que respondem às necessidades humanas fundamentais» — disse.

ISABEL DA NÓBREGA

UMA CONFUSA DOR

Acabaria por referir-me ao conto. Um dia. Não sabia quando. Tantas vezes me tenho lembrado dele.

Pertence ao volume «Há-de haver uma lei...» de Maria Archer, mas o título não sobe à memória.

Quando há anos a menina Adelaide casou, deixando logo de trabalhar como costureira a dias porque o marido, mais velho e proprietário, preferia «tê-la em casa», recordei-o diante do corte de veludo-cristal que ela, radiante, me veio mostrar. «O meu marido gosta, uma vez por outra, de jantar no restaurante, e o meu sonho foi sempre ter um vestido de veludo preto!»

Gabei-lhe um outro, de lãzinha, muito bem cortado por suas mãos, aconselhei-a ao de leve, porque à data o veludo passava de moda, porque tornaria pesados os seus trinta anos, porque talvez ela não pensasse que poderia criar-se um equívoco, e o vestido dar-lhe «mau ar»...

«Ah, não, tantos anos sonhara com um vestido de veludo preto, brilhante, que tinha de ser. De novita os tinha cobido pendurados nos armários das senhoras onde trabalhava. As vezes ficava mais tarde do que a hora, arrastava o jantar que lhe serviam a um canto da cozinha — não comia à mesa com as criadas, era costume geral — para espreitar a saída dos senhores, o fato a arrastar tão negro e com aquele brilho misterioso. Lindo. Agora era a vez dela. Só não o teria comprado para poder levá-lo ao cinema, se lhe apetecesse.



Foto de Luis Fontes

Também quando vejo certos homens ao volante, guiando, solenes, com o chapéu enterrado pela cabeça abaixo, digo para comigo, à beirinha do desdém que é obrigado a recuar: pois, tu ris, mas compreendes graças à Maria Archer que leste há vinte anos.

Um dia refere-te a isso.

Ontem, entre amigos, falava-se da moda no vestuário, da debilidade e precariedade da moda, e do gosto dos jovens, das suas possibilidades de aquisição, de determinada faceta da sociedade de consumo.

E eu disse que a maneira de vestir, aceite-se ou não a evidência, é um agente revelador impiedoso de estratos sociais; e também de legítimas (ináveis, secretas) ambições de «promoção», de desencontrada, desfasada, afirmação pessoal à escala mais superficial e enganadora.

E de novo o conto me veio à memória, nas frases que o resumem.

Aquela Mulher-a-dias tinha (também) um sonho. Possuir uma raposa «argentée». Como «as senhoras». Labuta durante anos e anos com essa obsessão. Faz horas extraordinárias. Trabalha de noite, em escritórios, depois das pesadas tarefas que fornece durante o dia. Passa fome: Enfraquece. Recompõe-se. Consegue por fim, ao cabo de bastantes anos, juntar a quantia certa. Compra a (as?) raposa. Vai, então ao cinema de bairro, com ela enrolada ao pescoço. Sente-se uma «senhora». É, portanto, uma senhora. Cansada, envelhecida, mas recompensada, importante. Gente.

No intervalo ouve atrás de si duas mulheres (duas senhoras) a cochicharem. Qualquer coisa como: «Aquela raposa não é feia. Mas as raposas «argentées» já não se podem ver. Estão completamente fora de moda.»

Maria Archer, com a sua vigorosa maneira de escrever, dá-nos um caso humano.

Mas estamos rodeados de casos humanos. As vezes quase não se aguenta uma espécie de dor, uma confusa dor, que nos vem. E não sabemos o que havemos de fazer.

Uma parte desse cortejo chega enfim a Portugal, procura a terra prometida e promovida que é o Algarve, julgando encontrar aqui a paz, os dias fluentes, serenos, um intervalo doirado na existência baça do quotidiano. Dura desilusão. Logo à entrada da fronteira, não é raro acontecer esperar duas horas para conseguir atravessar a linha invisível que separa Portugal da Espanha. Mau começo que logo vem a encontrar confirmação numas férias donde a tranquilidade vai estar ausente. Não há hotéis suficientes, não há quartos livres, não há parques de campismo que bastem, os géneros alimentícios aparecem e desaparecem em jeito de negação, os restaurantes estão cheios a deitar por fora, arrumar um automóvel é resolver a quadratura do círculo... E o simples acto de telefonar exige virtudes de beneditina paciência.

Não estamos longe de acreditar que nesta imprevidência nacional, que nos leva a desprezar a preparação dos grandes trabalhos, haja uma resistência instintiva à modificação de velhos hábitos. Se assim é, muito conviria que nos convencessemos, de uma vez para sempre, de que o tempo não esperou por nós, que já lá está adiante, que não temos mais remédio do que arranjar pernas e fôlego para que o atraso não aumente... Se realmente quisermos vender turismo, teremos de pôr a fábrica a funcionar com a máxima eficiência, teremos de distribuir harmoniosamente o produto, teremos de montar postos de venda numerosos e competentes...

E quando o sol perder força, quando o ar arrefecer, quando o mar bate agressivamente nas praias — que se fará dos suportes turísticos, de repente abandonados pelo estrangeiro que regressou às suas terras e ao seu trabalho? Este é o grande problema de um país que turisticamente pouco mais tem para oferecer do que as bondades naturais, e enquanto ele não achar solução não-de manter-se a maior parte dos males já conhecidos. Será bastante o turismo interno para conservar viva uma actividade agora intermitente? Que dá o País a si próprio para se mover, ao longo do ano todo, numa penetração contínua de verdadeiro auto conhecimento? Eis uma pergunta que até agora não teve resposta...

O vinho do PORTO

As exportações portuguesas de vinho do Porto registaram, nos últimos anos, um crescimento regular, com excepções do ano de 1969, em que uma ligeira crise conjuntural veio influenciar de modo negativo esse crescimento. Por outro lado, o preço médio de exportação do produto, depois de se ter apresentado relativamente estável no período 1967-1969, registou de então para cá um crescimento acentuado, facto que contribuiu para a rápida expansão de receitas monetárias provenientes desta exportação, que em 1971 se cifram em cerca de 681 400 contos.

A França continua a ser o melhor mercado consumidor do nosso vinho do Porto (cerca de 40 por cento do total em 1971), seguida do Reino Unido e da Alemanha Ocidental. Saliente-se, no entanto, que a quantidade exportada para o Reino Unido atingiu o máximo em 1968, decaindo de modo sensível em 1969, registando, posteriormente, uma recuperação lenta.

Por outro lado, os países do Benelux têm ocupado a 4.ª e 5.ª posições entre os maiores compradores de vinho do Porto.

Entretanto, o consumo interno deste vinho tem crescido rapidamente, atingindo em 1971 cerca de 52,5 milhares de hectolitros, o que coloca o país em 3.º lugar entre os maiores consumidores mundiais. No entanto, cabe aqui referir que grande parte deste quantitativo é adquirido por turistas durante a sua permanência no nosso país ou mesmo por emigrantes durante as suas férias...

Saliente-se, finalmente, o facto de os cinco melhores compradores estrangeiros de vinho do Porto pertencerem ao Mercado Comum alargado, facto que torna este produto tradicional do comércio externo português fortemente dependente daquela organização.

Automóveis em Portugal

Segundo o último relatório do Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul, eram cerca de 513 000 os automóveis de passageiros que circulavam no País em 31 de Dezembro de 1971; este número representa um acréscimo de 13,4 por cento em relação ao mesmo dia de 1970, altura em que circulavam 452 000 automóveis. Saliente-se, entretanto, que só no distrito de Lisboa existiam em circulação, em fins de 1971, cerca de 219 000 daqueles veículos. De entre os países de origem dos automóveis em circulação, a República Federal da Alemanha continua a ocupar o primeiro lugar, com 32,7 por cento do total, seguida da Grã-Bretanha (29,7 por cento). França (17,6 por cento) Itália (13,2 por cento) e Japão (4,6 por cento); o total dos veículos originários destes cinco países perfaz, deste modo, 97,8 por cento do conjunto de veículos em circulação em Portugal.

Centrais em Espanha

O Export-Import Bank autorizou recentemente um empréstimo de 141,5 milhões de dólares à Central Nuclear de Almaraz SA, Espanha, para a instalação de duas centrais nucleares com reactores nucleares Westinghouse de 900 mw. A Almaraz é uma nova companhia formada pela Hidroeléctrica Espanhola SA, Companhia Sevillana de Electricidade SA e União Eléctrica SA.



Opinião

QUE DAMOS NÓS A NÓS PRÓPRIOS?

O turismo (será preciso lembrá-lo?) é uma indústria. E tal como não valeria a pena imaginar a utilização de um artigo sem a fábrica que o produzisse, sem a distribuição que o difundisse, sem o retalhista que o vendesse ao público, também cabe a pergunta de que como pode haver turismo sem haver infra-estruturas onde a cada passo não surjam esse gargalos de estrangulamento que são a falta de alojamentos, a dificuldade de comunicações, a carência de produtos alimentares, etc. Só o viajante que ainda conserve o espírito dos antigos exploradores suportará a incomodidade ao ponto de tirar dela aliciantes novos...

Não correm bem as coisas do turismo por esse País fora, e particularmente nas algarvias terras. Um fluxo ininterrupto de estrangeiros atravessa a fronteira, atraído pelo que lá fora se diz e faz acreditar sobre as doçuras do clima, a ardência do sol, a tranquilidade das praias, enfim, todos esse atractivos que, vistos de longe, ganham auras de paraíso. Então, por essas estradas da Europa, avança um cortejo interminável uma procissão festiva que se move por irresistíveis tropismos, que se ramifica ao longo da viagem, parando aqui e além, conforme as preferências do momento ou os planos traçados durante um ano de trabalho e de sonho...

DL/GERAL

MULHERES PODERÃO REFORMAR-SE ANTES DO LIMITE DE IDADE

Uma portaria do Ministério das Corporações e Previdência Social, hoje publicada no «Diário do Governo», determina que as mulheres trabalhadoras beneficiárias das Caixas Sindicais de Previdência, Caixas de Reforma ou de Previdência com entidades patronais contribuintes, seja atribuído o direito de concessão antecipada de pensão por velhice, a partir dos 62 anos de idade, «desde que a necessidade da antecipação seja clinicamente comprovada».

No preâmbulo do diploma, reconhece-se «que as mulheres trabalhadoras, por virtude da acumulação das responsabilidades familiares e das actividades profissionais, apresentam frequentemente, antes dos 65 anos de idade, características de desgaste que impossibilitam ou dificultam o exercício da sua profissão, sobretudo quando esta exija mais esforço físico».

Admite-se também que «aquelas situações vêm sendo atendidas, na prática, através da concessão de pensões de invalidez, o que muito embora encontre justificação do ponto de vista social, contraria as disposições que regulamentam aqueles benefícios, que apenas devem ser atribuídos quando se verifique doença ou acidente que não esteja a coberto de legislação especial sobre acidentes de trabalho e doenças profissionais».

A portaria, que entra em vigor no dia 1 de Outubro, determina ainda que a verificação das condições para atribuição da pensão será feita pelas juntas médicas as quais vem competindo a apreciação da incapacidade para o trabalho. O montante anual da pensão será calculado nos termos previstos nos N.ºs 1 e 2 do artigo 80.º do decreto N.º 45266, de 23 de Setembro de 1963.

COLÓQUIO PARA AGRICULTORES

No decorrer do II Festival Internacional do Filme Agrícola e de Temática Rural, que terá lugar em Santarém, de 23 a 29 do próximo mês de Outubro, realizam-se colóquios para agricultores em todas as sessões da tarde, nas quais serão exibidos documentários de temas agrícolas, de problemas rurais e de meio ambiente.

Para esse fim, o Festival conta com a colaboração do Centro de Estudos e Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e os eng.ºs agr.ºs Amandio Galvão e Agostinho Carvalho, tratarão respectivamente os temas, «Questão de agricultura de grupo» e «Agricultura de grupo», e o regente agrícola Valdemar Torres falará numa das sessões de «Contabilidade simplificada».

Nesta jornada de esclarecimento colabora também o Serviço de Informação Agrícola da Secretaria de Estado da Agricultura, e no decorrer do II Festival do Filme agrícola de Santarém, está planificado que orientará o colóquio o eng.º Sousa Veloso, produtor do programa «T. V. Rural», o Comendador Celestino Graça, secretário geral da Feira Nacional da Agricultura e o ensaísta e crítico Al-

ves Castela, proferindo palestras o eng.º agr.º Félix da Cruz e uma personalidade espanhola a designar.

No âmbito do Festival, uma selecção de filmes exibidos em Santarém, será apresentada nou-

tros pontos da província do Ribatejo, a ilustrar colóquios com agricultores.

Não há dúvida de que o Festival do Filme Agrícola de Santarém, pretende ser uma iniciativa viva e atuante.

Prossegue a vigilância em Ermesinde

Três patrulhas da GNR mantêm-se de vigilância nos três lugares da freguesia de Ermesinde em que, ontem de madrugada, foram sabotados nove postos de alta tensão. As patrulhas foram rendidas ao princípio da manhã de hoje.

Normalizou-se já o fornecimento de energia eléctrica às localidades dela privadas em consequência dos rebentamentos. Também se restabeleceu o trânsito de comboios, que ontem fora interrompido por algumas horas.



Doutor

Aníbal Cardoso e Cunha

FALECEU

João Cardoso da Cunha, Leontina Cardoso da Cunha Pinto, sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade que foi Deus Servido chamar à sua Divina Presença o seu muito querido e chorado irmão, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã dia 11 pelas 6 horas da Igreja de São João de Deus (Sala F) para o cemitério de Vila Franca da Serra—Gouveia.

AGÊNCIA AUGUSTO DE OLIVEIRA
R. General Taborda, 73-A
Telefs. 686238 - 653555

COIMBRA

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Na Faculdade de Ciências e Tecnologia, sob a direcção do respectivo director, sr. prof. dr. Simões Redinha, trabalha-se no sentido de programar e planejar os estudos da Faculdade de Ciências, e que agora foi junta a Secção de Tecnologia.

A nova secção, com os cursos de engenharia electrotécnica, de construção civil, química e mecânica, ficará com aulas nas antigas instalações da Faculdade de Ciências, na Cidade Universitária e nas novas instalações, nos pavilhões primitivamente destinados ao Instituto Industrial, na Quinta da Nora.

Também a estrutura dos novos quadros está a merecer à direcção da Faculdade aturados trabalhos, bem como o apetrechamento para o qual foi destinada a importante verba

de vinte mil contos.

Como foi oficialmente anunciado, o terceiro ano daqueles cursos começará já a funcionar no próximo ano lectivo, portanto em Outubro, para os alunos que se inscrevam pela primeira vez nesse ano dos cursos.

Festas no bairro do Loreto

No Bairro do Loreto, vai realizar-se nos dias 12 a 15, a festa em honra de Nossa Senhora da Guia, festa muito antiga que regista sempre elevado número de pessoas desta cidade.

O dia maior das festas é domingo, dia 13, com missa solene na capela da Senhora da Guia, procissão, às 17 horas e pelo fim da tarde e à noite quermesse e arraial, abrilhantado por um excelente conjunto musical.

Abrihanta as Festas a Filarmonia de Miranda do Corvo e os restantes dias das festas são preenchidos por arraiais, provas desportivas sessões de fogo de artifício, etc.

Assistentes dos cursos de engenharia

Na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, encontra-se aberta a inscrição para a candidatura para o preenchimento de lugares de assistentes dos cursos de Engenharia daquela Faculdade. Os interessados devem enviar a sua inscrição acompanhada do curriculum vitae ao director da Faculdade de Ciências e Tecnologia com a maior urgência.

Laurenço Marques:

Rendimento dos autocarros

LOURENÇO MARQUES, 10 — (L.) — A venda de bilhetes nos autocarros utilizados nos transportes públicos desta cidade, rendeu durante o mês de Julho 8661135\$00.

Entretanto, durante o mesmo mês de Julho, os Serviços Municipalizados de Viação, a cargo de quem se encontra a explo-

ração dos transportes públicos da capital de Moçambique, pagaram de subsídios obrigatórios, em função da receita arrecadada, 86612\$00 à Escola Nacional de Medicina Tropical, 86612\$00 à Comissão Provincial de Saúde Pública, outros 86612\$00 ao Instituto Ultramarino e 433057\$00 à Instrução Primária.

Angola

Ampliação do porto de Luanda

LUANDA; «» — (L.) — Importará em 133 000 contos, aproximadamente, a ampliação do porto de Luanda, actualmente em curso.

A obra de construção de mais quatrocentos metros de cais, para que foi adoptada a solução de caixotes cilíndricos fundados a 10,5, e a dragagem de um milhão de metros cúbicos de bacia de manobras iniciou-se em

Outubro de 1971 e estará concluída em Dezembro de 1973, importando em 73 000 contos.

Em apetrechamento serão investidos cerca de 60 000 contos.

Se se mantiver o ritmo de crescimento previsto do movimento do porto (10 por cento por ano), logo que esta obra esteja concluída será necessário iniciar a construção de mais postos de acostagem.

Doenças em Moçambique e Angola

Durante a semana que terminou em 29 de Julho registaram-se em Moçambique 27 casos de hepatite infecciosa, um caso com óbito de meningite meningocócica e dois casos de febre tifoide. Em Angola morreram nove pessoas, vítimas de sezónismo durante o mês de Ju-

nho — revela o Boletim Epidemiológico Mensal dos Serviços de Saúde.

O sezónismo foi, aliás, a doença de que se registou, naquele mês, maior número de casos (16 348), seguida da gripe epidémica, com 1 371 casos, nenhum dos quais mortal.(L)

Porto: Curso Intensivo de Literatura Portuguesa III

Na Faculdade de Letras decorrerá o Curso Intensivo de Literatura Portuguesa III, para preparação, aperfeiçoamento e

actualização naquele ramo de ensino de professores eventuais ou provisórios, sem habilitação própria, do ciclo preparatório

do ensino oficial liceal e técnico com cursos superiores incompletos.

As respectivas inscrições devem ser feitas na secretaria geral da Universidade até o próximo dia 16, inclusive.

Os trabalhos do curso começam no dia 17, com um mínimo semanal de seis horas de docência.

Instituto Cultural

Na última reunião da assembleia geral do Instituto Cultural do Porto foi deliberado, entre outros assuntos, aprovar o relatório e contas da gerência finda, estabelecer o programa cultural para o ano 1972-73 e promover um passeio convívio à Serra da Estrela em 2 e 3 de Setembro.

A inscrição poderá ser feita pelo telefone 680876.

Interesses dos metalúrgicos

A direcção do Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto promove no sábado, às 16 horas, uma reunião da assembleia geral, no salão da F. N. A. T., durante a qual serão tratados problemas de interesse para a classe.

TOIROS NA MALVEIRA

Sábado às 17,30 horas

Imponente festival de homenagem ao cavaleiro

Alberto Luiz Lopes

Actuam graciosamente os distintos artistas

DAVID M. TELLES

JOSÉ M. CORTES

ALFREDO CONDE

LUIS M. DA VEIGA

JOÃO PALHA RIBEIRO

TELLES

ALBERTO LUIZ LOPES

Forcados Amadores de Montemor

6 toiros pertencentes aos seguintes ganaderos

Ribeiro Telles — Tomás da Costa — Telles Branco

— Conde Cabral Herd. e José Luiz de Moura

DL / ESPECTACULOS

CHOPIN CONTRA VIDOCQ

Chopin: vai ser a grande companhia desta noite (Mentira. Redonda mentira. Eu até desconfio que a grande figura desta noite foi o Vidocq. Mas sabe tão bem pensar que não, que a personagem principal é o Chopin, sabe tão bem que não me recuso a mim próprio esta mentira piedosa).

Dizia eu que Chopin... Veio o programa de Varsóvia. Feito com muito amor. Com todos os cuidados indispensáveis a fim de o tornar mais presente, mais vivo, mais para televisão: fugiu-se do concerto formal, nas grandes salas que albergam milhares de espectadores, fugiu-se à secura à frieza do

estúdio. Optou-se pelo cenário real da casa onde nasceu Chopin, cenário ainda quente de uma presença, de uma vida que salvara, que explodia diante dos nossos olhos do despetalar de cada nota musical. Certamente a realização repetiu gestos, movimentos, ângulos, mastigou, como se costuma dizer. Certamente se caiu no fácil: a porta que se abre e se fecha sozinha, a mão que se adivinha a mover o trinco — tudo isso é truque demasiado velho.

É verdade. No entanto, há a música. Há Chopin, propriamente dito. Há a maravilhosa interpretação dos dois pianis-



tas a iluminar a noite. Dos dois pianistas anónimos.

Tudo se passou, deve dizer-se, em regime de perfeito anonimato. Que se tratava de uma produção de televisão polaca, adivinhou-se pela semelhança entre algumas palavras. Nada mais foi possível descor-



Por MARIO CASTRIM

tinhar, tão compacta a cortina de silêncio montada em volta do programa. A televisão portuguesa achara desnecessário gastar cera com tamanha «banalidade» — uma banalidade de ouro chamada Chopin... Bom proveito.

Pois eu desconfio que Vidocq terá sido o herói do serão. Nada mais me resta se não acrescentar isso mesmo: bom

proveito. Acrescentar isso e lembrar o quê? Lembrar os «Motores em Marcha»? Ora, ora! Sejamos agora justos: o documentário sobre as corridas de motos no autódromo do Estoril, tinha ao menos a vantagem de ser mudo. Quando uns são mudos, mal andaríamos se não correspondessemos com a delicadeza da nossa surdez.

Recordemos, pois, a rubrica «Inquérito» dedicada desta vez à construção do novo aeroporto. Escutámos atentamente o depoimento, o mini-relatório do director do GNAL, coronel Joaquim de Oliveira Júnior.

É certo que grande parte da exposição, maia para ser lida que ouvida, se perdeu, dada a extensão do discurso. Algumas informações chegaram até nós em bom estado de conservação. Por exemplo: que o problema de localização do futuro aeroporto fora dos mais difíceis. Locais estudados:

Fonte da Telha, Portela, Montijo, Alcochete, Porto Alto. A escolha, como já é do domínio público, veio a recair na região de Rio Frio, de cujas vantagens longamente se falou. Ouvimos, igualmente, que se projecta uma nova ponte sobre o Tejo, desta vez entre o Montijo e o Beato. Não será para já, já, mas tratá grandes vantagens para o escoamento do novo aeroporto.

Quanto ao planeamento de carácter económico, dois foram os concorrentes: uma firma americana e um consórcio alemão encabeçado por uma firma portuguesa. O estudo foi entregue à empresa americana.

Com o novo aeroporto ficaremos servidos até ao ano dois mil, já que a saturação do actual, localizado quase no centro de Lisboa, está prevista para 1980, o mais tardar. Mais nada.

estamos presentes em

ALBERGARIA DOS DOZE

O Banco Português do Atlântico, ao inaugurar a sua nova Agência nesta histórica «zona de povoamento que resistiu a todas as calamidades do domínio árabe, germano e romano»,

põe também à disposição do público e das actividades económicas locais uma centena de estabelecimentos espalhados por todo o Continente e Ilhas Adjacentes. Estrada Nacional n.º 350



BANCO

PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Apoio firme ao trabalho nacional



Sociedade operária promove Festival de Teatro

Durante os meses de Novembro e Dezembro vai o Grupo Cénico da Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António Aguiar realizar um festival de Teatro no qual participam grupos amadores de todo o país.

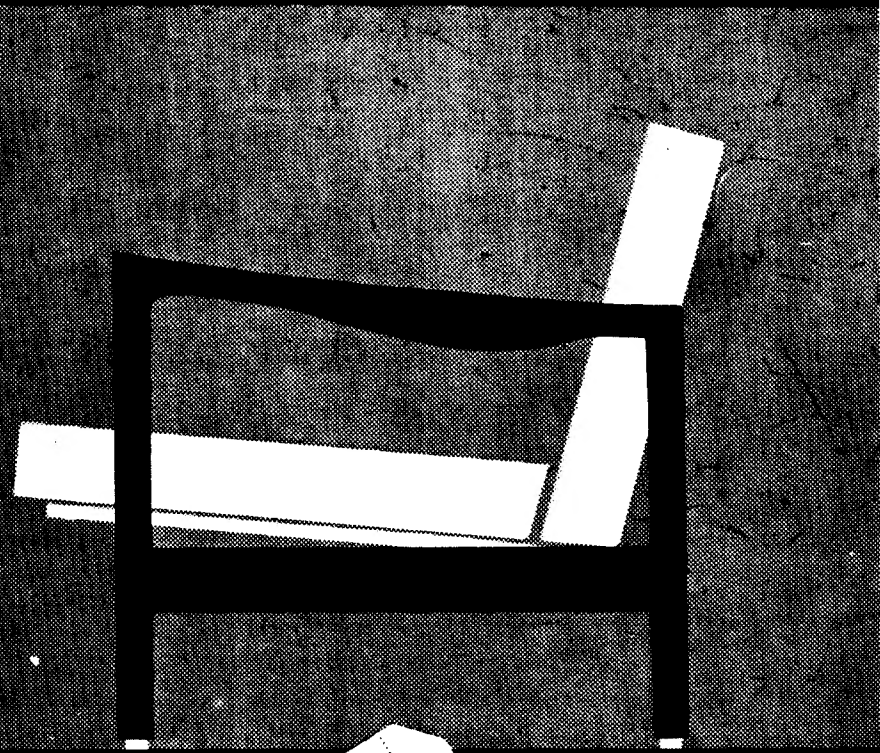
Está garantida a participação dos seguintes Grupos: «Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)» que representa «WOYZECK» de Georg Büchner, para adultos e «O PALHAÇO TROCA O Passo» para crianças. O Grupo de Teatro do Circulo Cultural

do Algarve, representa «O ALBERGUE NOCTURNO» de Máximo Gorki, para adultos, e os «TITERES DA CACHAPORRA», de Lorca para crianças. O Grupo de Teatro de Campolide Atlético Clube apresenta «A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA» de António José da Silva, O JUDEU. O Conjunto Cénico Caldense representa «MORTE E VIDA DE SEVERINA», de João Cabral Neto. Os Modestos do Porto, apresentam «HISTÓRIAS PARA SEREM CONTADAS» de Os-

waldo Dragun e o nosso Grupo Cénico apresentará «DENTE POR DENTE» de William Shakespeare.

Com o fim de participarem nos colóquios sobre Teatro incluídos no Festival, foram convidados: «CRÍTICOS» — Urbano Tavares Rodrigues, Manuela de Azevedo e Carlos Porto. «DRAMATURGOS» — Bernardo Santareno, Luzo Soares e Stau Monteiro. «ACTORES» — Costa Ferreira, Fernando Gusmão e Rui Mendes.

abertura na cidade



Vai inaugurar a sua
FILIAL DA ESTEFÂNIA

QUALIDADE EM MOBILIÁRIO
AO RITMO DO PROGRESSO

JOSE OLAIO & Cª (FILHO) Rua da Atalaia 38 Lisboa

NACIONAL RÁDIO, S. A. R. L.

Informamos os n/ estimados Agentes e Clientes que todos os n/ serviços se encontram encerrados na próxima 2.ª feira 14, reabrindo no dia 16 de Agosto.

DL/ESPECTACULOS

GRÁTIS! GRÁTIS! GRÁTIS!
HOJE

FEIRA POPULAR de LISBOA

Organizada a favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
A TRADICIONAL E SEMPRE DESEJADA
NOITE DO MILIONÁRIO
5 000—BRINDES—5 000

às primeiras 5000 pessoas que adquiram bilhete de entrada
NA FEIRA A PARTIR DAS 20 HORAS

- * Uma nota de 1000\$00 que fará o milionário da noite
- * Milhares de entradas e viagens nos divertimentos
- * Centenas de furos nas caixas de chocolates e bolachas das melhores marcas representadas na Feira
- * Provas de bons e categorizados vinhos
- * Garrafas de vinho verde Montanhez e dos afamados vinhos de mesa Rosal e Faisão

As 23.45 horas: SORTEIO DE 5 ÓPTIMOS PRÉMIOS

- * Um fogão a gás
- * Uma panela de pressão
- * Duas máquinas de picar carne
- * Uma caixa com 13 garrafas de vinho «Montanhez»

Além de tudo isto também ficará habilitado à oferta diária da Climax Portuguesa — Equipamentos e Mobiliário de Conforto, S.A.R.L., um confortável colchão «Climax».

DIVIRTA-SE NA FEIRA E GANHE PRÉMIOS
ABERTURA ÀS 19 HORAS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Gil Cristóvão Gonçalves. «Agência de Publicações» — ELVAS

Em ARRAIÓLOS o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Henrique Sylles Rosado.

“Tarantula” de Bob Dylan um mergulho no fantástico

Apercebendo-se certamente do êxito obtido por alguns produtores da «contra-cultura» em determinados sectores as «Editions Christian Bourgois» continuam a traduzir e a publicar as obras mais representativas Burroughs, Ginsberg, Pelieu e Leonard Cohen. Do último, foi recentemente lançada no mercado uma importante antologia de poemas, que abrange os textos cantados e os de interesse puramente literário. Cohen declarou, entretanto, que tencionava reduzir progressivamente o número dos seus concertos para se dedicar por completo à produção literária. Livros como «The Favourite Game» traduzido em francês pela 10/18, mostram que talvez seja esse o caminho mais certo.

Coube agora a vez a «Tarantula», um livro feito para provocar o leitor médio americano, normalmente divorciado das propostas de Ginsberg e da linguagem forte de Ferlinghetti. Perante «Tarantula» a dúvida cede lugar ao espanto. Fraude

ta de organização e de sentido.

«Tarantula» é um discurso torrencial povoado de fantasmas e de sinais dificilmente referenciáveis a qualquer realidade concreta. Transformado em caos literário e sintático «Tarantula» mostra-nos uma América monstruosa, apenas recuperável através do exorcismo da palavra, da magia complexa do estilo.

Subvertendo a lógica mais elementar do discurso e esvaziando de sentido grande parte das frases Dylan consegue dar ao seu livro uma misteriosa «coerência» da qual o leitor se apercebe apenas, quando aceita o desafio de lê-lo sem interrupções.

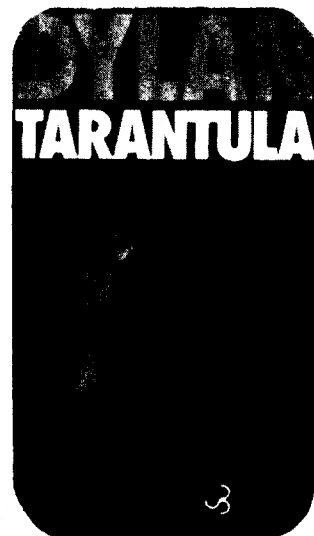
E, afinal, na desorganização, que reside a genialidade de «Tarantula», um livro feito para provocar o leitor médio americano, normalmente divorciado das propostas de Ginsberg e da linguagem forte de Ferlinghetti.

Perante «Tarantula» a dúvida cede lugar ao espanto. Fraude

ou obra-prima? Interrogar-se-á o leitor desprevenido. Colocada como testemunha do delírio intencional de Dylan, qualquer pessoa estremece. Outra coisa não seria aliás de esperar: fazendo tábua rasa de todos os valores tradicionalmente aceites (o tempo, o espaço, a moral, a lógica) o autor tem o arrojo de contemplar o seu próprio suicídio declarando «aqui jaz Bob Dylan».

Retomando com sensíveis alterações a loucura de Rimbaud Dylan dá de si próprio uma imagem corajosa recheada de símbolos e de alusões que, nem por se encontrarem envolvidas numa atmosfera delirante, são menos eficazes, a nível literário, que os seus textos cantados.

Embora consideremos «Tarantula» intraduzível, achamos louvável o esforço de Hedayat, que parece ter feito uma abordagem inteligente da obra. Escapando, embora, ao circuito dos «realismos fantásticos» «Tarantula» é uma peça obrigatória pa-



ra o entendimento da complexa personalidade de Bob Dylan.

JOSÉ JORGE LETRIA

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIARIAS

DOMINGO, AO ALMOÇO, ORQUESTRA

PRIVATIVA CESTE RESTAURANTE (M 15 anos)

RESTAURANTE POMBALINO

ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS

TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELLA A VALENCIANA

PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim) Telef. 2433878

RESTAURANTE VELEIRO

PRAIA DE CARCAVELOS

NOVA GERÊNCIA

DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

RESTAURANTE SNACK-BAR Collina

Rua Filipe Folque, 46-A Telef. 560209

AMANHÃ BACALHAU SÁBADO DOBRADA A COLLINA

A CARRUAGEM

BAR * RESTAURANTE * SNACK

DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE

ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA

AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS

RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE E BAR DO HOTEL ALVORADA ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA E VARIADA

(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes) Telef. 260070 (Frente do casino)

ADEGA MESQUITA

jante

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

UMA HISTÓRIA DE AMOR IMORTAL

TÍTULO: HISTÓRIA IMORTAL (Histoire Immortelle) REALIZAÇÃO: Orson Welles, 1968 (Inglaterra - França)



HOJE ÀS 10, ÀS 22 H.

CORRIDA DA IMPRENSA

A HORA DA VERDADE NO CALENDÁRIO TAURINO



M. CONDE



A. TERUEL



M. BATISTA



CHIBANGA

Grupo de forcados amadores de SANTAREM

8 TOIROS DE OLIVEIRA IRMÃOS

INTERPRETES: Orson Welles, Jeanne Moreau, Roger Coggio, Norman Eshley, Fernando Rey, etc.

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo.

ESTREIA: Cinema Apolo 70 (28 - 7 - 1972)

E difícil criticar «História Imortal». Na verdade, quem é o Raúl Calado para apreciar um filme de Orson Welles? Se o cinema revelou alguns génios (Eisenstein, Buñuel, eu sei lá...), como se pode fazer algo diferente do que extasiarmos-nos perante as suas obras?

Mas, para lá disto, nós podemos gostar ou não gostar. Melhor, amar ou não amar. Welles é grande — mas escusava de nos recordar em cada filme, em cada momento, essa grandeza. Welles aparece-nos quase sempre como um homem, um génio é claro, mas que a si mesmo se considera um ser superior, que comanda todos os cordelinhos, que despreza o mundo em que vive (e nosso, não é?), para

Crítica de RAUL CALADO

evidenciar que o transforma, o move a seu bel - prazer.

E isto, mesmo num génio, é irritante. Porque, com todo o seu talento, Welles é igual a nós, está sujeito à sua classe, às forças económicas sociais e políticas que nos determinam a todos. E quando parece querer falar-nos da sua onipotência, está realmente a mentir.

«História Imortal» é uma história de amor. E também uma história de amor comandada por Orson Welles. E ele que arranja tudo, manda em tudo, prevê tudo. História bem contada, bem dirigida, bem filmada? Welles é um artista e tudo sai em conformidade.

E indispensável ver os seus filmes, todos. «História Imortal» também. Mas, este modesto escrevinhador sempre pode dizer que gostou com sérias reservas. Um génio também pode ser humano e humilde. Talvez até deva.

VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro

Público do Porto apoia Florência

Está a soar a hora! A classificação que hoje publicamos é a penúltima, e corresponde, precisamente, ao último dia de votação. Até logo, à meia-noite, os nossos serviços do 1.º andar da Rua Castilho, no n.º 185, estão abertos à recepção de mais votos. As últimas, as últimas cartas dos grupos de apoio aos intérpretes mais votados. A regularidade dos amigos de José Afonso tem sido impressionante. Dia a dia, umas vezes mais, outras menos, mas sempre em grande quantidade, os votos para ele não deixam de chegar. Pergunta-se: chegarão?

Porquê? Estarão os seus «fans» a guardar forças para a última parte do «sprint»? Talvez.

Conforme o combinado, damos hoje a classificação dos dez primeiros, a poucas horas do encer-



ramento da votação. Como sempre acontece nestas coisas de votos, sabemos que vai haver grande movimento até

ao fim do dia. Contamos com ele, pois há sempre quem «guarde para amanhã o que pode fazer hoje»... Eis os dez primeiros. Sê-lo-ão daqui a pouco?

Notemos, entretanto, que a votação para Florência foi, de ontem para hoje, fabulosa. Como será hoje? **Fazemos saber aos nossos leitores que daqui a poucas horas termina a votação, embora se aceitem os votos vindos pelo correio desde que tragam data de expedição (carimbo) de dia 10. Eis a penúltima classificação:**

1.º José Afonso	13 371
2.º Florência	7 126
3.º Duarte Mendes	6 728
4.º Humberto Mascarenhas	2 024
5.º José Cid	1 942
6.º Isabel Fontes	1 364
7.º Maria de Lourdes Resende	877
8.º José Jorge Letria	551
9.º Paco Bandeira	415
10.º António Calvário	310



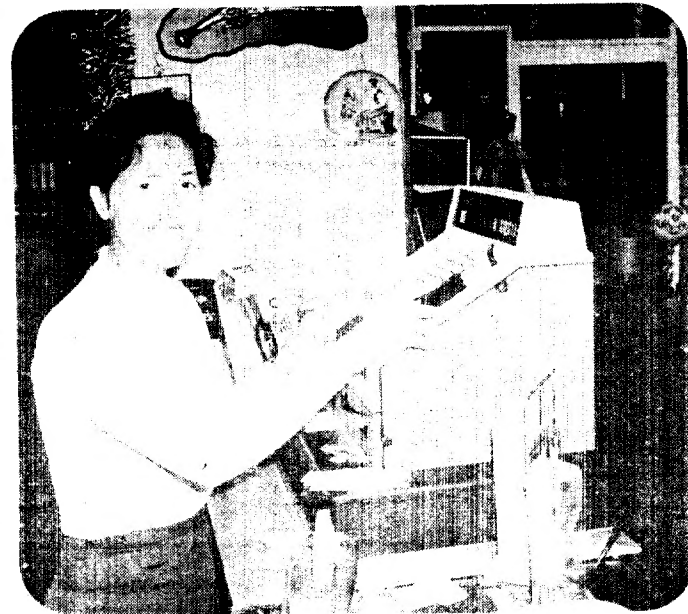
Tony de Matos, juntamente com Raimundo e Tino Costa, vai estar presente no salão de Festas do Vitória Clube de Lisboa, no próximo dia 11 de Agosto, em comemoração do 28.º aniversário da colectividade.

Valentina Félix, fadista e cancionista muito conhecida da nossa praça, está agora nos EUA onde é proprietária de um restaurante. Ela na foto que reproduzimos, não restam dúvidas, pelo ar que apresenta, quanto à satisfação que lhe proporciona a sua nova situação.

A banda da Força Aérea, em colaboração com os Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa dá hoje concerto público, pelas 17 e 30, no Jardim da Estrela.

«Vilão das Furnas», o filme de António de Campos que tem estado na berra, será projectado hoje, pelas 21 e 30, na sede do Cine Clube Imagem, Rua D. João V, 26-3.º Dt.º Lisboa.

Já falta pouco para que o programa «Semi-Breve», produzido por Carlos Cruz, dê os primeiros passos no pequeno ecrã.



Valentina Félix

Estão em curso diligências para que o Grupo Gulbenkian de Bailado, em triunfal digressão por terras do Brasil, se apresente de novo na cidade de São Paulo, depois do clamoroso êxito obtido no segundo espectáculo efectuado naquela cidade. Para já, podemos adiantar que essa

apresentação está a ser anunciada com grande promoção e deverá realizar-se, caso tudo se concretize, no Palácio das Convenções, no Parque Anhembi. O espectáculo destinar-se-á especialmente a estudantes e às camadas populares, segundo se anuncia.

ATUNEIROS DE CABO VERDE QUEREM PESCAR EM ANGOLA

LUANDA, 10 — (ANI) — Cabo Verde pretende prospectar com os seus barcos as possibilidades de pesca de atum, na costa de Angola, tendo, para tal, solicitado o apoio das entidades oficiais ligadas ao sector — revela o Instituto das Indústrias de Pesca de Angola.

Ao que parece esta iniciativa vai ser bem acolhida por vir competir com as frota estrangeiras que exploram a pesca do atum, que não tem sido devidamente aproveitada pelas empresas angolanas, devido à falta de embarcações atuneiras apropriadas.



Toda a nossa dinâmica tem sido orientada no sentido de prestar melhores serviços. E não paramos... certos de que estamos no bom caminho.

Por isso, toda a nossa dinâmica tem sido orientada no sentido de prestar melhores serviços. Aproveite-os. Com toda a amizade.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

DL/GERAL

PIANISTA PORTUGUÊS PREMIADO EM FRANÇA

Na cidade de Saint Germain-En-Laye, em França, cidade natal de Clude Debussy, realizaram-se recentemente as provas do 5.º Concurso em honra do grande Compositor Francês. O Concurso Debussy encerra o **Juillet Musical**, Curso Internacional de Interpretação, regido este ano, por Yvonne Lefebvre e Pierre Bernac, por onde obrigatoriamente possam os concorrentes para uma primeira selecção. Entre os trinta e três pianistas de vinte e cinco nacionalida-

des foram escolhidos dez, representando a Polónia, a Hungria, a Bulgária, a Suíça, a Inglaterra, o Uruguai e Portugal, que se apresentaram perante um júri internacional. Dos candidatos seleccionados constavam diversos premiados em concursos de prestígio, como o Concurso Internacional de Génève, o Concurso Cziffra, o Concurso da BBC de Londres, etc.

A primeira distinção foi atribuída «Ex Aequo» aos pianistas Adriano Jordão, Bolseiro da Fundação Gulbenkian, e ao inglês Antony Peebles (já titular do 1.º prémio no oitavo concurso em Londres) tendo os restantes prémios sido atribuídos sucessivamente aos representantes da Bulgária, do Uruguai e da Hungria.

A crítica do jornal «Figaro» salientou, por forma bem evidente, as qualidades pianísticas do artista nosso compatriota, considerando-as, mesmo, superiores à do outro candidato que obteve o 1.º Prémio «Ex Aequo».

O Prémio Debussy é um dos mais importantes prémios franceses; a própria família do Compositor, representada por Madame De Tinan, associa-se à organização oferecendo o segundo prémio, sendo o primeiro prerrogativo das entidades oficiais de Saint Germain-En-Laye.

Estágio no I.N.E.F. PROFESSORES PRIMÁRIOS APRENDEM EDUCAÇÃO FÍSICA

Começou há cerca de uma semana no Centro de Estágio do I. N. E. F. um curso de Edu-

cação Física para cento e dois professores do Ensino Primário de onze distritos do Continente, prolongando-se até ao dia 18 do corrente mês. O curso visa uma formação acelerada de professores primários, com o objectivo de levar a generalidade das crianças à prática da Educação Física.

ALBANO SIMÕES LAVOURA

Faleceu o sr. Albano Simões Lavoura, de 72 anos e residente em Aguada de Baixo (Aguada). O extinto era casado com a sr.ª D. Ana Lopes de Jesus Lavoura e era pai do dr. Rúben Lopes Lavoura.

O funeral realizou-se hoje, às 12 horas, da Igreja de S. João de Deus em Lisboa, para jazigo de família na terra da sua naturalidade.

Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Mega.

A iniciativa da organização partiu do prof. Valdemar Caetano, inspector do Ensino Básico da Zona Centro, sob o patrocínio da Direcção-Geral dos Desportos. Prevê-se que até 1973 cerca de 3 mil professores seguirão o curso. Integrado na mesma iniciativa haverá no dia 24 de Setembro o I Colóquio Nacional de Prática Desportiva no Ensino Primário.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.



JOGO DO GALO CONCURSO

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

SESSÃO nº _____

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CONCURSO - JOGO DO GALO -

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 0 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

Informação das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique o soldado número 18835271, José Fernandes Joaquim, natural de Góis, filho de Manuel Joaquim e de Albertina Jesus; na província de Angola, o soldado número 11496770, José Maria Soares, natural de Odemira, filho de Francisco Soares e de Bárbara Maria, e o soldado número 15092169, António Sousa Pinto, natural de Estarreja, filho de Manuel Joaquim Ferreira Pinto e de Maria José Pereira Sousa.

Dr. Anibal Cardoso e Cunha

Faleceu o dr. Anibal Cardoso Cunha de 70 anos de idade, natural de Vila Franca da Serra, concelho de Gouveia, médico da Maternidade Pro-Matri, irmão do sr. prof. João Cardoso da Cunha, e da sr.ª D. Leontina Cardoso da Cunha Pinto, tio do sr. dr. João Cardoso e Cunha e do sr. eng. António José Batista Cardoso e Cunha. O funeral realiza-se amanhã dia 11 pelas 6 horas de Igreja de S. João de Deus (sala F) para o cemitério de Vila Franca da Serra. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Augusto de Oliveira de Campolide.

VIANA RECLAMA NOVA PONTE

Na última reunião da Câmara Municipal de Viana do Castelo, e por proposta do sr. dr. Correia Botelho, foi resolvido solicitar, por intermédio do governador civil, ao sr. ministro das Obras Públicas a construção de uma nova ponte naquela cidade, uma vez que o tráfego existente é já muito intenso e aumentará ainda quando entrar em funcionamento a indústria da celulose.

CONHEÇA A EUROPA EM AUTOCARRO

NAS SUAS FÉRIAS
DESTE ANO



VIAGENS ACOMPANHADAS
POR GUIAS COMPETENTES
Partidas de Lisboa, Porto,
Faro e Funchal
Acomodação em bons Hotéis

- Circuito Andaluzia e Marrocos (14 dias) 12 300\$00
- Circuito da Checoslováquia, Hungria e Jugoslávia (15 dias) 11 450\$00
- Circuito Veneza e es Dolomites (7 dias) 7500\$00
- Circuito da Áustria (7 dias) 8400\$00
- Circuito Rússia e Escandinávia (23 dias) 20 900\$00
- Circuito da Grécia e Itália (19 dias) 16 210\$00
- Circuito do Benelux (14 dias) 7500\$00
- Circuito Escócia Clássica (7 dias) 5450\$00
- Circuito Lourdes e Andorra (7 dias) 2950\$00
- Circuito Madrid, Paris e Londres (14 dias) 8300\$00

E muitos outros destinos
Pague suavemente com o
CREDI-STAR
Consulte-nos e peça o livro

VIAGENS STAR 72



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria e Papalaria «Reliquia-Novidades», Quinta S. João, 3 — REBELVA — CARCAVELOS

ATENÇÃO

As pessoas que disponham de importâncias superiores a 7500\$00 e que desejem participar dos benefícios do desenvolvimento industrial português, cedem-se acções do que virá a ser um dos maiores complexos industriais de fabricação de tintas e vernizes da Península Ibérica, dimensionado a nível do Mercado Comum e da E.F.T.A.. Respostas solicitando contacto a Sincron, Tintas e Vernizes, S.A.R.L., Rua do Loureiro, 24 Avelro

THE KING OF WHISKIES



PRODUCED AND BOTTLED
IN SCOTLAND

MONUMENTAL

HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos

VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO

NA GRANDE REVISTA
POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS

* IRENE ISIDRO *
* JOSÉ DE CASTRO *

LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CESAR * VICTOR MANUEL

**PICCADILLY
STARS BALLET**

3.º MÊS,
Mais de 60 figuras em cena

ROMA
GRUPO D - 18 ANOS

ESTREIA AMANHÃ

UM ESPECTÁCULO NOTÁVEL!
O DOMÍNIO INCENDIÁRIO DOS CANGACEIROS
NO NORDESTE BRASILEIRO!

O LAMPIÃO

(2. CANGACEIRO)

**TOMAS
MILIAN**

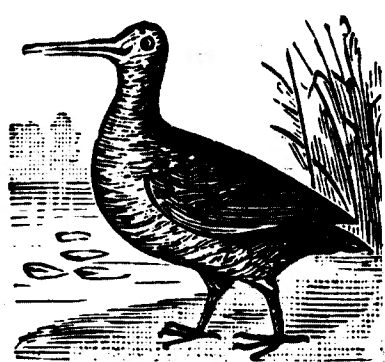
UGO PAGLIAI
HOWARD ROSS

Realização de
GIOVANNI FAGO

TECHNICOLOR - CINEMASCOPE



T36-72 84D



milhares de peças de caça

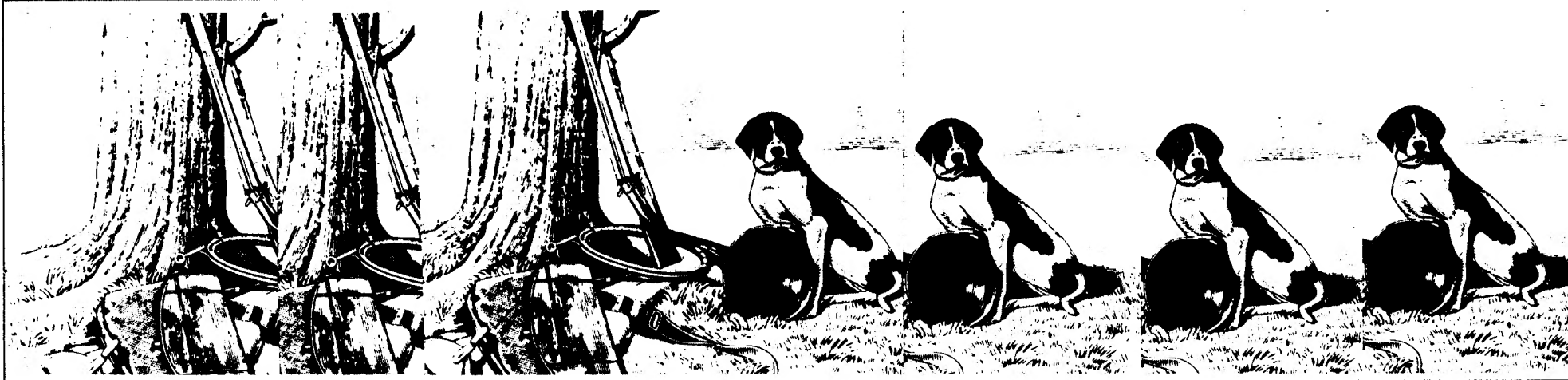
Nas herdades da Torralta a caça abunda vivendo livremente, correndo quilómetros e quilómetros nos espaços que os caçadores entusiastas da caça a salto percorrerão, perseguindo-a com ímpeto desportivo.

Preparando-se para proporcionar caça aos milhares de caçadores que a procuram a Torralta cumpre a sua vocação turística de empresa dinâmica que não descarta nenhum sector susceptível de influenciar directamente os fluxos do Turismo.



TORRALTA

o turismo pensado no presente para o futuro



hoje inauguração 18as 24h



MOBILIÁRIO MODERNO... DIFERENTE

TECIDOS
ADORNOS
CANDEEIROS

avenida miguel bombarda 21/a lisboa

DL / NACIONAL

MINI-JORNAL

Iniciam-se na próxima sexta-feira, com uma recepção ao secretário de Estado da Informação e Turismo e ao governador do distrito de Setúbal, as Festas do Barrete Verde e das Salinas da vila de Alcochete. Estas contam com sete largadas de touros, uma gincana e uma prova de motonáutica, corridas de toiros, variedades, fogo de artifício, etc.

Na Charneca da Caparica, de 12 a 20 deste mês, voltam a realizar-se, este ano, as Festas Populares, pretendendo a comissão organizadora chamar a atenção do público para as belezas naturais da localidade que em muito podem contribuir para afluência aos festejos. Quem lá se deslocar poderá assistir ao desempenho de ranchos, bandas, artistas de variedades, participar em bailes, provas desportivas, etc.

A fim de tentarem encon-

trar a linha adequada de actuação a nível sindical, têm vindo a reunir-se as assistentes sociais de vários sindicatos como, por exemplo, o dos Metalúrgicos de Lisboa e Porto, Profissionais de Escritório de Lisboa, Seguros de Lisboa, Costureiras de Lisboa, Carregadores, Descarregadores e Estivadores de Lisboa. A última reunião teve lugar em 31 de Julho passado, no Sindicato das Profissionais do Serviço Social.

O Grupo Desportivo de Sesimbra comemora hoje as suas bodas de prata, data que será assinalada pela inauguração de um «estandarte de honra» e pela apreciação dos trabalhos de construção do ginásio-club da colectividade.

Um grupo de sócios do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, representantes da secção

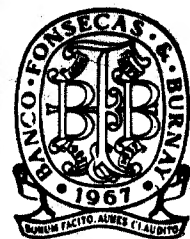
de actividade «Educação e Assistência», dirigiu-se à direcção cessante do Sindicato no sentido de lhe ser concedida autorização e apoio técnico para se constituir um Grupo de Trabalho com o objectivo de apresentar um Contrato Colectivo de Trabalho ao respectivo Grémio.

Esta diligência deve-se ao facto de, em reunião realizada a 9 de Julho passado, muitos profissionais ao serviço das Casas de Saúde terem manifestado o desejo de ver as suas situações regulamentadas por uma convenção colectiva.

Inaugura-se hoje no Museu de Angra do Heroísmo uma exposição de trabalhos da pintora Maria Brígida que, tendo exposto com assinalado êxito no país e no estrangeiro, assim realiza a sua 16.ª exposição individual composta por vinte e cinco quadros a óleo.

Sob o patrocínio do Sport Lisboa e Fanhões realizam-se nos dias 12, 13, 14 e 15 de Agosto próximo naquela localidade diversas solenidades desportivas e culturais.

Acaba de ser distribuído o primeiro número de «Binómio», órgão da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico desde que aquela associação foi reaberta. Além do editorial, o n.º 51 do «Binómio» datado de 28/7/72 apresenta um longo artigo sobre a reabertura da AEIST, reprodução do noticiário publicado na imprensa estrangeira sobre os incidentes naquele instituto, uma lista dos estudantes que foram a exame apesar da decisão em contrário na RGA, e outras notícias do mundo estudantil, entre as quais se destaca uma referente à posição dos estudantes dos liceus do Porto, face aos exames de aptidão.



BANCO FONSECAS & BURNAY

TEM O PRAZER DE PARTICIPAR
A INAUGURAÇÃO
(EM INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS)
DA SUA NOVA DEPENDÊNCIA EM

LISBOA

Av. 5 de Outubro, 96-A

FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente



CLAUDE LELOUCH TRIUNFA



cela est drôle
comme Chaplin

Smic Smoc Smoc
est quelque chose
comme un
chef-d'œuvre

Lelouch et le retour de
Laurel et Hardy

COM
CATHERINE ALLEGRET
AMIDOU
JEAN COLLOMB
CHARLES GERARD
FRANCIS LAI



Lelouch mérite
les plus vifs éloges

On dirait des
personnages de Pagnol

On pense à Sacha Guitry

Lelouch ce fou du cinéma
vient encore de réussir
un joli coup

2ª SEMANA

O MAIS DIVERTIDO FILME
DE

CLAUDE LELOUCH

Grupo D. 18 anos

Externatos AV. DA REPÚBLICA, 83-52
TEL. 77 90 47 - 76 96 20

CRISFAL

LICEU — CICLO PREPARATÓRIO
MANHÃ — TARDE — NOITE

DL / NACIONAL

CAÇA À MOEDA BRANCA

Alastra a caça à moeda branca de cinco e de dez tostões. Cresce o número de colecionadores na esperança de que o pé-de-mêia agora amealhado, triplique num futuro mais ou menos próximo.

Sintoma desta autêntica febre numismática é a procura que se faz sentir nas livrarias do «Preçário de moedas de Portugal», que é indicado como um «best-seller» nas últimas semanas.

Nas estações dos caminhos de ferro as bilheteiras lutam com imensa dificuldade de trocos. Os motoristas de táxis raramente recebem moedas brancas, os transportes públicos idem e não tardará o momento em que constituirá uma surpresa vermos na nossa mão uma «coroa» das antigas...

Há serviços públicos, porém, que funcionam com essa moeda. Na estação dos correios dos Restauradores, a máquina de venda

de postais só trabalha com moeda antiga. Para tanto lá está um letreiro - aviso. Uma empregada de serviço ao «guichet» esclarece-nos:

É raro aparecer agora uma moeda dessas. Há mesmo pessoas que vêm pedir-nos para fazermos trocos dando-lhes moedas de cinco e dez tostões das antigas. Mas nós não temos. Não é má vontade. É que não temos mesmo.

Na estação da linha do Estoril em Alcântara foi afixado um letreiro: nele se pede aos passageiros para facilitarem os trocos dada a carência de moedas de cinco e dez tostões. O sr. Abel Macedo da Silva, que estava de serviço, esclareceu-nos:

Só recebemos moedas brancas de estrangeiros. São os únicos que não as guardam. Os outros até nos pedem trocos nessas moedas. Mas repare... só aqui tenho vinte escudos em moeda branca e quando por acaso dou destas moedas em trocos, as pessoas ficam muito surpreendidas.

O sr. Macedo não faz colecção nem sabe se essas moedas têm ou não o valor que por aí se diz.

Aos domingos continua os trocos são um inferno. Ninguém dá dinheiro trocando... É moeda branca? Nem vê-la!

Do mesmo se queixou o motorista José Luis, da Praça de Lisboa.

Não entendo por que desapareceram as «coroas» e as moedas de dez tostões. Mas que desapareceram é um facto. Já

lhes não conheço o peso, há muito tempo... e agora, quando apanho uma, guardo-a. Não sei se valem. Ainda não me informei. Mas pode ser que sim, que venham a valer mais...

Influenciados talvez por esta vaga de assalto à «coroa» os que a recebem numa papelaria põem-na de parte com cuidado. E deste modo espera-se começar a fazer uma grande fortuna...



— Máquina de postais só funciona com moeda antiga

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C E A L
S. A. R. L.

Capital: 70.000.000\$00

SEDE:

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 5.º a 7.º
LISBOA - 1

Tendo-se procedido em 25 de Julho p.p. ao sorteio de obrigações desta Companhia de 5% 1959 foram extraídos os seguintes números:

33021	34011	35031	35481
33028	34017	35050	36036
33059	34021	35051	36087
33105	34053	35090	36138
33111	34057	35099	36173
33134	34089	35123	36194
33148	34091	35126	36198
33186	34111	35155	36219
33215	34196	35160	36220
33237	34203	35171	36239
33260	34211	35173	36288
33270	34213	35207	36307
33271	34255	35221	36308
33273	34271	35306	36331
33285	34278	35310	36332
33289	34281	35356	36335
33356	34359	35369	36355
33388	34362	35384	36361
33408	34372	35405	36394
33436	34382	35413	36453
33448	34424	35430	36599
33461	34488	35432	—
33484	34496	35472	—

Lisboa, 8 de Agosto de 1972

Ó PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Aliança Eléctrica do Sul, S. A. R. L.

Francisco Corrêa Figueira

AFONSO MARCHUETA EM MARVILA

O dr. Afonso Marchueta, governador civil do distrito de Lisboa, visita no próximo domingo a freguesia de Marvila, a fim de presidir, pelas 17,30 horas, na sede da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885, à sessão de encerramento das comemorações do 87.º aniversário da aquela popular colectividade.

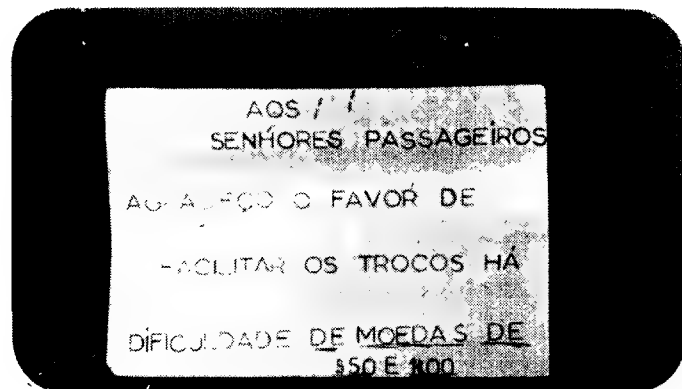
Na referida sessão o governador civil procederá à distribuição de emblemas aos associados da Sociedade Musical 3 de Agosto que completaram 25 anos de filiação.

MORRER AOS 20 ANOS

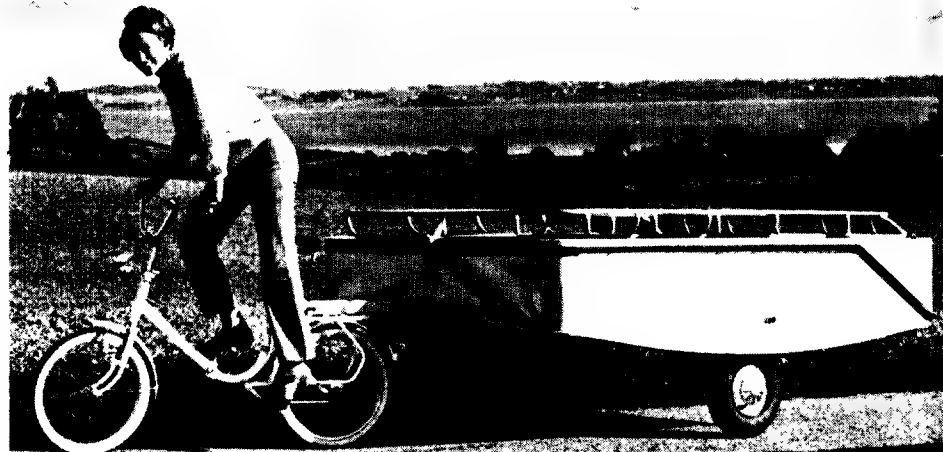


Casada aos 17 anos, mãe aos 18, apaixonada pelo marido, pela filha, pela vida; poeta e mulher de grande entusiasmo e vitalidade, Lyn iria aos 20 anos conhecer uma morte atroz, depois de meses e meses de sofrimento, com todo o organismo devorado pela mais terrível das doenças: o cancro.

Leia o dramático relato do último ano da sua vida no número de Agosto de Selecções do Reader's Digest. Compre já o seu exemplar.



Apelo aos passageiros na Estação de Alcântara

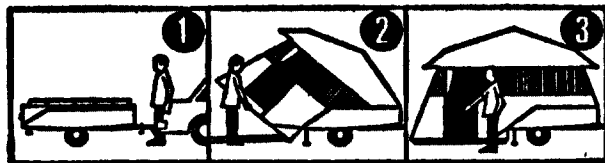


COMBI-CAMP 500

A SUA CASA DE FÉRIAS SOBRE RODAS

O MAIS PEQUENO CARRO A PODE REBOCAR

PESA APENAS 190 KGS.



DE ATRELADO A TENDA EM 10 SEGUNDOS — FACILIDADES DE PAGAMENTO

EXPOSIÇÃO | CAMPINAUTICA — Av. Almirante Reis, 89-C
CASA SENNA — Rua do Crucifixo, 75-2.º — LISBOA

Fundação Calouste Gulbenkian —BOLSAS DE ESTUDO—

SERVIÇO DE MÚSICA

De 10 a 31 de Agosto do ano corrente, estará aberta a inscrição para bolsas destinadas ao prosseguimento de estudos no País, a que podem concorrer alunos dos cursos gerais ou superiores do Conservatório Nacional de Música e das Escolas de Música oficializadas que se encontrem nas condições gerais do respectivo regulamento. No ano escolar de 1971/1972 estiveram em vigor 54 bolsas. Os beneficiários destas bolsas têm prioridade na obtenção de bolsas da mesma categoria para o ano lectivo de 1972/1973, desde que se encontrem nas condições regulamentares a que obedece a respectiva prorrogação. O número total de bolsas a atribuir, nesta categoria, incluindo as bolsas renovadas e as novas bolsas, não deverá exceder 60.

SERVIÇO DE BELAS-ARTES

Dentro do mesmo prazo, estará aberta a inscrição para bolsas de estudo no País, destinadas à frequência da Secção de Teatro do Conservatório Nacional e dos cursos professados nas Escolas Superiores de Belas-Artes e na Secção de Artes Plásticas da Academia de Música e Belas-Artes da Madeira. Para o ano lectivo de 1972/1973 prevê-se a renovação de 37 bolsas das vigentes no ano escolar de 1971/1972, e o número máximo de novas bolsas a conceder será de 40.

Na atribuição de bolsas, atender-se-á às classificações dos candidatos, às condições económicas dos respectivos agregados familiares e ainda a todas as demais circunstâncias que possam justificar uma preferência.

Os candidatos deverão dirigir-se, dentro do prazo estabelecido, à Fundação Calouste Gulbenkian—Avenida de Berna, Lisboa—, onde lhes serão fornecidos exemplares dos boletins de inscrição e dos regulamentos.

DL/GERAL

ORA DIGA-NOS ...

GOSTA DE GEMADAS?

A negligência do controlador de uma máquina de gestação artificial, pertencente a um aviário da Beira, provocou a queda de vários tabuleiros peçados de ovos, que, acto contínuo, se partiram. Na gigantesca e inesperada gemada perderam-se cerca de quinze mil ovos, enquanto o descuidado controlador desaparecia em pânico para parte incerta. E vá lá alguém perguntar-lhe agora se «gosta de gemada».

Mas já Paulo Jorge, estu-



Mas gosto mais do sabor dos ovos, quando fritos ou estrelados.

António Rua, serralheiro civil nascido em Caminha, aproveitou a «deixa» para partir em busca do tempo perdido: «Na minha terra, nos bons velhos tempos, a rapaziada ia pelos campos e ovo que «topássemos» já não nos escapava: era logo bebido mesmo cru e tudo. De gemadas também gosto, mas aqui na cidade com o preço dos ovos não me posso meter muito nesses assados.



dante, «gosta de gemadas que se pela». E com um pouco de canela nem queira saber! Lá em casa até sou eu o mais valente e chego a «debulhar» duas e três por dia. Se a minha mãe tivesse galinhas de criação não havia ovos que ma safassem. Era uma alegria...

Manuela Queirós, modelo profissional, que parece não ter grandes problemas com a manutenção da linha ideal: «Uma boa gemada com cerveja preta é um alimento muito do meu agrado.



Parecer da Câmara Corporativa sobre gratificações de trabalho

A Câmara Corporativa enviou ontem ao Governo o seu parecer, com ligeiras alterações, acerca do projecto de decreto-lei sobre a prestação de subsídios ou gratificações previstos nas normas reguladoras dos contratos individuais de trabalho.

Aprovado o projecto na generalidade, transparece, no entanto, uma certa dissonância de conceitos acerca do «critério de assiduidade»:

«Antes de examinar na especialidade o texto do projecto de articulado apresentado pelo Governo há que determinar como elemento fundamental, se as motivações condicionantes da formulação a justificam ou não. Isto é, há que saber se a assiduidade deve ou não ser considerada como elemento adjectivo dos subsídios ou gratificações ou deve ser considerada, em si mesma, um elemento substantivo.

Parece deduzir-se do preâmbulo e do articulado do projecto que o Governo

se orienta para um entendimento no sentido primeiramente indicado, e como tal situa a assiduidade como elemento subsidiário e adjectivo — isto é, qualificativo — dos eventuais subsídios e gratificações, atribuídos estes como complemento das remunerações de trabalho ou forma de participação dos profissionais nos lucros das empresas.

Como tal, a assiduidade toma um aspecto frio de condicionante salarial ou gratificativa, surge estática no desenvolvimento da política do trabalho, é um facto sem alma nas relações laborais, numa palavra tem uma função negativa no contexto social.

Dentro deste quadro, é bem claro que o esquema definido pelo Governo na solução legislativa proposta é justificável, porquanto, considerando a «assiduidade» somente como condição sine qua non para atribuição de subsídios e gratificações (criando assim uma hierarquia salarial a lare da hierarquia salarial

contratual), não há que ter grandes preocupações para a graduar entre máximos e mínimos.

Mas, se porventura se pretende tornar substantivo o elemento «assiduidade» fazendo-o funcionar como um estímulo no que se refere à valoração relativa dos vários profissionais de uma empresa, já será necessário estabelecer um regime de graduação entre máximos e mínimos, independentemente de circunstâncias que a própria lei eventualmente ressalve.

Quer-se dizer, melhor explicando numa exemplificação breve, que definindo «assiduidade» como elemento substantivo nas relações de trabalho, não se poderá atribuir valor idêntico a um funcionário que nunca falta, e dá assim um notável exemplo de fidelidade ao trabalho e às suas consequências, e a um funcionário que, legalmente, dá todas as faltas que a lei lhe faculta, mas não constitui exemplo de respeito por si próprio e pela função e pelo que ela se reflecte — na

relativa quota-parte, obviamente — na produção da unidade industrial a que pertencem.

Aqui difere substancialmente, o conceito que de assiduidade tem a Administração e a função privada.

A Câmara, acentuando esta diferença, manifesta-se favoravelmente ao conceito substantivo de «assiduidade», o que a levará a propor, na especialidade, um sistema de graduação em termos de atender às apontadas diferenças de comportamento dos trabalhadores quanto a faltas ao serviço.

Por tudo isto — e com tudo isto — dá a Câmara a sua aquiescência na generalidade ao projecto ora apresentado.

Exprime contudo preocupação pelo facto de, na ânsia legítima de regulamentar, o diploma se venha a perder em certas generalizações menos convenientes.

Com ligeiras propostas de alteração foi aprovado na especialidade o projecto apresentado pelo Governo.

"O ensino secundário actual está condenado à morte"

- declara BERTRAND SCHWARTZ

GRENOBLE — «É preciso emprender uma revolução educativa de uma forma global; de contrário, penso que virão outras revoluções».

Foi assim que Bertrand Schwartz, conselheiro técnico encarregado da formação permanente junto do Ministério da Educação Nacional, concluiu a sua intervenção no decorrer de uma mesa-redonda reunida em Talloires (Alta Savoia) pela Federação Reno-Alpes das Associações dos Amigos da Universidade, subordinada ao tema: «Concepção do ensino na pers-



pectiva da formação contínua». Para Bertrand, o ensino dos jovens, tal como é praticado ac-

tualmente, serve para formar «adultos lentos». «No último ciclo, os jovens aborrecem-se. Como querem que eles se interessem, mais tarde, pela formação contínua?» — perguntou Schwartz.

Se «uma fonte comum do saber» deve ser mantida ao nível da escola primária, a transformação deve ser total no ensino secundário — condenado à morte na sua forma actual, já que nada lhe permitirá salvar-se». Para ter em conta, neste domínio, os elementos de informação que a «escola paralela da vida» traz às crianças, assim como a evolução psicológica e mesmo biológica, dos adolescentes, importa, explicou ainda Schwartz, «procurar uma pedagogia da escolha e do contrato». Assentando na ideia de que as crianças devem escolher «o domínio de aprofundamento que lhes agrade», esta pedagogia conduz a que se lhes deixe grande liberdade, o que implica que se seja, em contrapartida, «intransigente sobre a noção de esforço». Contudo, para evitar que as crianças não «entriquehem cedendo nas fileiras», estes métodos devem assentar, desde a origem, sobre a multiplicidade de disciplinas e autorizar, todos os anos, uma mudança de opção.

Sob esta perspectiva, afirmou Schwartz, os professores de amanhã serão chamados a desempenhar um papel de «mediadores», papel que será mais exigente, mas contribuirá para valorizar a sua missão.

em 3 linhas

No Diário do Governo foi publicado o Decreto n.º 281/72, emanado da Presidência do Conselho e que autoriza a Secretaria do Estado da Aeronáutica a celebrar contratos com entidades nacionais e estrangeiras, no ano económico de 1972, para prover à aquisição de bens duradouros e não duradouros e à aquisição de serviços.

Foram igualmente publicadas as Portarias n.ºs 445 e 446/72, Ministério das Comunicações, que mantêm em vigor as tarifas provisórias da Junta Autónoma dos Portos de Sotaventos do Algarve.

Em suplemento à folha oficial (II série), foram publicadas as listas adicionais às de 23 de Novembro de 1964 e de 27 de Outubro de 1965 dos técnicos de contas inscritos definitivamente e provisoriamente, na Repartição Central da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, nos termos das Portarias n.ºs 20.317 e 21.247.

Foram nomeados para os cargos de presidente da Câmara Municipal do Montijo, o tenente-coronel José Maria Barros Martins, e de vice-presidente da Câmara Municipal do Cartaxo, o dr. José Moreira dos Santos Rebordão.

AO IR PARA FÉRIAS

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR KONI

MELHOR ESTABILIDADE

MELHOR DIRECÇÃO

MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

Europa Maravilhosa e G.º Circuito Europeu

Espanha - França - Itália - Áustria - Suíça - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra

Saídas Semanais - Autopullman de luxo

abreu

LISBOA - Av. Liberdade, 140 - Tel. 320021
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 37921
COIMBRA - Rua de Soto, 2 - Tel. 27011

abreu A MARCA DE CONFIANÇA DESDE 1840

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diamantino da Silva, Rua Elias Garcia, 241-10. Esq.º AMADORA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Fernandes Coimbra e Sobrinho, Suc. VILA NOVA DE POIARES

VERBUM

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Av. Duque de Loulé, 86
3 Esq. Tel. 57413/51238

CRUZEIROS de VERÃO

«O modernismo & luxuoso paquete "FUNCHAL" com estabelecimento de balneio, se condiciona e PISCINA

MADEIRA e CANÁRIAS - 9 dias de viagem. Partidas: 07, 14 e 21.8. Preços desde (excursões incluídas) **3.900\$00**

MADEIRA e AÇORES - 11 dias de viagem. Partidas: 19.7, 11.8, 18 e 27.9. Preços desde (excursões incluídas) **4.750\$00**

ORGANIZAÇÕES DA CENTENÁRIA

abreu

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 37921
LISBOA - Av. Liberdade, 140 - Tel. 320021
COIMBRA - Rua de Soto, 2 - Tel. 27011

DL/REPORTAGEM

O VERÃO DOS ESTUDANTES SEM FÉRIAS

Livros abertos sobre a mesa de café, a chávena vazia esquecida da «bica» que se bebeu há muitas horas, o espaço onde os cigarros se transformam lentamente em fumo, o nervosismo tornado roer de unhas até ao sabugo e o olhar percorrendo a paisagem possível, perseguindo, talvez a recordação de praias, árvores, risos, tempo de férias, até se deter, por fim, sobre o livro onde a primeira página permanece intacta, à espera de um impulso capaz de vencer o sono, a fadiga, o tédio, o fardo de estar preso a um programa que não foi possível cumprir antes...

Estudantes em férias que o não são. Quase sempre, estudantes que o não são, também, simplesmente; antes, trabalhadores que procuram no estudo nas «horas vagas» a escada para a promoção profissional ou pessoal, um alargamento de cultura, o alimento para a sede de afirmação. Eles constituem, em grande parte, a população dos cafés e esplanadas, durante os meses de Verão, quando o sol da praia ou a frescura do campo constituem um chamamento a que chega a ser doloroso resistir. A preparação dos exames para a época de Outubro exige um esforço suplementar, quando ainda se não recuperou completamente do esforço despendido na época de Junho-Julho. Mas o sacrifício equivale, na maioria dos casos à possibilidade de passar de ano lectivo, ou de ingressar num grau superior de ensino. Outras vezes, é a simples rotina da vida de estudante, perante um vasto programa de matérias que não foi possível dominar durante o tempo lectivo normal.

Seja como for, as férias académicas raramente atingem os três meses convencionais e são, em muitos casos, puramente fictícias.

Num dos estabelecimentos «Itau» cuja frequência é essencialmente estudantil, há, na tarde mole de quarta-feira, apenas meia dúzia de mesas ocupadas. Estudantes, na totalidade. Um deles é Fernando das Neves Carvalho, de 23 anos. Na sua frente, um livro de Matemática.

— E para fazer a aptidão ao Instituto Comercial, em Outubro. Depois, penso ir para Económicas.

A história de Fernando Carvalho é semelhante à de muitos trabalhadores-estudantes.

VALERÁ A PENA?

— Os meus pais são trabalhadores rurais, vivem em condições económicas modestas. Por isso, logo que fiz a 4.ª classe, vim para Lisboa, entreguei a mim próprio. Tive várias profissões, desde empregado de leitaria, a empregado de escritório. Agora sou ajudante de despachante de alfândega, mas, actualmente, estou no serviço militar. Comecei a estudar à noite aos 16 anos e, desde então, praticamente, nunca mais tive férias. Até o facto de hoje estar no café a estas horas é excepcional, pois tive de pedir dispensa ao chefe.

O sacrifício do trabalhador estudante, representando uma vitória da vontade sobre o comodismo, é frequentemente apontado como «bom exemplo» aos filhos-família, para quem a subsistência não constitui preocupação. No entanto, os que se sentem obrigados a recorrer a esta dupla actividade, em prejuízo de tantas outras coisas de prazer imediato, muitas vezes se interrogam sobre se valerá a pena.

— No aspecto cultural, este

regime limita-nos um bocado. A aprendizagem é especializada e suficientemente absorvente para não deixar tempo para nos interessarmos por outras coisas. Compro muitos livros que não tenho tempo para ler, já que todos os momentos «livres são para o estudo. Vou lendo a «Seara Nova» e «O Tempo e o Modo», quando é possível, mas sinto necessidade de aprofundar certas matérias e vejo-me limitado em tempo.

O encerramento do Instituto Superior Técnico, durante parte do ano escolar, levou à criação de épocas especiais de exame

Mas, até de acordo com o espírito da Reforma, o que se pretendia era que a malta fizesse em cada época um número limitado de cadeiras. Penso que isso é perfeitamente possível.

Também a esplanada do Parque Eduardo VII constitui sala de estudo de frequência obrigatória para vários estudantes dos diversos graus de ensino. De certo modo, uma tentativa desesperada de respirar o ar puro que, em circunstâncias normais, se iria procurar fora da cidade.

— Estou a estudar Química do 5.º ano, para fazer exame em Setembro — diz-nos João

vil. Em certos dias, atingia a totalidade. Isso criou-me um certo receio, pois, por muito que se saiba, nunca se pode estar seguro de que os nossos conhecimentos agradem ao examinador. Mas, enfim, com um bocado de força de vontade tenho que me mentalizar de que vou passar, embora necessite lutar, ainda, com o problema da adaptação. Ao fim de três anos no Ultramar, os livros parecem-me um bocado estranhos...

O estudo tende a ser, cada vez mais, uma actividade colectiva. Independentemente da colaboração do professor com o aluno (ou falta de colaboração, como acontece quase sempre no caso de alunos voluntários) os estudantes sentem necessidade de se juntar em grupo para discutir o assunto que é objecto da sua atenção. É o caso de Graciana Mendes Antunes, que encontramos estudando inglês com um colega:

— Andamos na mesma explicação e, como no inglês interessa muito a conversação, decidimos reunir-nos para estudar. Estudamos à noite para acabar o 2.º ano do liceu.

Graciana é enfermeira há três anos e conta-nos que, no seu serviço, já gozou férias:

— Férias? Bem, só por dizer que não ia ao serviço. Porque o estudo dá trabalho suficiente para preencher o tempo, impedindo de fazer outras coisas que, por vezes, me agradavam muito mais do que estar agarrada aos livros.

Por fim, mais um estudante que prepara o exame de aptidão. Luís Manuel Borges da Silva quer entrar para o Instituto Industrial, o que o leva a sacrificar muitas horas, incluindo aos sábados e domingos, do tempo isento de aulas:

— Tive um ano bastante difícil para acabar o curso, por isso este esforço representa uma sobrecarga muito grande, tanto mais que me sinto esgotado. Tenho que fazer uma revisão das matérias que dei durante o ano, o que leva bastante tempo.

— Então não seria melhor fazer o exame de aptidão em Julho, logo a seguir aos exames de fim de curso?

— Se em Outubro «chumba» tanta gente, o que não seria em Julho?

E Luís Manuel desabafa ainda:

— O pior é que não estou muito habituado a fazer exames, pois costumava dispensar. Isso cria-me um certo nervosismo. O ideal era não haver exames...

REGINA LOURO



«O ideal seria não haver exames»

para os respectivos alunos, em prejuízo do tempo tradicionalmente consagrado às férias. É o caso de Francisco aluno do 3.º ano do curso de Química. Encontramo-lo absorvido pela Termodinâmica:

— Vou fazer esta cadeira em Setembro. Depois, há um mês extraordinário de aulas e, em Outubro, novos exames. Logo a seguir, começa o primeiro período do próximo ano lectivo... por isso, até Dezembro, não é possível parar. Praticamente, as férias foram durante o tempo em que o Técnico esteve encerrado. Mas foi uma situação excepcional, pois desde que iniciei um curso superior nunca mais tive verdadeiras férias.

A existência de épocas limitadas para exames tem sido contestada pelos estudantes, que desejariam ver alargada para todos os meses (e não para três épocas, no máximo, como acontece) a possibilidade de realizarem as suas provas. Mais do que isso, porém, é a própria existência de exames que se vê posta em causa, nos estudos de pedagogos e psicólogos. Sobre este ponto, diz-nos Francisco:

— No Técnico, temos muitas cadeiras em que não há exames. Realizamos pontos no decorrer do ano, que constituem uma avaliação de conhecimento muito mais justa do que os exames.

Manuel Oliveira Rodrigues, que nos elucida:

— É uma época especial de exames para militares, que eu quero aproveitar para acabar o curso, apesar do cansaço provocado por um ano de estudo intensivo. Sou empregado bancário, e faço este sacrifício para melhorar a minha situação. Claro que é aborrecido passar as férias preso a isto, mas faço-o em vantagem própria.

E depois do curso liceal?

— Talvez continue, agora que ganhei ritmo. Depende da disposição com que ficar depois deste exame.

UM PAPÃO CHAMADO EXAME

— Acho que o Direito Civil não tem interesse nenhum para o Curso Comercial — lamenta-se Virgolino Marques Ferreira, Código Civil debaixo dos olhos, com artigos sublinhados e títulos anotados. E acrescenta:

— Vim há mês e meio do Ultramar e tenho interesse em fazer em Setembro o 1.º ano do Instituto Comercial. Faltam-me três cadeiras — Economia, Química e Direito Civil — mas esta é mais difícil. E ainda por cima, constitui precedente para outras cadeiras...

Virgolino Ferreira tem razões para estar aprensivo:

— Assisti às orais dos últimos exames e cheguei à conclusão que 60 por cento da malta «CHUMBAVA» em Direito Ci-



VIAGENS * TURISMO

FÁTIMA (MISSA)

TERÇAS — QUINTAS — SÁBADOS E DOMINGOS

ARREDORES DE LISBOA

QUINTAS E DOMINGOS

FOZ DO ARELHO E GRUTAS ST.º ANTÓNIO

QUINTAS — SÁBADOS E DOMINGOS

PORTINHO DA ARRÁBIDA

QUINTAS E DOMINGOS

PENICHE — ÓBIDOS — NAZARÉ

QUINTAS E DOMINGOS

SINES E TRÓIA

AOS SÁBADOS

ALGARVE

AOS DOMINGOS

FÁTIMA POR TOMAR

AOS DOMINGOS

ALBUFEIRAS DE PORTUGAL

AOS DOMINGOS

VILA VIÇOSA — ÉVORA

AOS DOMINGOS

COIMBRA — LUSO — BUÇACO

AOS DOMINGOS

FIG.ª DA FOZ — S. PEDRO DE MUEL

AOS DOMINGOS

PORTALEGRE — C. VIDE — MARVÃO

AOS DOMINGOS

SINES E VILA NOVA DE MILFONTES

AOS DOMINGOS

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

DIAS: 12 E 13 DE AGOSTO

FÉRIAS NO ALGARVE (6 DIAS)

PARTIDAS ÀS 2.ª FEIRAS

GOZE A DOÇURA DO SEU CLIMA E O MAR AZUL E TRANQUILO DA PRAIA DA ROCHA, MONTE GORDO E PRAIA DE FARO, A «FORMOSA ILHA», COM UM DIA EM CADA UMA DESTAS CATEGORIZADAS ESTÂNCIAS BALNEARES, VISITANDO-SE AINDA A PRAIA DE ALVOR, LAGOS, S. VICENTE, SAGRES, LOULE, ALBUFEIRA, OLHÃO, TAVIRA E V. REAL DE ST.º ANTÓNIO E A CIDADE ESPANHOLA DE

HUELVA

PREÇOS: 900\$00 ou 2.500\$00

ALGARVE (2 dias)

FIM DE SEMANA

VALE DO VOUGA E SERRA DA ESTRELA (2 dias)

FIM DE SEMANA

ALGARVE (3 dias)

PARTIDAS AOS SÁBADOS

MINHO E BEIRAS (3 dias)

PARTIDAS AOS SÁBADOS

MINHO E TRAS-OS-MONTES (7 dias)

PARTIDAS AOS DOMINGOS

FESTAS DA S. DA AGONIA VIANA DO CASTELO

DE 18 A 21 DE AGOSTO (4 DIAS)

DESFILES, FESTIVAIS, PROCISSÃO, SERENATA, TOIRADAS, FOGO DE ARTIFÍCIO, ETC. ALOJAMENTOS — HOTEL PARQUE XXXX

PARIS

A MAIS COMPLETA VISITA A CAPITAL FRANCESA! 5 NOITES E 4 DIAS NA CIDADE-LUZ — VIAGEM DE 16 DIAS EM AUTOCARRO DE LUXO

PARTIDAS ASSEGURADAS: DE 15 A 30 NOS MESES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO — DE 1 A 16 NOS MESES DE AGOSTO, SETEMBRO E OUTUBRO, VISITANDO AINDA: PAMPLONA, LOURDES, BORDEAUX, VERSAILLES, TOULOUSE, ANDORRA, ZARAGOZA, MONAS, TERIO DE PIEDRA, MADRID (2 DIAS COMPLETOS), ETC. VIAGEM COM TUDO INCLUIDO — SUPER CONFORTO

ALGARVE E SEVILHA — 5 DIAS (12 a 16 de Agosto)
BADAJOZ E OLIVENÇA — 1 DIA (Todos os Sábados)
BADAJOZ E SEVILHA — 3 DIAS (Partidas todos os Sábados)
SALAMANCA - SEGOVIA - MADRID — 8 DIAS (Agosto a Outubro)
GALIZA E ASTURIAS (8 dias - Setembro)
ANDALUZIA E CEUTA (8 dias - Agosto e Setembro)
ANDORRA - BARCELONA - VALÊNCIA (12 dias - Agosto e Setembro)
MARROCOS IMPERIAL (13 dias - Setembro)
PALMA DE MAIORCA (14 dias - Agosto)
PARIS - LOURDES - ANDORRA (16 dias - Agosto a Outubro)
INGLATERRA E ESCÓCIA (20 dias - Setembro)
ROMA E PARIS (23 dias - Setembro)
ALEMANHA (23 dias - Setembro)

SECCOES: PASSAPORTES, PASSAGENS AEREAS, MARITIMAS E C. FERRO, RESERVA DE HOTEIS, VIAGENS INDIVIDUAIS E COLECTIVAS

PROGRAMAS, INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA

RODARTE

RUA DA PALMA, 159-A T. 86 12 14 LISBOA
OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVERSARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Aproximação Egipto-Estados Unidos

-ANUNCIA-SE NO CAIRO

CAIRO, 9 — (ANI e R) — O Egipto revelou hoje uma troca de mensagens de boa-vontade entre os presidentes Nixon e Anwar Sadat, mensagens que podem ter constituído o primeiro indicio de um novo tipo de relações entre Washington e o Cairo.

A agência noticiosa do médio Oriente distribuiu uma mensagem do presidente Nixon felicitando o presidente Sadat por ocasião do 20.º aniversário da revolução egípcia.

A agência, no entanto, não explicou qual o motivo por que a mensagem só agora foi tornada pública, mais de duas semanas após o aniversário, que se completou no dia 23 do mês passado.

Também em Washington não foi dada qualquer explicação para o facto de a existência de tal mensagem só agora ter sido revelada.

Com atraso ou não, todavia, a revelação parece ter vindo optimizar uma nova fase de optimismo nas relações entre os Estados Unidos e o Egipto desde

que o presidente Sadat decidiu pôr termo à maciça presença militar soviética no seu país.

No Cairo, os observadores aguardavam um sinal que lhes permitisse avaliar qual a reacção de Washington perante a atitude do presidente Sadat, e a publicação da mensagem de Nixon equivale, em sua opinião, a um ligeiro indicio da forma como o presidente dos Estados Unidos encarou a decisão de Sadat.

TROCA DE MENSAGENS

A agência noticiosa anunciou que o presidente Nixon, na sua mensagem, desejou ao Egipto «felicidade e prosperidade» sob a direcção do presidente Sadat.

Em resposta, o dirigente egípcio manifestou os seus melhores desejos pela saúde e prosperidade do presidente Nixon e do povo dos Estados Unidos.

Considerando que o presidente Sadat tem acusado constantemente os Estados Unidos, nos seus discursos, por estarem a dar assistência militar a Israel, e tendo em vista o facto de as relações diplomáticas entre o

Cairo a Washington se encontrarem interrompidas desde 1967 o tom amistoso das mensagens constitui, obviamente, uma mudança.

O que, no entanto, continua a intrigar profundamente os observadores é o atrazo com que foi revelada a troca de mensagens entre os dois presidentes, não tendo passado despercebido, por exemplo, o facto de tal revelação ter sido feita dois dias após ter sido anunciado que a União Soviética fizera novas diligências para conseguir melhorar as suas relações com o Cairo.

Com efeito, as mensagens foram tornadas públicas num momento em que o embaixador egípcio em Moscovo, Abdel Kader, foi chamado ao Cairo para consultas.

Na segunda-feira, o ministro dos Negócios Estrangeiros em exercício, dr. Mohammed Zayat, anunciou ter sido recebida uma mensagem de Moscovo, mas frisou que tal não representava uma nova orientação nas relações entre o Egipto e a

Rússia nem exigia uma acção imediata.

REUNIÃO DE EMERGÊNCIA

O presidente Anwar Sadat convocou para terça-feira uma sessão especial do parlamento, a fim de se debaterem as questões da expulsão dos conselhos militares russos no Egipto e a decisão egípcia de se fundir com a L.íbia — anuncia-se nos círculos políticos.

O presidente Sadat fará uma importante alocução no início desta sessão, que deve durar alguns dias. Julga-se que o presidente egípcio falará da expulsão dos conselheiros militares russos e de uma mensagem que lhe foi enviada por Leonidas Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista soviético.

Nos mesmos círculos afirma-se que Sadat não fez progressos para o seu objectivo de uma reunião de altos funcionários egípcios com os dirigentes da Rússia.

DANIEL ANDRADE



Sanshiro Miyamoto, um americano de 30 anos, de origem japonesa, deseja tanto ser polícia que põs a mulher, Ann, a dar-lhe pancadas na cabeça convencido de que os «galos» lhe darão a altura mínima exigida. Pela mesma razão, faz questão de dormir esticado para ver se cresce mais um bocadinho... Sanshiro Miyamoto tem um negócio mas confessa que o maior sonho da sua vida é vir a ser polícia (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

IRLANDA : Explosões assinalaram o aniversário do "internamento"

BELFAST, 9 — (R) — Manifestantes católicos atacaram postos do exército, lançaram fogo a autocarros e camiões e desfilaram pelas ruas das áreas republicanas da capital da Irlanda do Norte, durante um dia assinalado por violências esporádicas que marcaram o primeiro aniversário das medidas de internamento sem julgamento de todos os indivíduos suspeitos de extremismo.

Ficaram feridos quatro soldados e o exército afirma ter atingido dois pistoleiros.

Em Newry, na fronteira com a república da Irlanda, explodiu uma bomba num bar do que resultou ter morrido um homem. Ficaram feridas mais três pessoas. Segundo a polícia, pa-

rece que as quatro vítimas eram precisamente terroristas que tentavam colocar no bar um engenho explosivo, que explodiu prematuramente.

DIRIGENTE DO IRA CAPTURADO

Em Belfast, no bairro de Ardoyne, as forças de segurança capturaram um dos principais dirigentes do Exército Republicano Irlandês, Martin Meehan, há muito procurado pelas autoridades.

Meehan, chefe da área provisória do IRA na área de Ardoyne, foi detido por soldados quando se encontrava escondido num armário após breve tiroteio. O dirigente do IRA, que tem 26 anos, vinha iludindo os es-

forços da polícia e dos soldados que procuravam capturá-lo desde que, no ano passado, fugiu de uma prisão de Belfast onde se encontrava internado.

Também em Belfast, um major reformado do exército britânico ficou gravemente ferido quando o seu carro foi atingido por uma rajada de metralhadora disparada de outro veículo.

8 MORTOS

Em Londonderry, a organização católica dos direitos civis recusou-se a participar no dia de protesto organizado pelo IRA devido à explosão de uma bomba ocorrida há 10 dias na pequena localidade de Claudy, perto da cidade.

Oito pessoas, católicas e protestantes, morreram em consequência da explosão ocorrida na rua principal de Claudy. O movimento de direitos civis de Londonderry afirma estar convencido de que o atentado foi obra do IRA.

No bairro católico de Andersonstown, em Belfast, os soldados conseguiram repelir uma multidão de cerca de 200 católicos que atacaram um posto do exército. Os militares tiveram de usar balas de borracha contra os assaltantes, na sua maior parte jovens, que os atacaram à pedrada.

Os membros da organização extremista protestante associação de defesa do Ulster estiveram também activos. Algumas centenas deles tentaram desfilarem pelo centro de Belfast, mas foram impedidos de o fazer pelas tropas. Todavia, não se verificaram violências.

Mais tarde, os membros da associação de defesa do Ulster voltaram a reagrupar-se e desfilaram através da área de Shankill Road, onde predominam os protestantes.

Noite avançada, os manifestantes começaram a dispersar e os observadores interpretaram a sua atitude como uma manifestação de força da parte dos protestantes num dia escolhido pelos católicos para levarem a cabo manifestações de protesto em toda a província.

BARCO INTERCEPTADO

DUBIM 9 — (ANI) — O cargueiro alemão «Belle Vigor», que se dirigia da Finlândia para Dublin, com um carregamento de madeira, foi interceptado a oito milhas ao largo da costa da Irlanda do Norte por um caça-minas britânico.

O comandante Friedrich Hase contou que, depois de o barco ter parado, foram a bordo seis marinheiros e um oficial, que mantiveram a tripulação do cargueiro, constituída na sua maior parte por portugueses e espanhóis, sob a ameaça de armas enquanto era passada uma busca ao navio, à procura de armas.

Meia hora mais tarde, o barco recebeu autorização para prosseguir viagem. Não foram encontradas armas.

LIBERTAÇÕES

BELFAST, 9 (ANI) — Para evitar os desfiles de aprendizes em Londonderry, no sábado, o secretário de Estado britânico da Irlanda do Norte, William Whitelaw, anunciou a libertação de mais 47 internados, devido ao melhoramento das condições de segurança. Pouco depois, era anunciado que o desfile não se realizaria. Com estas libertações, ficam 283 homens nos campos de internamento, em relação aos 943 internados antes de Whitelaw iniciar, a 7 de Abril, a sua campanha de libertações.

Um informador de Whitelaw esclareceu que, na maioria, os que continuavam nos campos eram suspeitos de pertencerem à ala extremista do Exército Republicano Irlandês (IRA).

Por outro lado, pondo termo a uma boicotagem de treze meses, dirigentes católicos da Irlanda do Norte travaram ontem conversações com Willam Whitelaw.

Informadores do governo britânico revelaram que Whitelaw tivera na véspera uma reunião secreta de três horas com dirigentes do partido Social-Democrático e Trabalhista, que representa a maioria esmagadora dos católicos do Ulster.

O presidente do Uganda diz que cumpre ordens de Deus

KAMPALA, 9 — (FP) — O general Idi Amin, presidente do Uganda, declarou ontem a um grupo de comerciantes africanos ter sido Deus quem o guiou na sua decisão de expulsar os asiáticos do país. Revelou que já em 1968 insistira com o antigo presidente Milton Obote para que fosse tomada tal medida. Aquele, porém, recusou, alegando que não queria arriscar-se a uma terceira guerra mundial.

Amin explicou que teve agora um sonho em que Deus lhe ordenou que resolvesse rapidamente o problema dos asiáticos pois esta questão era perigosa. Logo na manhã seguinte anunciou que os 80.000 asiáticos do Uganda, detentores de passaportes britânicos, tinham de deixar o país no prazo de três meses.

O presidente disse estar resolvido a não se deixar impressionar com o que digam no parlamento britânico ou com ameaças respeitantes ao auxílio britânico ao seu país. Acrescentou que a sua decisão definitiva quanto à situação dos asiáticos no Uganda será anunciada quando se tiver avistado com o alto comissário britânico e com os representantes da comunidade asiática.

NOVA EXECUÇÃO EM CHICAGO

CHICAGO, 9 (R.) — Um bandido tapou com um lenço branco a parte inferior da cara, saiu de um automóvel de cor dourada, caminhou calmamente até um posto de gasolina e matou ontem Guido (The Weed) Fidanzi, de 45 anos, notório operador de empréstimos do sindicato do crime.

O assassinio, no estilo dos gangsters, ocorreu num posto de gasolina no subúrbio de Heights, pertencente em parte a Tony Renzetti, de 34 anos, cunhado de Fidanzi, e foi testemunhado pelo menos, por cinco pessoas.

Fidanzi, que cumpriu dois anos de cadeia por não ter pago o imposto de rendimento, antes de ser libertado sob palavra, em Outubro passado, foi incriminado em Fevereiro, juntamente

com mais 18 homens, incluindo um sacerdote de Wisconsin, por fraudes com o correio envolvendo um milhão de dólares.

O tenente Douglas Barger, chefe do Departamento de Investigações de Chicago Heights, disse que o assassino fora conduzido de automóvel até ao posto por outro homem, também mascarado.

O assassinio de Fidanzi foi a primeira execução no estilo dos gangsters na área de Chicago desde Outubro último, quando dois bandidos mascarados mataram a tiro Sam (Sambo) Cesario, de 53 anos, figura notória do sindicato do crime, quando se encontrava sentado com a mulher e o sobrinho de frente da sua residência nesta cidade.

TENTATIVA PARA "PACIFICAR" INDIOS GIGANTES, ABANDONADA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 9 — (R) — Os irmãos Orlando e Cláudio Vilas - Boas abandonaram ontem a sua tentativa para «pacificar» os índios gigantes kreen-akarores, ao longo do Rio Peixoto de Azevedo, no Estado do Pará, e regressaram à sua base em Cachimbo.

Desistiram da sua tentativa após os índios incendiarem outras das suas aldeias e desaparecerem na selva, fazendo gorar assim as tentativas da expedição que, dando-lhes presentes, pretendia atrair os selvagens kreen-akarores.

Entretanto, em Brasília, o congresso inter-americano dos índios, a que assistem delegados de 16 países e observadores de organizações internacionais, concluiu ontem o seu segundo dia de trabalho.

A delegação brasileira apresentou um relatório completo sobre o que o governo está a fazer para proteger a população índia, enquanto a integra gradualmente na comunidade nacional, preservando as suas tradições e valores étnicos e culturais.

A construção do sistema de auto-estradas transamazônicas

é uma das coisas que põem hoje em foco a situação dos índios brasileiros devido à grande influência que pode ter no seu modo de vida em estado selvagem.

DEPUTADO TUPAMARO

MONTEVIDEO, 10 — (ANI) — As forças de segurança continuam a procurar o deputado esquerdista Washington Leonel Ferrer, cuja imunidade parlamentar foi levantada na segunda-feira.

Ferrer foi acusado, na Câmara dos Deputados, de conspirar com os guerrilheiros tupamaros e a imunidade foi-lhe retirada por votação. No entanto, o antigo professor de liceu abandonou a Câmara pouco antes do fim da votação e desapareceu. Supõe-se que se tenha refugiado numa embaixada estrangeira.

O Governo recusa-se a comentar as notícias de que pediria à Câmara a suspensão da imunidade a outros deputados esquerdistas, acusados de cumplicidade nas actividades dos guerrilheiros.

McGOVERN-SHRIVER:

"A coligação com que Robert Kennedy sonhou"

WASHINGTON, 9 (ANI e R.) — Reunida em convenção-miniatura, a C. N. Democrática aprovou por unanimidade a escolha de Sargent Shriver como novo parceiro da lista de George McGovern, para uma campanha que um dos dirigentes do Partido admitiu ter «começado mal».

Shriver, de 56 anos, cunhado de Kennedy antigo director da campanha antipobreza, foi eleito sem oposição de candidatos oficiais para substituir o senador Thomas Eagleton, do Missouri, escolha original de McGovern e da Convenção Nacional Democrática, há um mês.

McGovern deslocou-se de Miami Beach — aonde foi procurar, com êxito, o apoio de Sindicatos — a fim de estar ao lado do novo candidato vice-presidencial do Partido, numa tribuna erguida à pressa na sala de baile do hotel Sheraton, e declarou o início de uma nova etapa na batalha para derrotar o presidente Nixon.

Ao colocar o nome de Shriver para nomeação, Mike Mansfield, líder dos democratas no Senado, declarou:

«Começamos mal, admitamolo. E lancemo-nos ao trabalho».

Mansfield declarou aos duzentos e vinte e sete componentes da comissão nacional do Partido que os democratas têm de «sincronizar os seus corações pelo coração do povo» para conseguirem a vitória em Novembro.

«A nação — acrescentou — está pronta para um Governo que não só fale de paz mas que trabalhe para a paz, e agora».

A reunião extraordinária e histórica da comissão teve lugar com todos os requisitos de uma convenção, nomeadamente dis-

curso de apoio e bandeiras de riscas vermelhas, brancas e azuis.

DISCURSO DE SHRIVER

Shriver obteve 2936 votos, o que ultrapassa largamente os 1509 votos necessários para a nomeação.

Apesar de o seu nome não figurar para nomeação, o senador Thomas Eagleton recebeu os votos dos setenta e três delegados do seu Estado natal. O antigo senador Wayne Morse, do Oregon, outro não-candidato, recebeu quatro votos.

No seu discurso, Shriver declarou que ele e McGovern «reconstruirão a coligação com que Robert Kennedy sonhou».

«Será o Partido da rua, da vizinhança, o Partido que serve as famílias da América».

Relembrando as críticas dos republicanos pelo facto de não ter sido a primeira escolha, depois de Eagleton ter desistido, Shriver declarou:

«Não estou embaraçado por ser a sétima escolha de George McGovern para a vice-presidência». E acrescentou, com ironia: «Tenho pena de Nixon. A sua primeira e única escolha foi Spiro Agnew».

Por sua vez, McGovern declarou não sentir desespero, desorientação ou falta de objectivo devido à batalha contra Nixon ter começado com lentidão por causa da controvérsia sobre Eagleton.

«Recomeçaremos a nossa campanha — declarou McGovern — com a convicção de que terminará em vitória. A missão do Partido Democrático não é o radicalismo, mas sim o restabelecimento dos antigos valores da América», começando com uma retirada imediata do Viet-

name e a resolução dos problemas internos do país.

Saliendo a experiência de Shriver como chefe da guerra iniciada pelo Governo de Johnson contra a pobreza, o candidato presidencial declarou:

«No próximo Governo, é essa guerra que a América vai emprender e vencer».

VANTAGEM PARA NIXON REVELA UMA SONDAGEM

Um inquérito feito pela conhecida Louis Harris Poll, cujos resultados foram publicados hoje no «Washington Post», revelava que o senador McGovern tinha uma desvantagem de 23 por cento em relação ao presidente Nixon, que será nomeado para um segundo mandato pela Convenção Republicana, que se realiza em 22 de Agosto em Miami Beach.

A sondagem foi feita na semana passada, após o senador Thomas Eagleton desistir da nomeação de candidato de democrático à vice-presidência depois de admitir que nos anos 70 fora submetido a tratamento psiquiátrico.

O senador McGovern, que inaugura formalmente amanhã a sua campanha com uma viagem de dois dias, em que pronunciará discursos, a Nova Inglaterra e a Nova Iorque, afirmou que os democratas se tinham encontrado novamente, após «semanas duras e penosas». Asseverou, porém, que as provações e atribuições tinham



Pouco depois de ter sido eleito candidato à vice-presidência pelo Partido Democrático, Sargent Shriver recebe uma carícia de sua mãe, que, apesar dos seus 90 anos, esteve presente à mini convenção democrática num hotel de Washington. Na foto, reconhecem-se ainda o senador Edward Kennedy, seu conhado, e o ex-candidato Thomas Eagleton (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

fortalecido o Partido e que não tinha a mínima dúvida de que venceria o presidente Nixon na eleição de Novembro.

Observadores políticos julgavam que McGovern enfrentava obstáculos formidáveis na sua campanha contra o presidente Nixon e os seus colaboradores revelaram que as contribuições financeiras tinham diminuído drasticamente desde que o senador Eagleton revelou em 25 de

Julho, menos de duas semanas depois de ser nomeado, que não tinha informado o senador McGovern da sua ficha médica.

DEMOCRATAS QUE APOIAM NIXON

O antigo secretário do Tesouro, John B. Connally iniciou hoje a «campanha dos democratas que apoiam Nixon», e acusou o candidato George McGovern

de transformar o Partido Democrático numa «máquina ideológica» fechada a milhões de democratas convictos.

Connally, que apresentou a sua resignação, no princípio deste ano, foi o único democrata no Governo de Nixon.

O grupo chefiado por Connally não se reunirá a outros grupos baseados em raças ou religiões, visto que a única finalidade desta campanha «é levar os democratas dissidentes a votarem em Nixon e Agnew, nas próximas eleições» — declarou Connally. Entre os quarenta vogais da comissão deste grupo figuram os artistas Sammy Davis Júnior, Frank Sinatra e Charlton Heston.

O antigo secretário do Tesouro disse que vinte milhões de democratas «já concluíram que a única escolha possível é Nixon».

UM GOVERNO COLEGIAL DEVERÁ SUCEDER A MAO

LONDRES, 10 (por K.C. Thaler, correspondente diplomático da UPI-ANI) — A China vai ser administrada por um colégio de dirigentes chefiados pelo primeiro ministro, Chu En-Lai, depois da morte do presidente do Partido, Mao Tsé-Tung afirma-se num relatório diplomático agora recebido de Pequim.

Na análise afirma-se que há todos os indícios de que Mao não voltará a nomear um sucessor, como fez com Lin Piao, no princípio da década de sessenta.

Lin, que além de herdeiro designado da chefia suprema da nação era também ministro da defesa, foi eliminado segundo informação oficial de Pequim — depois de ter sido desautorizada a sua conjura para derrubar e, até, assassinar Mao, que governa há quase meio século.

No estudo da conjuntura política chinesa acrescenta-se que Mao tem mantido até agora os seus plenos poderes, determinando ainda a estratégia global chinesa. No entanto, é também inegável o aumento da influência de Chu na direcção regular do país.

Também no plano internacional Chu tem estado em evidência, tendo sido ele o principal negociador com o presidente Nixon e o grande animador do diálogo com os estadistas estran-

geiros que visitam a China.

No plano interno, o seu poder não deixa igualmente de se fazer sentir e a sua acção tem, ao que se afirma, a inspiração e o apoio de Mao.

No relatório são citadas informações qualificadas, que levam a crer que há planos para entregar o Governo do país a um grupo de dirigentes destacados logo que Mao desapareça.

Esta fórmula, já adoptada na URSS, facilitaria a transferência de poder e permitiria a continuação mais ordeira de Governo, depois da morte de Mao.

Entretanto, julga-se que entre os apontados para integrarem a equipa dirigente estará certamente Yé Chieng-Hing, antigo de longa data de Chu e que se afirma sucedeu a Lin como encarregado do sistema militar chinês.

No estudo acrescenta-se que se tem a impressão de que a política de moderação e de regresso à cooperação internacional seguida actualmente por Pequim será continuada e fortalecida, com Chu a surgir como o principal mentor da nova estratégia.

Outro ponto que a China não descarta — segundo o mesmo relatório — seria o desenvolvimento económico, procurando provavelmente obter auxílio internacional da Europa, e, com o tempo, dos Estados Unidos.



Estivadores procuram barrar o caminho à Polícia nas docas do Keadby, perto de Scunthorpe (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

CONTINUA A GREVE DOS ESTIVADORES

LONDRES, 9 — (F. P.) Surgiu uma nova esperança de solução da actual crise social, britânica, provocada pela greve dos estivadores que vai já no décimo terceiro dia. Efectivamente Jack Jones, secretário geral do sindicato dos transportes e Lord Alington, presidente das direcções portuárias londrinas declararam hoje após uma reunião que tinham sido alcançados «progressos concretos».

O ministro da Agricultura James Prior declarou por seu lado ser «pouco provável» que o Go-

verno recorresse aos poderes excepcionais que lhe são concedidos pelo estado de emergência, para assegurar a alimentação dos animais. Estes poderes especiais prevêem concretamente a utilização das forças armadas para apressar o encaminhamento dos géneros necessários aos sectores mais atingidos pela greve dos estivadores.

Entretanto vão ser cremados em câmaras de gás na próxima segunda-feira 2 milhões de frangos, declarou ontem em Londres um porta-voz duma

companhia de aviários, a «Ross Group».

Os galináceos ainda muito jovens não têm qualquer valor comercial, e por outro lado encontram-se praticamente sem rações, uma vez que as existentes estão a ser destinadas aos mais adiantados.

O gado porco encontra-se também ameaçado. O Sindicato Nacional dos Caseiros anunciou que o abastecimento dos criadores de porcos atingiria uma situação crítica dentro de uma semana.

WALDHEIM: CINCO DIAS NA CHINA

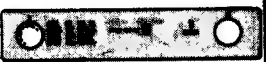
NACÕES UNIDAS, (NOVA IORQUE), 9 (R)

O secretário-geral da ONU, dr. Kurt Waldheim, parte esta noite para Paris, a caminho de Xangai, na primeira visita de trabalho e de prazer efectuada à China pelo principal executivo da organização mundial.

Acompanhado por sua esposa, pelo secretário-geral adjunto Tanh Ming-Chao e por três colaboradores especiais, o dr. Waldheim permanecerá cinco dias na China. Deve de chegar a esse país na sexta-feira e partir na próxima quarta-feira.

O seu itinerário na China não foi revelado, mas funcionários disseram que o secretário-geral aproveitaria a oportunidade para discutir profundamente com funcionários chineses toda a gama de problemas mundiais.

Um grupo de **Agentes Oficiais Siemens** unidos pela vontade de servir o público, lançam em exclusivo uma nova máquina de lavar roupa

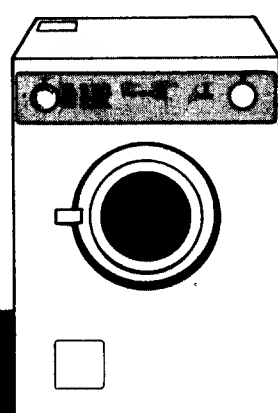
 AUDILUX R. Pascoal de Melo, 7-C ESTEFÂNIA	 CASA MAX  Av. Praia da Victória, 2-C ESTEFÂNIA	 DINÂMICA  R. S. Bento, 53-57 S. BENTO	 DISCOTECA POPULAR  R. 1.º de Maio, 146-A ALCÂNTARA	 ESTAB. CANCELA Calç. do Combro, 21-23 CALHARIZ
 EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS  Av. Almirante Reis, 12-A ALM. REIS	 FAROL  Av. Alm. Reis, 124-B ALM. REIS	 FRICAL Av. Santos Matos, 6-A-B AMADORA	 IMPERLUZ Av. Alm. Reis, 172-A ALAMEDA	 M. L. FERREIRA R. D. Estefânia, 48-A ESTEFÂNIA
 MUNDO ELÉCTRICO  R. Conde Redondo, 1-A C. REDONDO	 OLIPER  AV. Liberdade, 131 AV. LIBERDADE	 O REI DA VOZ  Est. de Benfica, 725-A BENFICA	 RAIO DE LUZ  R. da Prata, 141-143 BAIXA	 RAIO DE LUZ  Av. Júlio Diniz, 10-A CAMPO PEQUENO
 SENSAÇÃO  R. Gonçalves Crespo, 26-A C. REDONDO	 TABORDA & QUARESMA Av. Alm. Reis, 53-A ALM. REIS	 TABORDA & QUARESMA Av. Alm. Reis, 1-A/2-C INTENDENTE	 TABORDA & QUARESMA R. Ângela Pinto, 8-A CHILE	 ULTRALAR  Pr. Londres, 7-A/B PR. LONDRES

ANABELA-DeLuxe

a máquina para a mulher portuguesa

PREÇOS ÚNICOS

mais baixos no custo - mais baixos na compra



Siemens - para lavar e... durar toda a vida



DALÍ PINTA A NETA DE FRANCO

Salvador Dalí (ao centro) passeia entre a neta de Franco e o marido, neto do Conde de Barcelona, numa rua de Cadaques, na Costa Brava onde passam férias. Dalí aproveitou para fazer o retrato da ilustre senhora. Telefoto UPI/El Imprensa/DL.

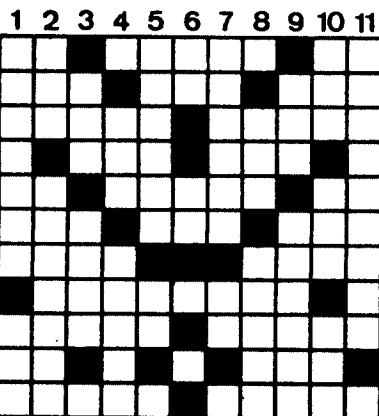


palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 10161

HORIZONTAIS:

- 1 Ruim. Cidade do Japão. Atomo.
- 2 Espaço de doze meses. Camareira. Senhor em inglês.
- 3 Assinalam. Pessoa impertinente (fig.).
- 4 Ferro temperado. Irmã da mãe.
- 5 Preposição. Sabor picante. Cânhamo de Manila.
- 6 Flanco. Prefixo que designa sr. Óxido de cálcio.
- 7 Trabalho de sapador. Cidade de Inglaterra.
- 8 O mesmo que cicutas (Prov. beir).
- 9 Passe. Içais.
- 10 Aparência (fig.). Lavra.
- 11 O mesmo que peneiro. Guarnece de arames.



VERTICAIS:

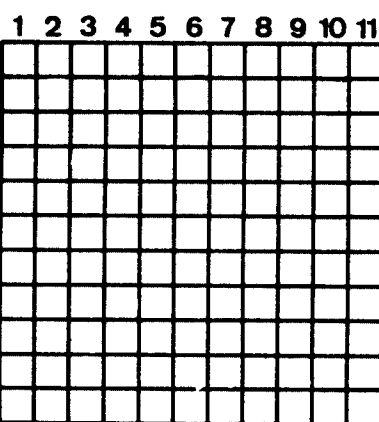
- 1 Agrupamento de gado graúdo (pl). Cabelos brancos.
- 2 Tempo que a Terra gasta a dar uma volta em torno do Sol, ou tempo que o sol gasta numa revolução aparente em torno da Terra. Ordena.
- 3 Base aérea portuguesa. Sobrepôr.
- 4 Língua do grupo tibetano, falada ao N. do Tibete. Ingressos. (fig.).
- 5 Cidade do México. Em partes iguais.
- 6 Nesse lugar. Preposição.
- 7 Variedade de pano. Hectare (abrev.).
- 8 Oásis. Ser volúvel (T. de Turquia).
- 9 Senhora. Unir por casamento.
- 10 Rio de França. Matemática. Seguiam.
- 11 Serviços.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passeatempo o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6317

HORIZONTAIS:

- 1 Capitão (abrev.). Peso indiano, que varia entre 15 e 20 arrobas. Passada.
- 2 Afecto. Julgar.
- 3 Carácter. Camareira. Guarneço de asas.
- 4 Comparecer. Gasta. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
- 5 Desejo ardente. Provoca.
- 6 Nome de mulher. Naquela lugar.
- 7 O vencimento diário de um soldado. Reverendo (abrev.). Armaria (abrev.).
- 8 Sobressairias.
- 9 Samário (s. q.). Separa. Preposição.
- 10 Homem de grande robustez física (fig.). Rio do Brasil, afluente do Rio Branco.
- 11 Aparelhos para pesca. Restos mortais.



VERTICAIS:

- 1 Nome de uma ave de S. Tomé. Naco.
- 2 Tornar morno. Motivo (pop.).
- 3 Preposição. Nome de letra (pl). Item.
- 4 Flanco. Serra de Portugal.
- 5 Ferro temperado. Zombarias.
- 6 Presente ou dádiva, entre alguns povos da Indochina. Nome de fruto.
- 7 Sopé. Grosseiro (fig.).
- 8 Mau cheiro. Arvore indiana cuja casca é empregada como adstringente.
- 9 Tempo do verbo ir. Pronome pessoal (pl). Arsénio (s. q.).
- 10 Desligar. Cidade da Turquia da Europa.
- 11 Mentira-Sugas o Leite materno.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10160

HORIZONTAIS:

- 1 Casta. Pesar
- 2 Amial Suara
- 3 Comi QUEM
- 4 Ara TEM La
- 5 Re Morar Al
- 6 Siam Coas
- 7 Asa Aso
- 8 Ia Ro
- 9 LV Amapa Er
- 10 Ais Aos Sam
- 11 Resto Isole

VERTICAIS:

- 1 Caçar. Fiar
- 2 AMORES Avie
- 3 Sima la SS
- 4 Tai Masca
- 5 Al Toma Mão
- 6 Per NAO
- 7 Ps Maça Psi
- 8 Que Rosna
- 9 Saul Ao So
- 10 Areias Heal
- 11 Ramai DORME

PROVÉRPIO: Quem tem amores não dorme

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6316

HORIZONTAIS:

- 1 Xai. Uga Xué
- 2 As ML
- 3 Campino
- 4 Tarro Mores
- 5 Orear Otava
- 6 Cima Laga
- 7 Doa
- 8 AC Cairra Po
- 9 Samo Naus
- 10 C ara Isara
- 11 Arregaças

VERTICAIS:

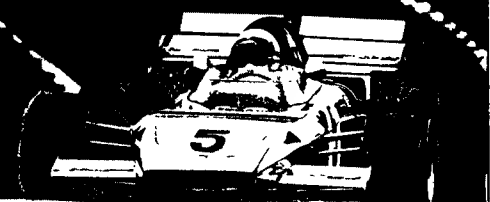
- 1 Xanto. Casca
- 2 As Arc Cair
- 3 Creia Mar
- 4 Param Coré
- 5 Morada Ag
- 6 Gap Oia
- 7 Imolar Cl
- 8 Anota Ansa
- 9 Oraço Aar
- 10 Um Eva Pura
- 11 Elisa Rosas



Mana, ou tu ou aqui o Janeca, enganaram-se no dia da semana!

SAIU HOJE
MAIS UM NUMERO DE

motor



DL/DESPORTOS

OBRAS DE HOJE... EM DIAS DE ONTEM

Na nossa terra ainda existe o arreigado costume de fazer apenas o indispensável. Melhor: o que, remediando hoje, se mostra insuficiente, amanhã.

Vem isto a propósito das contrariedades que diariamente se me deparam. Contrariedades que julgo não serem apenas minhas, mas de todos. Ignorância, incapacidade e negligência são as justificações que encontro quando procuro uma explicação para essas contrariedades. E acho que as todas as deficiências que tenho oportunidade de verificar há uma for-

quando assim é, chegamos ao caso do lar onde falta o pão: todos ralham sem razão.

Este meu desabafo vem, como não pode deixar de ser, acompanhado duma palavra que, para muita gente, ainda se encontra destituída de significado: Desporto. Que me desculpem os leitores se demorei um pouco em chegar à minha especialidade, mas foi uma maneira de expandir o meu sentir de momento.

Já há muito tempo que me interrogo sobre as responsabilidades das construções desportivas entre nós. É a mi-

técnica (ou como lhe queiram chamar) ainda está por nascer. E, não há dúvida que a sua falta é uma constante que se faz sentir. Senão vejamos: raro é o dia em que não tomamos conhecimento de novas construções desportivas apontadas de defeituosas; os estádios (ou campos de futebol) que em Lisboa e arredores ocupam apreciável espaço, ou estão inacabados ou ficaram coxos desde a nascença; no centro do País, construiu-se um parque desportivo em que a pista de atletismo aparece com metade das medidas regulamentares e, ali para os lados da Amadora, ofereceu-se aos habitantes da zona uma piscina de 33 metros que, como se sabe, é hoje uma medida ultrapassada...

Em relação ao último caso que apresentei e, pelo menos nesse que é o mais recente, justificava-se um pouco mais de atenção, até porque na região da Amadora não conheço local onde se possam dar as primeiras braçadas ou onde os jovens possam tomar parte nas competições de iniciação. E, dentro de pouco tempo, lá virão as lamentações: reconhecendo que a piscina está mal feita, que é insuficiente, que foi uma pena... por aí fora. Depois, teremos então os tais remediamentos, os «enxertos» que, mesmo com as técnicas de hoje, nem sempre resultam.



Por LÚCIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO

te dose de responsabilidade a serem atribuídas: embora seja bom não esquecer que também se costumam atribuir responsabilidades a quem não tem culpas na consciência.

Por mais voltas que se dê ao avolumar das nossas insuficiências as conclusões acabam, quase sempre, por se irmanarem numa dificuldade comum: falta de dinheiro. E,

nha dúvida é esta: haverá (por cá) algum gabinete (ou comissão técnica) pelos quais passem, obrigatoriamente, os projectos de obras desportivas para a indispensável aprovação? Haverá mesmo, até dentro das próprias Federações, responsáveis por consultas (ou colaborações) às exigências técnicas das construções desportivas?

Penso que a tal comissão

Tropa: Braçada em seco

Do cineasta e realizador de TV, Alfredo Tropa (diplomado pelo Institut des Hautes Etudes Cinématographiques), recebemos, dirigida ao nosso Director, a carta que, a seguir, transcrevemos na íntegra:

Grande foi a surpresa ao ver, em caixa alta (e com todas as vantagens de um inovador sistema «off-set») o meu nome na secção «Desportos» do «DL Dominical» de 30 de Julho último, incluído numa nota intitulada

TROPA: braçada em seco. Na verdade, tal honra não me tinha sido proporcionada na crítica de filmes, secção de grande prestígio no contexto da Imprensa portuguesa. Ao contrário do que tem acontecido a todos os filmes portugueses estreados em Lisboa, o meu solitário «Pedro» não coube lá. Mas valha-nos o desporto, carreira onde iniciei a minha actividade, batendo, aos dez meses, o recorde nacional dos «três primeiros passos» no bonito tempo de 10 segundos. A partir daí, foi um desfile de modalidades, algumas mesmo a sério, sem esquecer o futebol, o montinho e, naturalmente, a natação. Com os anos, abandonei algumas e, em outras, passei para as bancadas, de onde aplaudo os vários atletas, nomeadamente os da grande corrida do Bairro Alto (1971-72), ausente dos suplementos desportivos dos jornais diários, mas presente nas páginas de outras publicações que também leio. Voltando, porém, ao comentário do Sr. Alexandre Pais (que não conhecia como

crítico de televisão) permito-me explicar rapidamente a técnica de reportagem que utilizei e que é muito simples, aliás: dar sempre o conjunto das partidas, as viragens feitas em primeiro lugar, o plano geral da piscina para referência das posições relativas dos competidores, plano do nadador que seguia à frente (nos últimos cinco metros), plano de conjunto das chegadas e grande plano do vencedor... Claro que não se tratava de uma piscina de 33,3 metros, nem os nadadores levavam números nas costas, nem havia «podium» nem distribuição imediata de prémios. Por outro lado, devo acrescentar que o meu colaborador Afonso Gonçalves, que comentava as provas, só recebia o resultado de uma quando a seguinte já decorria. E é preciso notar que as provas se sucediam ininterruptamente e de duas uma: ou ele (que tinha um televisor privativo) não anunciava os resultados ou eu mostrava o comentador, quando este os anunciava, em detrimento das provas que, entretanto decorriam. Concordo com o critério que o comentador utilizou. Em conclusão, e respondendo às perguntas finais do comentário: percebo, efectivamente, alguma coisa de Desporto e já vi muita natação, não tendo feito em Coimbra a minha estreia como

realizador de provas da modalidade. Quanto ao resto, devo dizer que estive, efectivamente, lá, como o enviado especial do «DL» poderá confirmar. Com isto, Senhor Director, quis apenas prestar alguns esclarecimentos que julgo indispensáveis; não pretendo que o Sr. Alexandre Pais me dê explicações de Desporto, nem eu quero dar-lhas de televisão.

ALFREDO TROPA

DO MONTINHO AO BAIRRO ALTO

Perante a «explicação rápida» da técnica de reportagem que diz ter utilizado (mas que, de facto, não utilizou) e pelo integral reconhecimento de tanta graça, tanta fineza de espírito, tão grande lição de bem esclarecer, tanto convencimento de que o que julga ser é mesmo nada mais posso fazer que emendar-me por ter sugerido que o sr. Alfredo Tropa, o agora revelado recordista nacional dos passinhos precoces, não percebia nada de Desporto. Tenho agora a certeza.

ALEXANDRE PAIS

DESPORTIVO DA GRAÇA TEM DIRECÇÃO

Foram eleitos os novos dirigentes do Desportivo da Graça. Os órgãos fundamentais ficam assim constituídos: Assembleia Geral — Carlos Pereira Rebelo, Manuel Albino Rodrigues, Gabriel Marques Gama e Francisco Renato Brito.

Direcção — Emídio de Freitas Pereira, António Maurício, Mário Eduardo Fernandes,

Eduardo Rosa Cardoso, José Carlos Henriques, Inácio Cândido, Fernando Lopes Reis, José Francisco Torres, João Correia, Manuel Duarte e Alvaro Bento.

Conselho Fiscal — Armando de Almeida, Emídio Figueiredo Jorge e Luis Pereira Pinto. Delegados à Federação das Colectividades de Recreio: Emídio Freitas Pereira e Carlos Pereira Rebelo.

“Azul” Quinto aponta escravatura no futebol

«Não está certo que um indivíduo, apesar de ter assinado um contrato temporário e limitado, fique eternamente sujeito

e ligado de modo irremediável à entidade patronal, mesmo depois de ter findado o contrato», declarou em entrevista concedida ao jornal «Notícias», de Lourenço Marques, o jogador Quinto, do Belenenses, que acrescentou:

«Acho que é verdadeira escravatura e não é justo que a nossa profissão se não possa reger pelos mesmos escritos de todos os outros».

Quinto, que já ganhou a

Eu digo mais: não tenho dúvida alguma em afirmar que os clubes se servem do jogador sem nunca o procurarem ajudar. E quando digo que o não ajudam, refiro-me a que não existem iniciativas, dum modo geral, que o favoreçam. Assim, por exemplo, durante os estágios e demais concentrações, a que tantas vezes está sujeito, não é proporcionada ao atleta a aprendizagem e desenvolvimento de alguma actividade que lhe sirva após a aposentação. Cursos poderiam ser ministrados nessas horas inúteis: tais como de Promotor de Vendas, Cabelero Viajante e Contabilidade».

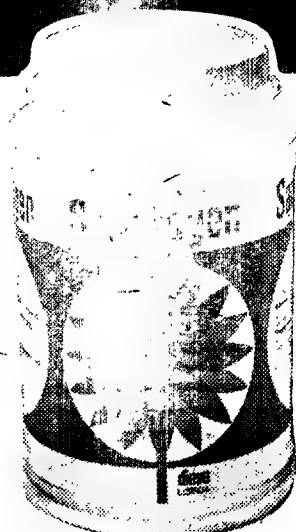
O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Canaim», Rua Capitão Leão, 10 ALMADA

ISOLUX, LDA.

ESTUDOS E INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Informamos todos os nossos Clientes e Fornecedores que estarão encerrados todos os nossos serviços de Lisboa e Porto de 12 a 15 do corrente, reabrindo na quarta-feira dia 16.

DESANIMADO DESMEMORIADO CANSADO?



os nervos são a causa mais frequente da pouca saúde e da neurastenia

SÓ O SANATOGEN PODE DAR AOS SEUS NERVOS TODO O ALIMENTO DE QUE ELA NECESSITA

Proteína concentrada (com 20% de ácido glutâmico) — é a mais num pequeno volume, as células nervosas esgotadas, indispensável para a revitalização do seu organismo.

Fósforo — nutre as células e ajuda as funções cerebrais, activando as faculdades da memória e percepção.

Vitaminas — ajudam todo o organismo a conseguir o equilíbrio, restaurando a energia vital.

Sanatogen

EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

ALIMENTAÇÃO RACIONAL — Av. da República, 46 — Lisboa 1

EXTERNATO SANTA BÁRBARA

RUA PASSOS MANUEL, 24-r/c. — TELEF. 561383

- ★ CICLO PREPARATÓRIO
- ★ ENSINO LICEAL
- ★ DIURNO - NOCTURNO

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

Rua do Ouro, 292, 1.º (Esq. c/ o Rossio) LISBOA Telef. 369384/5/6

MERCEDES

CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD
REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS
Pessoal especializado nesta marca.
Ferramental apropriado.
Correcções de defeitos e reparações gerais.
Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, ELÉTRICA, PINTURA e ESTOPADOR.
Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁTICAS.
Trabalhos de 1.º Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

COTAL — R. de Artilharia Um, 105-A — Tel. 66 31 31
R. dos Lusitãos, 113-A — Tels. 63 19 57/6
SERVIÇO INDEPENDENTE

DL/DESPORTOS

REGISTO

PASSATEMPOS REAIS: Segundo uma tradição muito arcaica, a família dos príncipes de Mônaco competiu, numa prova de natação, com outra família, desta vez britânica, a família Taylor, na piscina de Monte Carlo Beach. Primeiro foram as estafetas. A princesa e os filhos, Alberto e Estefânia, perderam. Mas o príncipe Alberto ganhou os 4x25 metros, 4 estilos, e a irmã Estefânia foi a melhor da sua categoria, em estilo livre. O príncipe Rainier não participou na competição. Limitou-se a filmar tranquilamente o desenrolar da prova.

FALHANÇO: Saído do futebol escolar para o atletismo, no qual, como «sprinter», ganhou uma medalha de ouro nos jogos olímpicos do México, em 1968, Jimmy Hines quis insistir na mesma versão do rãguebi inglês, mas como profissional. Contratado primeiramente pelos Dolphins de Miami (em 1970) não satisfez e foi dispensado. Experimentado a seguir pelos Chiefs (de Kansas City) sucedeu-lhe o mesmo. O desaire repetiu-se agora, com o seu despedimento dos Raiders (de Oakland). Nem sempre um bom «sprinter» dá um bom jogador de futebol e eu tinha-o avisado disso. — Declarou o treinador dos Raiders.

BOA VISTA: A comissão executiva do estádio do Bessa vai homenagear os órgãos de informação, pela colaboração prestada na construção do novo parque de jogos. Assim, amanhã, pelas 18 horas, na quinta da Torre Bela, propriedade de Fernando I. oyo, membro daquela comissão, será servida uma merenda regional.

INSÓLITA PROEZA:

O campeonato do mundo da disciplina «posição sentada sobre um poste» terminou com a vitória do holandês Hannes de Jong que, com 9, horas e 15 minutos, estabeleceu um novo «record» mundial da especialidade. Esta proeza, por muito notável que seja, não iguala a que foi realizada por São Simão Estilista, um asceta sírio do século V que terá vivido 40 anos

ou seja cerca de 340640 horas sobre uma coluna.

ARGENTINOS NO CAMINHO DA VITÓRIA:

O San Lorenzo de Almagro, actual «leader» do campeonato da Argentina, foi convidado a disputar vários encontros em Espanha no corrente mês. Segundo a proposta, o clube argentino jogará em 19 e 20 de Agosto no torneio triangular da Corunha que conta com a participação do Vitória de Setúbal e do Desportivo da Corunha. Estão previstos mais dois encontros em Palma de Maiorca, em 22 e 23 do corrente.

VELA: Armando Goulart-Rogério Rolha e Francisco Lufinha-Luis Faria ficaram, respectivamente, em oitavo e nono lugares na regata da terceira «mão» do «mundial» da classe «420».

ANGOLA: a Académica bateu (5-0) o Benfica de Huambo, num jogo de futebol enquadrado nas comemorações do 60.º aniversário da capital do distrito de Huambo.

COLUMBOFILIA: António Gonçalves Duarte venceu a solta de San Sebastian.

GINÁSTICA: aprovados em Congresso, o Relatório e Contas da gerência federativa. No decorrer da reunião, o delegado benfiquista solicitou que se pedisse, superiormente, a construção de um pavilhão ginásio-desportivo essencialmente destinada a práticas de ginástica.

SEIXAL: foram eleitos os membros das duas comissões que vão orientar a vida do clube local. Os nomes dos associados seixalenses distinguidos: EXECUTIVA — Luís Silveira, João Parreira, José Augusto de Carvalho, Joaquim Oliveira, José Vasconcelos, António Belo, António Fláclio, Angel Oñoro, António Galaio, Manuel Alfredo Balinho, Aníamo Roque e Joaquim Ariolindo.

CONSULTIVA: Dr. Carlos Soares Ribeiro, Augusto Tavares da Silva, Guilherme Pereira, Manuel André Costa, João Beneleira Costa, Armando Balinho, Italo Carolino, Jerónimo Jorge, Egas Godinho e Manuel Silveira. Entretanto, o Seixal dispensou futebolistas: Dário, Jorge, Esteves, Sequeira, Oliveira, Silva e Barreiros. Aquisição: Chico (ex-Carcavelinhos). Por seu lado, Cambalacho deixou de jogar. As equipas de futebol são, agora, orientadas pelo veterano «internacional» Albano.

NOVO «LEÃO»: Manecas, extremo-direito do Sporting de Luanda, que assinou um contrato por três épocas com o Sporting Clube de Portugal. Segue para a Metrópole quando terminar o Campeonato Provincial de Futebol da I Divisão ou quando estiver definida a classificação do Sporting. E que, nos doze jogos já disputados, marcou 11 golos e é, por isso, considerado indispensável à equipa. Tem 19 anos, estatura média e é muito rápido. Pertence a uma extensa família (tem 14 irmãos) e estuda: faltam-lhe três disciplinas para concluir o 5.º ano do Curso Comercial. Dos irmãos, um frequenta o 6.º ano de Medicina, outro está no 3.º ano do Instituto Industrial, ainda outro no 2.º ano do mesmo Instituto e dois frequentam o ensino secundário.

«TARTAN»: Inaugurada a pista de «tartan» do Estádio Nacional, a Federação de Atletismo dá conhecimento a todos os interessados que as referidas instalações estão ao dispor dos participantes da modalidade, sem quaisquer encargos (a não ser a importância de Esc. 1550, cobrada pelo Estádio Nacional pela utilização do balneário) devendo para tal comparecer devidamente equipados. No intuito de facultar aos melhores atletas das Associações Regionais condições que lhes permitam ampliar consideravelmente as suas marcas, com treinos de aperfeiçoamento na pista de «tartan» (sob a orientação de técnicos conceituados) aquela Federação promoverá futuramente a sua instalação no Centro de Estágio de Desportistas, em períodos a determinar, como reconhecimento das suas qualidades.

SESIMBRA: esta noite, sessão solene para comemorar as «Bodas de Prata» do Grupo Desportivo local. Serão estregues emblemas comemorativos a 50 sócios fundadores e aos primeiros atletas que defenderam as cores de Sesimbra.

FUTEBOL: o Porto contratou Alvaro Gomes (madeirense, de 22 anos) que jogava pelo Lusitano de Joanesburgo.

DO BRASIL: TERCEIRO NAVIO PARA PORTUGAL

RIO DE JANEIRO, 10 (ANI) — No gabinete do superintendente nacional da Marinha Mercante procedeu-se à assinatura do contrato de exportação de mais um navio brasileiro para Portugal, o terceiro nos últimos tempos.

Construído para a Companhia de Navegação Marítima Metumar, o «Daphne» foi adquirido pela Companhia Colonial de Navegação, de Lisboa, e terá o nome de «Bernardino Correia», em homenagem ao cunhado da companhia, que está a comemorar o centenário da fundação.

Assistiram à cerimónia da venda do navio, além do comandante Carlos Cordeiro de Mello, superintendente, o almirante Jerónimo Henrique Jorge, vice-presidente do Conselho de Administração da Companhia Colonial de Navegação, o procurador da empresa, dr. Mário Pinto Martins, e os dirigentes da Netumar, José Carlos Leal e Ariosto Aamdo.

Escova com
ESPUMA

Flexy

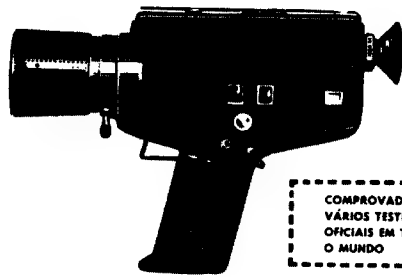


B.S.M.O., Lda.
TEL 362731
R. DA BOA VISTA - 80 - LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Parracho Almeida, Lda. «Livraria Caju» Av. Helder Salgado, 29. SINTRA

CAMARAS SUPER 8

ZOOM MACRO Vivitar



COMPROVADAS POR
VÁRIOS TESTES
OFICIAIS EM TODO
O MUNDO

ABSOLUTAMENTE SURPREENDENTE
UMA SOBERBA NOVA CAMERA COM
OBJECTIVA ZOOM MACRO
QUE PODE FOCAR MESMO DE 0mm
AO INFINITO. ALÉM DE
OUTRAS CARACTERÍSTICAS ÚNICAS.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

TODO O MATERIAL PARA AMADORES E PROFISSIONAIS

DISTRIBUIDORES
IMPORTADORES

LISBOA - LUANDA

profoto LIMITADA

RUA DE STA. JUSTA 25 - LISBOA - TEL. 326582-322832

comprando
propriedades

em J. Pimenta
SARL

o seu dinheiro
valoriza-se



APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE

200

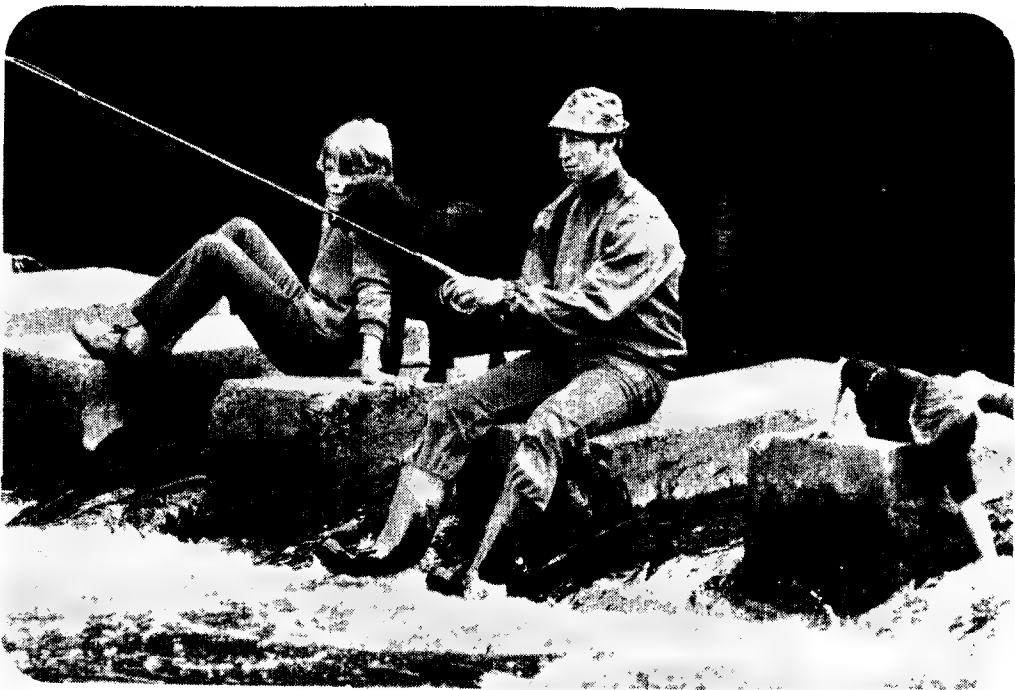
CONTOS



PARA
UMAS FÉRIAS
ECONÓMICAS
E
INESQUECÍVEIS
PREFIRA
OS NOSSOS
APARTAMENTOS
TURÍSTICOS

J. Pimenta, SARL

Informações:
Lisboa-Pr. Marquês de Pombal, 15-Telefs 45843-47843
Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef 952021/2



**JACK
CHARLTON:**
adeus,
pescarias

Para Jack Charlton esta é uma imagem do álbum de férias. O lazer à beira-rio, de cana de pesca na mão, perdendo horas esquecidas na companhia dos dois filhos (John, de treze anos, e Peter, de cinco) e do cachorro, acabou-se ontem para dar lugar aos treinos intensivos no Leeds United, onde vai cumprir mais uma época (a defesa central) apesar dos seus 37 anos. Nas férias, Charlton deu ainda um salto ao Canadá, para ensinar jovens futebolistas: mas o seu maior «hobby» era (e foi) sempre a pesca à linha.

Por mais onze meses, em vez de pescar peixes, apenas poderá pescar bolas nas imediações do «keeper», tudo fazendo para as não deixar chegar à rede. O que, aliás, lhe é habitual: com eficácia e sem rodriguinhos.

DL/DESPORTOS

OLIMPIADAS : "CHARLOT" EM MUNIQUE AO LADO DE LIZ TAYLOR E BURTON

Não haverá ensaio geral da cerimónia de abertura dos jogos, mas uma série de repetições separadas, que se prolongarão por uns dez dias. Esse «ciclo» foi inaugurado por soldados do exército alemão, que simularam a entrada dos delegados no estádio. Vieram, depois, crianças e grupos folclóricos locais. O conjunto mexicano dos «Mariachi», participam, ainda, nas sessões de preparação, em 23 e 24 do corrente. O arco-íris, cheio de hélio e denominado «A salsicha» (que substituirá o tradicional fogo de artifício do encerramento) será experimentado em 16 do corrente. E, como nunca é cedo de mais para fazer

Alemanha, sem que o seu sentido da orientação fosse perturbado pelas erupções solares, como alguns ornitologistas receavam. O número dos perdidos não ultrapassou a média habitual de cinco por cento.

Chaplin (Charlie Chaplin) que não põe os pés na Alemanha há 31 anos, irá a Munique assistir aos Jogos. Anunciam por outro lado, que Elisabeth Taylor e o marido (Richard Burton), o realizador Roman Polanski e os actores Kirk Douglas, Peter Sellers e Michael Caine visitarão Munique por altura dos Jogos. O mesmo sucederá com Jacky Stewart, campeão do Mundo dos condutores

der na chefia do Estado ao general Francisco Franco, actualmente com 79 anos, quando este falecer ou se retirar, participou com êxito numa série de provas internacionais e locais na classe de «dragões» durante esta época. O rei designado da Espanha será um dos sete velejadores espanhóis que vão aos Jogos Olímpicos.

Nas 16 provas dos Jogos de Munique, a Espanha estará representada por um total de 25 atletas divulgou o comité olímpico espanhol.

Os espanhóis têm esperanças especialmente nas suas equipas de andebol e «water polo», mas poucos são aqueles que esperam que os seus atletas tragam de Munique para a Espanha alguma medalha de ouro ou de prata.

BANDEIRA OLÍMPICA JÁ FOI HASTEADA

A bandeira olímpica já foi içada no estádio principal construído para os Jogos Olímpicos deste ano, no ensaio da cerimónia de inauguração do dia 26.

A bandeira de seda, que tem três por cinco metros, subiu sem incidentes até ao topo do mastro de honra, com brisa muito fraca.

Na cerimónia participaram oito elementos da comissão organizadora que, no dia da inauguração, serão substituídos pelos remadores da equipa de «oito», da Alemanha Ocidental, medalha de ouro nos jogos do México, em 1968.

Por outro lado, na aldeia olímpica seis pugilistas da Venezuela e 27 atletas australianos procederam ao hasteamento solene das respectivas bandeiras nacionais, que drapejaram durante 50 minutos e depois foram arreadas.

Trata-se de uma cerimónia tradicional: e as bandeiras nela utilizadas não ficam hasteadas por já se encontrarem içadas, desde a semana passada, à volta da aldeia olímpica, as bandeiras dos 127 países concorrentes.

«BALLET» AMERICANO

Os 18 elementos da companhia de «ballet» de Nova Iorque, dirigida por George Balanchine, partiram de avião para Munique, onde apresentarão um espectáculo «cultural pré-olímpico». Segundo Balanchine, a companhia dará cinco recitas naquela cidade alemã, a partir de amanhã.

RODÉSIA LÁ ESTÁ

Avery Brundage, presidente do Comité Olímpico Internacional, informou o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos, de que não pode ser anulada a decisão de convidar a Rodésia a participar nos Jogos.

O chefe do gabinete de Imprensa do Comité Olímpico, Hans Klein, disse aos jornalistas que Avery Brundage (83 anos), informou Willi Daume, presidente do Comité organizador dos Jogos, num telefonema que fez da sua residência em Chicago desta decisão.

Os primeiros atletas rodésianos a participarem nos Jogos Olímpicos (quatro velejadores brancos) chegaram já à Alemanha Ocidental.

Daume deve avistar-se, agora, com uma delegação do Su-

premo Conselho dos Desportos em África, para informar os seus membros da resolução tomada por Brundage.

A controvérsia acerca da participação de desportistas rodésianos nos Jogos Olímpicos levou, nas últimas 48 horas, a uma série de telefonemas urgentes entre Willi Daume e Brundage.

Klein disse que Daume informou os membros do comité organizador de que o presidente declarou firmemente que o comité adoptou o ano passado uma resolução sobre esta questão de acordo com os estados africanos.

A resolução estipulava que a Rodésia seria autorizada a participar nos Jogos Olímpicos sob a bandeira colonial rodésiana e tendo como hino o hino nacional britânico.

«Brundage disse que o I.O.C., fará cumprir rigorosamente esta resolução e pediu ao comité organizador que a respeite, disse Klein aos jornalistas.

Ao perguntarem-lhe qual seria a reacção do Comité organizador, Klein respondeu: O Comité organizador é membro do I.O.C..

Círculos geralmente bem informados declararam que o Comité organizador provavelmente, pedirá compreensão para a situação em que se encontra, em virtude dos fortes e amistosos laços que se desenvolveram entre ele e os desportistas africanos durante os jogos preparatórios.

SEAGREN REI DA VARA?

Em 1 de Maio deste ano, o «record» mundial do salto com vara estava em 5,54 metros — uma nova marca acabada de estabelecer pelo sueco Kjell Isaksson.

Hoje, Isaksson e o norte-americano Bob Seagren estão de acordo em que os 5,54 metros, talvez nem cheguem para ganhar uma medalha de bronze nas olimpiadas.

Desde então, Seagren colocou o «record» na marca de 5,63 metros e diz que os 5,79 estão



Australianos: os primeiros hóspedes da aldeia olímpica

à mão de semear, podendo ser alcançados tanto por ele, como por Isaksson ou qualquer outros dos melhores especialistas da modalidade.

O meu alvo pessoal eram os 5,64 mas isso já não é bastante agora declara Seagren, salientando:

Não há dúvida de que em Munique a luta vai ser renhida, estarão lá, também o alemão oriental Wolfgang Nordwig o italiano Renato Dionisi e muitos outros com quem é preciso contar.

Todavia, Seagren, de 25 anos, de regresso às competições depois do ferimento e consequente operação que sofreu numa perna, considera-se favorito.

Gosto de ir à frente ao volante. Quero que os outros saltadores olhem para mim como quem olha para o sujeito que é preciso bater. Isso dá-me força e confiança declara.

Seagren feriu-se num passeio a cavalo com sua mulher (Kam), em meados de 1971. Subitamente a montada sacudiu-o e o atleta, apesar de saber como se deve cair de uma altura superior a

cinco metros quando transpõe a fasquia, caiu em cheio sobre o joelho direito, que levou tempo a sarar.

Este acidente teve o seu lado bom observa o atleta estar sem competir tornou-me furioso e aumentou em mim a vontade de o fazer.

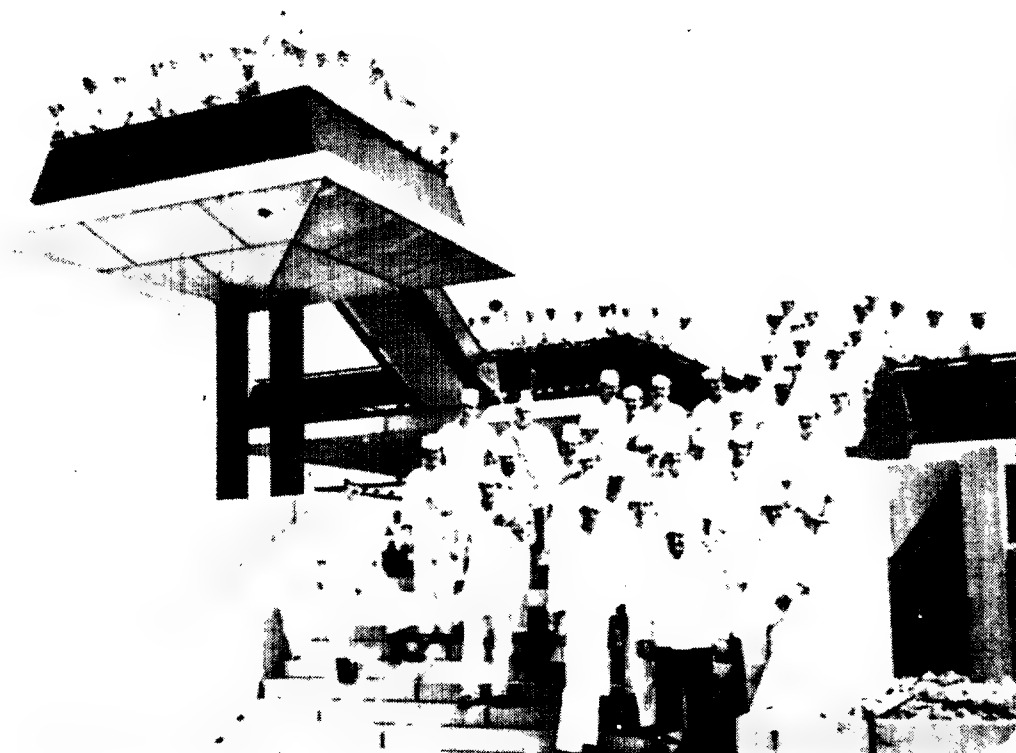
THALMA

Bob começou a saltar à vara no liceu, seguindo as pisadas de seu irmão, Art. Também jogou basebol mas acabou por se concentrar na modalidade em que se tem distinguido.

No defeso, não descura a sua preparação física, que inclui o halterofilismo.

Tirou um curso de administração mas, em certa altura, pensou em piloto de carreiras aéreas. Actualmente deseja entregar-se à arte de Thalma, ainda por gostar da glória pessoal.

Costuma exibir com orgulho, que não disfarça a medalha de ouro que conquistou no México: e quer outra em Munique. Está convencido que duas medalhas lhe facilitarão o salto que pretende dar na arte de representar.



Os 75 cozinheiros que vão fazer a comida dos olímpicos

EXTERNATOS

São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal
Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

RAMIN - PRAIA E CAMPO NO TREINO DO BEIRA-MAR

«Dentro desta casa irá haver lealdade, sinceridade. E, brei mais longe: eu espero ser o espelho destes atletas, que estarão animados da melhor vontade para que o Beira-Mar não volte a passar maus momentos. Não quero ser «saltimbanco». Vim para ficar muitos anos».

Estas foram as primeiras palavras de Ramin, o técnico que os novos dirigentes do Beira-Mar contrataram num repente. Do almoço de sexta-feira última para o meio dia de sábado seguinte. Um relâmpago. A contrastar com a afirmação de permanência de Ramin. Pois, que assim seja.

Cá fora, muita gente. Dos que querem saber quem são as novas «trutas». Mas estas, talvez pela «poluição» porque o clube passou nestes últimos tempos, ainda não apareceram. E são necessárias.

«Pelo que sei da equipa, precisamos de um bom médio e de dois avançados. São indispensáveis. Os dirigentes falaram-me em nomes a que dei todo o meu apoio. Estou certo que virão para Aveiro apesar de não dispormos do dinheiro do Farense que gastou, segundo se diz, 1 000 contos com o Rui Paulino. Essa «massa» faria a nossa felicidade!»

Fizemos um paralelismo entre Faro e Aveiro. Quem poderia mais? Dum lado o turismo e alguma indústria. Do outro, todo um desenvolvimento cada vez em maior ritmo.

«Também não percebo porque Aveiro não acarinha financeiramente mais o seu clube: que todos nós, mesmo os que vivemos fora daqui, queremos desafogados!»

Angelino Apolinário, um homem que já esteve com o futebol e agora regressou, fez as apresentações. É homem sério, comedido. Exortou todos à união de esforços. Falou de dificuldades. E disse que iria haver modificação na vida do futebol do Beira-Mar. Os jogadores não procuram o dirigente, mas sim o treinador. Ele é que irá ser o catalizador de todos os seus anseios. E, também lembrou as dificuldades que está a ter com os contratos de alguns jogadores (Baxa, César, Eduardo e Alemão).

Ramin esteve connosco à noite. Depois do treino da manhã na praia e da tarde na mata.

Ramin foi seguro nas afirmações. Não se comprometeu. Porquê?

«O Campeonato próxi-



No fresquinho da praia, o calor da palavra de Ramin aos jogadores do Beira-Mar

mo? Pois iremos lutar. Os jogadores irão transcenderem-se. Serão dedicados. Mostrarão a sua capacidade. Defender-se-ão, defendendo o melhor que puderem e souberem o clube. E a sua obrigação de profissionais, até porque o sortelo é-nos favorável: houve caldeação de adversários menos difíceis com os de grande poder.»

O campeonato está à porta. Atraso no início dos trabalhos. Depois de um final tempestuoso, de temporada com «liguinha» e deserção directiva, de dificuldade no arranjar de quem não tivesse medo de enfrentar as dificuldades, o Beira-Mar prepara-se um tanto caseiramente. Quase a medo.

«Esses problemas todos já deviam estar tratados há mais tempo. São as tais dores de cabeça que irei ter. Mas, não posso dar-lhes muita importância. Viverei o dia que passa: e já tenho muito com que me entreter.»

Dante Bianchi falou de futebol de «retranca» porque o «plantel» não dava para mais. Teve tranquilidade enquanto andou por Aveiro. Ora os elementos são os mesmos, fora as saídas de Jerónimo e Nelinho. Ramin vai «aguentar pianinho»?

«Enquanto a bola estiver na posse dos meus rapazes tentaremos o ataque. Quando for dos outros defender-nos-emos» (A senhor de La Palice).

Mas sempre foi levantando o véu:

«Conforme os jogadores de que dispuser é que montarei a sistema da equipa...»

Esta é a quinta temporada de Ramin como técnico de futebol. Primeiro, o Portimonense. Depois, Sintrense, Tirsense (duas

temporadas) e Olhanense. Tudo terminado em «ense». Saiu-lhe na rifa o Beira-Mar, quando menos o esperava e o seu telefone estava avariado. Porém, os amigos são para as ocasiões: e Ramin veio para Aveiro com um contrato inferior ao que fizera no Tirsense.

«Mas não é uma aventura, pois tenho muita honra e é com muito orgulho que vim para o Beira-Mar. Não foi o fascínio da I Divisão, pois na II está-se mais comodamente.»

Falámos de si e da «sua» Académica. Lembrou um episódio do seu tempo de jogador, com «Mestre» Cândido como treinador. E recordou uma frase daquele grande e saudoso técnico.

«Al do dia em que a Académica caia na II Divisão. Vai ser muito difícil de lá sair. E Ramin também profetizou: «Vai ser um grande problema. Não por falta de valor da «Briosa», mas sim porque todos se irão agigantar. Vai levar o seu tempo a sair da II Divisão, a «minha» Académica.»

A terminar, informamos de que estiveram presentes no primeiro treino do Beira-Mar os seguintes jogadores: Marques, Cleo, Alemida, Ingula, Rola, Ferreira, Teixeira, Colorado, Adé, Lázaro, Domingos, Soares e Eduardo. Este, depois da apresentação, não foi para os trabalhos, porque está em desacordo com o clube no tocante a novo contrato. Até se diz que, possuindo uma secção do curso liceal via com agrado o seu ingresso na Académica. Presentes (ainda) Marques e Bernardinho (emprestados na época finda ao Alba) e Robalo, um defensor do Maia, à experiência.

JOSÉ NAIÁ

SETÚBAL SACA PRIMEIRA TAÇA DA ÉPOCA

O Vitória de Setúbal conquistou o Torneio Intercontinental de Futebol, dotado com a «Taça TAP», ao vencer, à noite em Luanda, o F. C. do Porto. Mas, para isso, teve de recorrer-se a um prolongamento e a uma série de cinco «penaltys», já que os dois grupos metropolitanos teimavam em manter o empate que os obrigara à finalíssima.

Os golos do tempo regularmente foram apontados por Flávio, (de grande penalidade) e por Conceição no derradeiro dos 90 minutos. As duas equipas apresentaram-se nos Coqueiros com a formação seguinte:

VITÓRIA: Vaz; Conceição, Cardoso, José Mendes e Carriço; Octávio, Matine, Praia e Duda; Arcanjo e Torres.

F.C. PORTO: Rui, Gualter, Manhiça, Rolando (Valdemar) e Guedes; Helder Ernesto, Celso e Pavão; Oliveira, Flávio e Ricardo.

ÁRBITRO: Domingos Porto.

Como se depreendia pela constituição das equipas e se confirmara no campo, o futebol das duas equipas careceu de finalizadores. No Vitória, Jacinto João e José Maria estavam impedidos de jogar (por lesão) e Pedroto teve de optar por um 4-4-2 em que apenas Arcanjo e Torres jogavam na área. O F.C. do Porto, sem Abel (que ficou a gozar férias em LOURENÇO, OMARQUES e MALAGUETA (lesionado), apresentou um figurino ainda mais de meio-campo, com os lances a decorrerem na zona intermédia entre Celso, Pavão, Ernesto e Oliveira e lá na frente apenas Flávio, muito isolado nas cercanias da grande-área. Daí a escassez de golos. Os dois tentos surgiram até em lances inesperados, e as oportunidades de remate vitoriosas também não foram muitas. Mesmo assim, o F.C. do Porto ainda foi a equipa que mais bolas levou à baliza, tendo em duas ocasiões (por intermédio de Pavão e Oliveira) logrado boas posições para o golo. Mas não se concretizaram.

Os adeptos locais que acorreram em bom número (800 contos na bilheteira) não saíram desiludidos. Certo que a qualidade técnica do futebol praticado poderia ser melhor, mas houve pormenores que revelaram já algumas boas perspectivas para os dois grupos. Uma certa lentidão e o predomínio de manutensão da bola longe da baliza têm de se desculpar pelo atraso da preparação (agravado pela sucessão de jogos em curto espaço de tempo) e pe-

la ausência de pedras fundamentais. Uma certeza fica, após este jogo e após o anterior (também disputado em Luanda) entre o Vitória e o Sporting: a má impressão da jornada inicial do «Torneio Intercontinental» desfez-se definitivamente e os adeptos do futebol, residentes em Angola, recuperaram a vontade de ver equipas metropolitanas.

O mesmo parece ter acontecido com o empresário que chegou a recear um certo e avultado prejuízo mas que pode, agora, fechar as contas sem grandes dores de cabeça. A «finalíssima» saldou tudo: a conta em futebol jogado, a conta da tesouraria.

Na série de penalidades, a sequência foi esta: Torres (Setúbal) Celso (Porto), Arcanjo (Set.), Ricardo (Porto) — com Vaz a defender — Matine (Set.), Flávio (Porto), Duda (Setúbal) e Valdemar (Porto), à trave.

Como já acontecera nos 90 minutos regulamentares (e depois no prolongamento) os portistas foram demasiado perdulários. Não foi só nas grandes penalidades que falharam, pois na primeira meia hora, o Porto perdeu duas boas oportunidades de golo: primeiro, por falta de Arcanjo, não, concretizou um perigoso livre indirecto, depois, porque Flávio, completamente isolado e já batida a defesa sadina, atirou a razar a trave.

No último quarto de hora, Praia foi derrubado à entrada da grande área. Ao marcar o livre, Matine, atirou forte e a bola bateu no poste, voltando ao rectângulo. Octávio foi ao lance e recargou, mas o esférico saiu pela cabeceira.

Pouco depois, Flávio, ao receber um cruzamento de Pavão, perdeu o ensejo de marcar.

Consequência de tudo isto: o Vitória de Setúbal conquistou o primeiro troféu da equipa e logo contra parceiros de igualdade do F.C. do Porto, Sporting e Belenenses. Pedroto já está na briga pelo topo.

OUTRAS NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Foi assinado, ontem à noite, em Luanda, o maior contrato de sempre do futebol angolano: o dr. Oswaldo Branco, dirigente do Sport Lisboa e Benfica, firmou com o Ferrovário de Luanda a transferência do jovem avançado David.

O clube luandense receberá 1100 contos e o jogador 240 contos por época. O con-

trato é por três épocas, pelo que a transacção se eleva a 1820 contos

David era cobiado igualmente pelo Sporting e pelo Belenenses.

Também o Vitória de Setúbal está em vias de solicitar a colaboração de outros futebolistas angolanos, depois de haver garantido a vinda de Lito, um «miúdo de 15 anos. O mais recente «craque» em observação dá pelo nome de Geovetti e joga no meio-campo do Sporting de Luanda. É forte, entroncado, um bocadinho «tosco» mas de remate fácil e forte. Pedroto pretende trazê-lo para o lançar na equipa, no lugar de Matine, depois de convenientemente burilado e tratado tecnicamente.

Este ano, várias vedetas dos estádios escolheram a África para passar férias, por serem de lá naturais, por interesses particulares ou por gostos recém-adquiridos. Assim, Eusébio e Abel gozaram tranquilamente uns dias de repouso na sua cidade natal, Lourenço Marques; Jordão está em Benguela (e pediu 10 contos e vinte por cento da receita bruta de um jogo em que apenas participaria durante dez minutos), Franco está igualmente em Benguela e Toni, Simões e Humberto na África do Sul.

A propósito de Toni, Simões e Humberto, jogaram ontem pelo Lusitano de Joanesburgo e perderam 4-1, embora com certas atenuantes pois estão de férias, o grupo adversário era o guia da classificação (só o nome assusta: «Highland Powers») e os companheiros de turma são fraquinhos. Os três «internacionais» benfiquistas apresentar-se-ão no dia 16 do Estádio da Luz, como todos os colegas, para começar os treinos sob a orientação de Hagan.

alinho já treina no Sporting, ainda que a sua situação não esteja definitivamente arumada. Há problemas a resolver com a Académica mas o excelente defensor não quer perder tempo em relação aos seus futuros companheiros, aproveitando agora uma abertura no serviço militar para os primeiros exercícios. Franguito, que só tem aparecido esporadicamente, também vai iniciar um período de mais assidua preparação.

Belenenses e União de Coimbra devem defrontar-se duas vezes antes de começar o campeonato. Na primeira, para apresentação da nova equipa «azul», no Estádio do Restelo; na segunda, em Coimbra, como número do torneio que se prepara na cidade do Mondego.

CIMEIRA DE XADREZ EMPATE CRIOU ÁGUA NA BOCA

REIQUEJAVIQUE, 10 — O russo Boris Spassky, campeão do mundo, e o seu competidor, o americano Bobby Fischer, empataram na 12.ª partida (ao 55.º movimento) do Campeonato Mundial que fora adiada na véspera ao fim do tempo regulamentar.

A forma como decorreu esta partida prova a recuperação do russo. Hoje às 18 horas, com o 13.º embate, começará a segunda metade do torneio que o americano abre com dois pontos de vantagem.

O JOGO

Spassky chegou precisamente à hora marcada e passou pelo palco a ler um bo-

cado de papel, onde estavam escritas algumas notas.

Cerca de 500 pessoas aplaudiram o jogador russo. O árbitro, o alemão ocidental Lothar Schmid, abriu e entregou a Spassky o sobrescrito em que Fischer escrevera na véspera a 41.ª jogada.

Enquanto Schmid executava o lance (dama C-6) Fischer entrou na sala. Os dois jogadores apertaram as mãos e Spassky respondeu enquanto se sentava.

Os lances seguintes desenvolveram-se rapidamente e o grande mestre dinamarquês Jens Enevoldsen declarou a proposta:

«Até aqui ainda não aconteceu nada de emocionante.

Parece ir acabar num empate».

Fischer estudou o jogo durante a noite com o seu colaborador mais próximo, o padre William Lombardy.

Na continuação da partida os movimentos de Fischer (brancas) Spassky (pretas) foram assim:

41.º, Q-B6, Q-B7; 42.º, B-K5, R-Q7; 43.º, Q-R8 CH, K-R2; 44.º, BXKT, PXB4; 45.º, Q-B3, P-B4; 46.º, P-KT4, Q-K5; 47.º, K-KT2, K-KT3; 48.º, R-B1, B-R6; 49.º, R-QR1, B-KT5; 50.º, R-QB1, B-K2; 51.º, PXP CH, PXP; 52.º, R-K1, RXP CH; 53.º, KXR, B-R5 CH; 54.º, K-K2, QXQ CH e 55.º, KXQ, BXR.

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º E-4.º
TELEF. 654531/2 3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
END. TEL. DIBOA, 57
END. TEL. DIBOA, 1363
LISBOA-PORTUGAL

CIENTISTAS MUNDIAIS

VÃO REUNIR-SE EM LISBOA

Cientistas mundiais de investigação médica deslocar-se-ão a Lisboa, de 4 a 9 de Setembro, onde se reunirão para estudar, na 24.ª Assembleia Geral da Federação Internacional Farmacêutica e no 32.º Congresso Internacional das Ciências Farmacêuticas, problemas da virologia moderna.

É esta a primeira vez que estas duas reuniões internacionais se realizam no nosso País, esperando-se a presença de mais de dois mil participantes de 60 países de todos os continentes. A sessão inaugural decorrerá, bom como as sessões de trabalhos, na reitoria da Universidade de Lisboa, sob a presidência do ministro da Educação Nacional.

Espera-se que na sessão de abertura usem da palavra, além daquele membro do Governo, o presidente do Congresso e o presidente da Federação Internacional Farmacêutica. O prof.

Correia Ralha proferirá também uma conferência sobre o «ensino superior e as carreiras profissionais na sociedade do futuro».

Entre outros trabalhos apresentados analisar-se-ão vacinas, medicamentos antivírus, genética dos vírus e a sua formulação. Serão ainda tratados problemas relacionados com as plantas medicinais, a biologia, os serviços dos hospitais civis e militares e ainda o controle de medicamentos. No dia 7 tratar-se-á especialmente da «introdução à Farmácia».

Da comissão organizadora fazem parte os srs. drs. Palla Carreiro (presidente), Carlos Silveira (secretário-geral), Marques Leal, Nuno Rosa, profs. Correia da Silva, Nunes de Oliveira, Pires Rodrigues, Nogueira Prieta, Correia Alves, Sousa Dias e Carvalho Guerra, e, ainda, os drs. António de Sousa Macedo, Pedro Coelho, Godinho de Matos e Maria Luisa Santos.

Vítimas do incêndio de 1970

AGRICULTORES DO CARAMULO SERÃO INDEMNIZADOS?

Um decreto-lei dos Ministérios das Finanças e

Um copo de boa disposição...



...para todo o dia!

Mais disposições, azia, náuseas e enfiamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samaritan»

caixas com 36 cartelas individuais



À venda nas Farmácias

da Economia determina um aumento de 690 contos nos subsídios a conceder aos proprietários dos concelhos de Águeda e Tondela afectados por incêndios devastadores, em 1970, provocados pela explosão de uma pedreira do Estado.

A zona afectada situa-se numa vasta área da serra do Caramulo e a extensão dos estragos justificou, na altura, a visita do chefe do Governo. Em 11 de Novembro de 1970, foi publicado o decreto-lei n.º 542 que autorizou a verba de 5000 contos para indemnizações, de acordo, aliás, com a promessa feita «in-loco» pelo sr. presidente do Conselho.

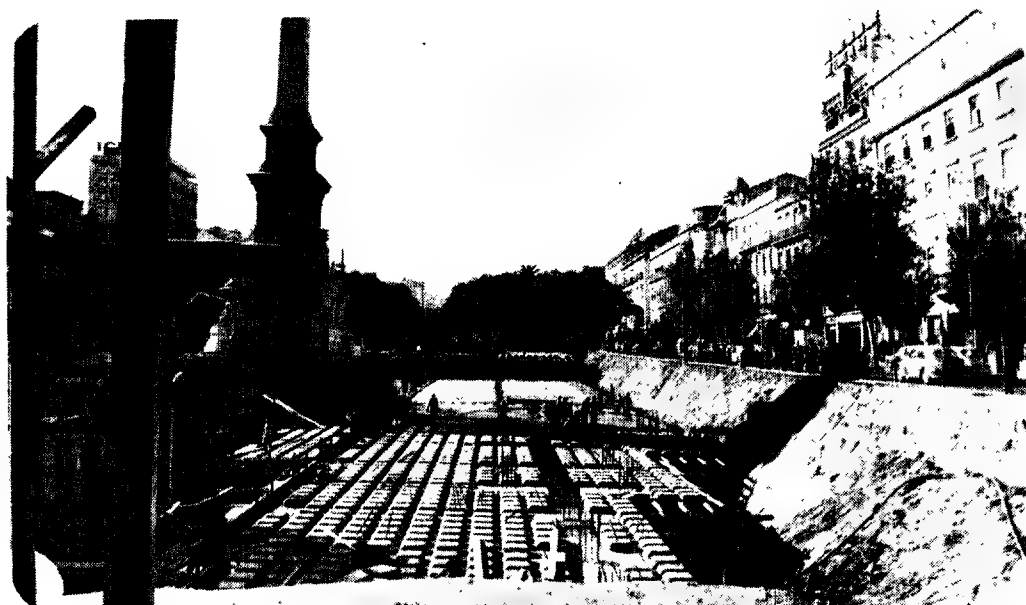
O aumento de verba agora decidido constitui uma esperança para os pobres lavradores da área atingida, que desde aquele ano esperam a concretização das indemnizações para solução do seu problema.

DEPRESSA E DEVAGAR

O parque de estacionamento dos Restauradores (ao lado) continua em ritmo de construção acelerado, tudo deixando prever que estará pronto dentro dos prazos previstos. Tem sido uma questão de meses. A rentabilidade do empreendimento está garantido. Os preços que os utentes pagarão pela utilização deste melhoramento que se diz de utilidade pública compensará, em moedas, a pressa e o investimento.

Entretanto, noutro ponto da cidade, o viaduto sobre a Avenida 5 de Outubro (em baixo) está há um ano e oito meses em construção e, que sabemos, não tem ainda data marcada para a inauguração. Um caso mais complicado? Será só isso? O viaduto sobre a Avenida 5 de Outubro só reembolsará as despesas na melhoria de serviços que proporcionará, isso é certo.

Talvez a diferença dos tempos necessários para acabar cada uma destas obras tenha a sua razão de ser na diferença de rentabilidade. Quem sabe responder?



SETÚBAL, BELENENSES E DINIZ EM LISBOA

Vitória de Setúbal, Belenenses e Diniz, chegaram esta manhã a Lisboa. Na bagagem dos dois clubes, as taças conquistadas na digressão de princípio de época. José Maria Pedroto, o treinador da equipa sadina, vinha satisfeito e adiantou-nos novidades: «Não trouxemos ninguém, porque não íamos na disposição de contratar quem quer que fosse. No entanto, uma vez mais, um jogador do Luanda e

Benfica ofereceu-se para jogar na Vitória. Chama-se Lito e já há dois anos se nos ofereceu. Só que não conseguimos resolver o seu problema escolar, e não foi possível trazê-lo na altura. Agora, talvez que o Vitória e Lito, não tenham de esperar tanto tempo».

Peres Bandeira, treinador-adjunto de «Os Belenenses»: «Socialmente, foi muito útil esta viagem a África. Estamos no

princípio da época, de modo que a equipa ainda não perdeu aquilo que esperamos venha a mostrar durante o Campeonato».

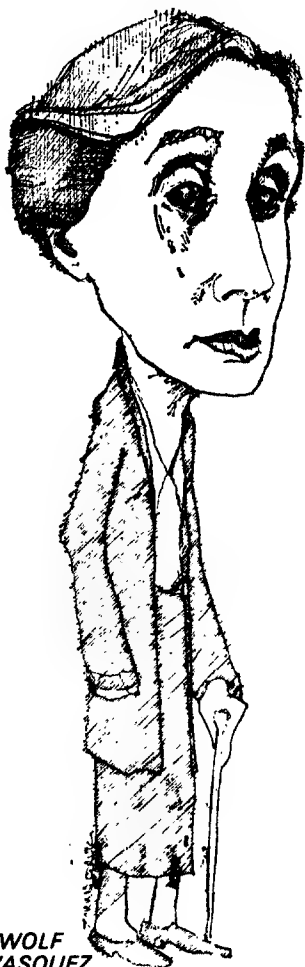
Diniz veio com a disposição de voltar dentro de poucos dias a Luanda. «A não ser que o Sporting aceite as condições que hoje mesmo vou apresentar. A minha vida sofreu uma modificação radical, e não estou dis-

posto a baixar o montante que indicarei. O problema será resolvido em muito pouco tempo, pois em igualdade de circunstâncias abandonarei o futebol e irei viver para a minha terra. É verdade que recebi um convite para um emprego muito bem pago. Só assim encaro a hipótese de deixar o futebol profissional».

E Diniz lá foi, a caminho de casa.



NA PÁGINA 8 — HENRY MILLER



VIRGINIA WOOLF
VISTA POR VASQUEZ
SOLA («LE MONDE»)

Teses, ensaios, livros de todos os géneros, a obra de Virginia Woolf inspirou já abundantemente investigadores e críticos. E ainda não acabou. Cada época que goste de reencontrar, nas obras do passado, as preocupações ou as modas do momento, tem quase por certo que o feminismo do autor de *Mrs. Dalloway*, suscitará muito estudo sábio.

Curiosamente, em todo este aparelho crítico e erudito falta alguma coisa (o essencial?): a personagem, a mulher, o escritor.

Por certo, a extraordinária complexidade da personalidade de Virginia Woolf tinha com que impressionar, até mesmo com que desorientar os eventuais biógrafos. Tinha também outras razões: as doenças mentais não eram, até uma data ainda recente, um assunto tabu, pelo menos, na boa sociedade? Como falar, então, de Virginia Woolf e do inverso do seu génio? Finalmente, o círculo estreito e fechado da sua família, dos seus amigos, que constituíam o célebre «grupo de Bloomsbury» (bairro intelectual de Londres. Aí se encontra o Museu Britânico, a mais importante faculdade da Universidade de Londres e as sedes de quase todas as casas editoras. Virginia Woolf habitou aí durante a década de 20, tal como Keynes, Lytton Strachey, Clive Bell, Raymond Mortimer, etc.), não podia realmente ser estudado senão do interior.

Compreende-se, nestas condições, o interesse que suscita a aparição do primeiro volume da biografia de Virginia Woolf, escrita pelo seu sobrinho Quentin Bell. Este livro honra as tradições intelectuais da família: a erudição manifestada é a de um universitário avisado, mas o tom e o estilo são os de narrador de talento. O período coberto por este primeiro volume é o dos anos de formação da romancista. Orgulhosas até à arrogância de pertencer, por parte de seu pai, Sir Leslie Stephen, à aristocracia intelectual da sua época, as duas irmãs, Virginia e Vanessa, nunca conheceram outras regras além daquelas que elas próprias fixaram. A infelicidade, porém, abate-se sobre elas: entre 1895 e 1906, perdem a mãe, o seu meio irmão, o pai e o irmão mais velho. A cada nova provação, Virginia atravessa uma crise que deteriora ainda mais um equilíbrio mental que a sua hereditariedade tornara já precária.

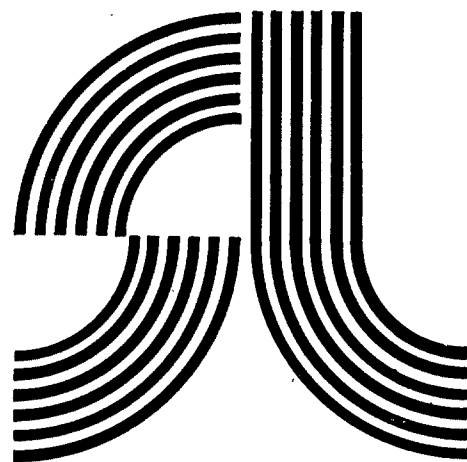
Em seguida, o seu meio irmão, George Duckworth (o mais velho, de 23 anos), tenta fazer dela uma mulher do mundo tradicional, envolvendo-a na sua própria paixão incestuosa. Ela escapará a esta atmosfera sufocante ao juntar-se, com Vanessa, seu irmão Thoby e os seus amigos de Cambridge, a Bloomsbury, e, depois, mais tarde, casando com Leonard Woolf («a mais acertada decisão da sua vida»). O volume seguinte, que aparecerá neste próximo Outono e que cobrirá o período que se abre com o casamento dos Woolf, está desde já, votado ao êxito (a primeira edição do primeiro volume vendeu-se em poucos dias).

O empreendimento de Joan Russel Noble (*Recollections of Virginia Woolf*) é mais modesto. Tratava-se, para ela, de reunir testemunhos sobre Virginia Woolf provenientes de pessoas que a haviam realmente conhecido de perto e, assim, tentar, sob vários ângulos, dissecar esta personalidade dificilmente compreensível. Tudo o que se contava em Bloomsbury deu, assim, a sua contribuição (T. S. Eliot, E. M. Forster, Raymond Mortimer, William Plomer, Clive Bell, etc.). Só uma parte do texto foi escrita especialmente para este volume, mas todos trazem alguma coisa para o conhecimento de Virginia Woolf. Traduzimos um deles, escrito pela sua cozinheira e criada para todo o serviço, Louie Mayer, que viveu sete anos junto dela, em Rodmell, e continuou a sua tarefa junto de seu marido, Leonard Woolf, até à morte deste último.

BERNARD CASSEN

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa



A VIDA QUOTIDIANA DE VIRGINIA WOOLF -contada pela sua mulher a dias

Durante o Verão de 1934, quando eu habitava em Southease, no Sussex, vi um anúncio num jornal local que me interessou particularmente: uma oferta de emprego para cozinheira-criada para todo o serviço numa pequena residência de campo perto de Lewes. O alojamento era assegurado gratuitamente no local, numa pequena casa. As respostas deviam ser endereçadas à senhora Woolf, Monks House, Rodmell. Escrevi imediatamente.

Quando metia a carta no correio, pensei que, sem dúvida, nada conseguiria. Porém, alguns dias mais tarde, com enorme surpresa, o senhor e a senhora Woolf vieram visitar-me. Descreveram-me pormenorizadamente o trabalho que eu teria de fazer em Monks House. O senhor Woolf explicou-me que os seus dias estavam organizados muito cuidadosamente, quase hora por hora, e que lhe importava que nada fosse perturbado no seu desenrolar regular. Tive a impressão de serem pessoas que amavam verdadeiramente o tempo.

A SOLIDÃO

O meu dia de trabalho era longo: começava às oito horas da manhã e terminava às nove horas da noite, porém, nesta época, nem eu nem as minhas amigas que faziam a mesma coisa contávamos os nossos dias de trabalho em horas. Gostávamos do nosso serviço tínhamos orgulho em o fazer bem feito e, não tenho dúvida nenhuma em o dizer, sentiamo-nos muito, muito felizes.

No primeiro dia uma coisa me pareceu curiosa. O forro dos tectos era muito pouco espesso, e como o quarto de banho se encontrava mesmo por cima da cozinha, eu podia ouvir a senhora Woolf a falar sózinha, na banheira, antes o pequeno almoço. Ela falava, falava, falava sem descanso e sem fim, fazendo as perguntas e dando as respostas. Eu pensava que, lá em cima, devia ter duas ou três pessoas consigo. Quando o senhor Woolf deu pelo meu espanto, disse-me que a senhora Woolf lia regularmente em voz alta

o que havia escrito durante a noite. Tinha necessidade de saber se o que escrevera soava bem, e, para o efeito, o quarto de banho era um bom lugar, dadas as suas condições acústicas. Ele estava de tal forma habituado a ouvi-la falar sózinha desta maneira, que já não prestava atenção.

Eu não estava autorizada a fazer o café em Monks House. O senhor e a senhora Woolf eram muito exigentes quanto ao seu café e eles próprios o faziam sempre. Assim, o senhor Woolf entrava todos os dias na cozinha às oito horas da manhã para o preparar. Quando levávamos à senhora Woolf o seu pequeno almoço numa bandeja, eu notava que ela passara a noite a trabalhar. Perto da cama havia papel e lápis para poder escrever, se acordava; às vezes, parecia ter dormido muito pouco.

Estes bocados de papel, alguns dos quais contendo a mesma frase repetida numerosas vezes, encontravam-se espalhados, aos montes, pelo quarto. Havia-os sobre as cadeiras, sobre as mesas e até pelo chão. Era esse um dos hábitos da senhora Woolf quando trabalhava: deixava o que tinha escrito em pequenos montinhos pelos cantos do quarto. Eu encontrava-os, também, mesmo no resto da casa: na sala de visitas, na sala de jantar, sobre as mesas e os fogões de sala.

O quarto da senhora Woolf era no exterior da casa, no jardim, e eu pensava que devia ser desagradável ter de sair sob a chuva para se deitar. Tinha igualmente um escritório no jardim, perto do quarto, porque o local era calmo e ela podia, assim, trabalhar aí sem ser perturbada. O seu quarto havia sido acrescentado à casa; a porta deitava para o pomar, e uma janela lateral abria sobre pleno campo. Lembro-me que, uma noite, uma vaca passou a cabeça pela janela. Isso divertiu muito a senhora Woolf mas, para evitar que tal coisa se repetisse, o senhor Woolf comprou essa extensão de campo e acrescentou uma parte ao jardim.

três

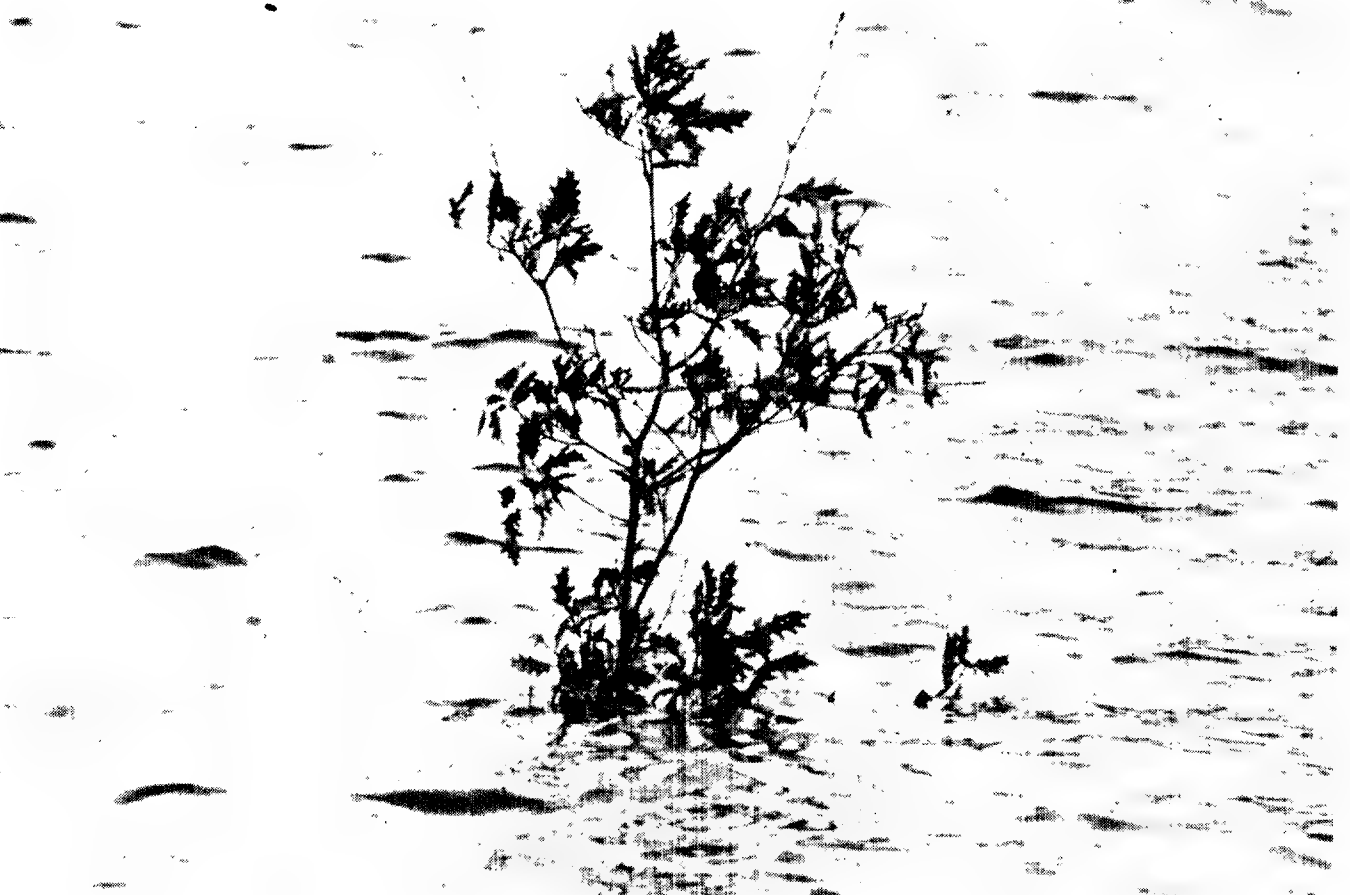


Foto de LUÍS FONTES

O RISO DO MENSÁRIO "CRÍTICA"

O mensário «Crítica», satisfaz a quem? Fazíamos esta pergunta na semana passada e já na segunda-feira encontrávamos uma expressiva definição em artigo de Fernando Luso Soares, publicado no «Jornal do Fundão»: «... vejo a Crítica como o periódico mais reaccionário que em matéria literária nos tem sido dado ver nos últimos tempos». Pedimos vénia a Fernando Luso Soares para transcrever o seu artigo, que oferece importante matéria de reflexão sobre os nossos costumes literários. Eis o texto, que tem por título «Quando o riso é próprio dos parvos»

«Numa conhecida folha de génios — que dá pelo nome sugestivo, mas enganador, de «Crítica» — encontro (no seu n.º 9, que é o último), alguns comentários subscritos pelo senhor G. S., respeitantes às três primeiras peças da colecção «Cena Actual», que o Jornal do Fundão publicou sob minha escolha e prefácio.

Prima a conhecida folha por um contraste, entre muitos outros: flébeos, mas anémicos, os seus geniais próceres mostram-se (só, evidentemente) agüerridos portas adentro da po lémica palavra-a-palavra. São olímpicos e superiores! São tipos ao nível das águia! Planam com displicência as fraquezas dos íntimos que agonizam na planura! Mas vale-lhes, decerto, o princípio de que as ordálias, os «jugements de Dieu», já estão fora de moda. Quer dizer: não correm o risco, em resposta às suas jocosíssimas diatribes, de que lhes venha em perseguição um ferrabrás qualquer a picar-lhes as nádegas com uma lançada de castigo. Deste modo têm singrado impunes, na maneira muito deles de dar frequentemente por sabidos lá os seus pressupostos, em lugar de formulá-los e discuti-los.

Vamos, porém, no plano do puro torneio de palavras (assim é que é bonito) a pôr os pontos nos íllis. Os génios da «Crítica» vêm macerando as cabeças dos pigmeus até ao espalhar do massacre. Permita-se-nos, entretanto, que eu acorra a proclamar a justiça do que se me oferece,



contida a gana (aqui e agora confessada, mas que seria, como já disse, imprópria e reproável) de antes lhes desferir, prosaicamente, uma canelada concreta, isto é, nada metafórica.

No final do comentário que G. S. fez à peça *O Fosso*, de Jaime Gralheiro, o esplendoroso e olímpico aristarco pontificou como vou atrever-me a transcrever. Disse ele: «Na nota prefacial de F. L. S. salta aos olhos uma hilariante afirmação: tendo adoptado para lema da colecção «uma frase típica do nosso Manuel de Figueiredo do século 18», afirma F. L. S. que ela «parece antecessora do didactismo de Brecht». Eis a frase: «O Teatro é uma escola, uma aula, e deve ser uma missão».

O paciente que não seja um génio olímpico do quilate

áureo-pensante dos aborígenes acroéticos da «Crítica» ficará a pensar no circuito dos seus modestíssimos botões: — mas, no final de contas, o que é motivo de estopim hilariante, em semelhante frase?!... Certo é o facto de não se atrever G. S. a negar que Manuel de Figueiredo tenha feito profissão de fé de um Teatro como escola, como aula, como missão. Então, o que constitui indubitável motivo da hilaridade de tão respeitável crítico terá sido, certamente, o facto de eu me ter atrevido à

oriental da Europa e um autor contemporâneo no centro do continente descobrimos laços inesperados, um encontro surpreendente. Ambos cultivam um mesmo género: a narrativa posta em cena. Só o que eu desejaria é que não vá estourar (e, afinal, de certo modo a mesma) antecessoriedade vicentina quanto ao processo brechtiano, causar cólicas, eczemas nervosos ou hilaridades ao sr. G. S. da «Crítica».

Passemos, entretanto, a algumas afirmações do dramaturgo

Por outro lado, acresce a circunstância de — ao que parece — o olímpico sr. G. S. ignorar a existência das chamadas peças didácticas do dramaturgo de Augusta, com as quais ele tinha um objectivo primacial, aparentado (de certa maneira, claro) com o de Manuel de Figueiredo. Escreve, por exemplo, António Coimbra Martins (autor da rubrica «Figueiredo, Manuel de», no *Dicionário de Literatura* dirigido pelo professor Jacinto do Prado Coelho) que para este «o Teatro, além de útil, revelava-se necessário, como meio instrutivo e moralizador». Ora o sr. G. S. — ressalvada, com evidência, a estrutura ideológica diferente de autor a autor, e de época a época — pode até aproveitar as férias da «Crítica» (dois meses, a que ela própria declara) para pensar nas *Lehrstücke* de Brecht, baseadas em intuítos explicitamente pedagógicos, definidos pelo dramaturgo como «exercícios» ou «instrumentos de ensino».

Claro que eu sei bastante bem por que motivo o sr. G. S. (e os seus outros comparsas na folha) embriam com tudo o que cheira a didactismo. Em primeiro lugar, vejo a «Crítica» como o periódico mais reaccionário que em matéria literária nos tem sido dado ver nos últimos tempos. Eis aí o purismo com que pretende reconduzir a coisa literária ao plano dos velhos e burgueses tempos da *Presença*, quando os corifeus desta «escola» defendiam coisas como esta de João Gaspar Simões: pertencem a uma geração de cujo ideário sempre se supuseram excluídos os conceitos sociais na valorização crítica das obras de arte literária. E lembro mais uma vez outra afirmação de Brecht (desculpem-me a obsessão), transcrita dos citados *Estudos Sobre Teatro* (págs. 85): «A maioria das grandes nações não está disposta a debater os seus problemas no palco. Londres, Paris, Tóquio e Roma reservam os seus teatros para fins totalmente diversos. Até agora, apenas em raros sítios, e não por muito tempo, as circunstâncias foram propícias ao desenvolvimento de um teatro épico. Em Berlim, o fascismo pôs enérgicamente cobro ao desenvolvimento desse teatro».

O que decerto aconteceu aos senhores G. S. da «Crítica» — esta a conclusão — é terem-se armado em grandes (pequenos) Césares do burgo literário. Querem ter chagado! Querem ter visto! E julgam que venceram!... Para isso, acharam por bem varrer do terreiro todos os inficionados que andam a pretender uma literatura comprometida. Mas diabos os levem mais à sua independência! E quanto à hilaridade, que pelos vistos causei ao sr. G. S., sempre lhe recordo aquele aforismo latino, horrivelmente bárbaro, que dizia assim: «risus stultorum est» — que é como quem diz, o riso é próprio dos parvos (sublinhados nossos).

concepção de que tal teoria antecedeu o didactismo de Brecht!

Pois quererá o sr. G. S. sustentar que a ideia de uma arte didáctica (brechtiana) não admite antecessores no tempo?... Pretenderá o sr. G. S. que é desonroso para Brecht ter havido no nosso país, e no século 18, alguém que — evidentemente nos limites e no quadro ideológico da sua época — tenha visto o Teatro como uma forma de ensino, de pedagogia, de esclarecimento crítico?... Não teria reparado o sr. G. S. que eu não fui ao ponto de dizer que a «antecedência» de Manuel de Figueiredo relativamente a Brecht era de natureza conexa (necessária) de causa a efeito?... Não percebeu ele (se calhar, não percebeu mesmo) que se tratava quase de uma simples antecedência cronológica, e quanto a uma linha geral?... E ignorará, acaso, o mesmo sr. G. S. que por exemplo também já António José Saraiva considerou o Teatro Vicentino como outro antecessor do processo brechtiano, designadamente nas relações possíveis entre *O Circulo de Giz* e alguns passos do mestre Gil?... o que o levou a escrever assim: «Entre um autor da Idade Média no extremo

alemão sobre o seu didactismo. Por exemplo às seguintes: 1.º

— «O palco principiou a ter uma acção didáctica. O petróleo, a inflação, a guerra, as lutas sociais, a família, a religião, o trigo, o comércio de gado de consumo, passaram a fazer parte dos temas de teatro. Coros elucidavam o espectador acerca dos factos por eles desconhecidos. Por meio de montagens cinematográficas, mostravam-se acontecimentos de todo o mundo. As projecções forneciam material estatístico (in *Estudos sobre Teatro*, Portugal, págs. 76). 2.º — «O teatro passou a oferecer aos filósofos uma excelente oportunidade, oportunidade aliás aberta a todos aqueles que desejavam não só explicar como também modificar o mundo. Fazia-se, por conseguinte, filosofia; ensinava-se, portanto (idem). 3.º — «O teatro não deixa de ser teatro, mesmo quando é didáctico...» (idem, págs. 77). 4.º — «Este teatro, que preconizamos, tem simultaneamente de divertir e de ensinar» (idem, págs. 123). 5.º — «O teatro tem de nos ensinar a sentir os desejos e prazeres dos inventores dos desdobridores, e, também, o triunfo dos libertadores» (idem, págs. 157).

Julgo que estas transcrições são capazes de chegar para uma comparação relativamente feliz: que a teoria do árduo Manuel de Figueiredo (o Teatro como escola, como aula, como lição) não poderia deixar de ser invocada na abertura de uma colecção portuguesa que se preten de comprometer nos limites de certos quadros do pensamento e da estética.

3

PRODUTOS
DE ALTA
QUALIDADEArroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

SAÍU HOJE

O JORNAL
motor

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão 2.990\$00
Frigoríficos 1.900\$00
Trituradores 260\$00
Secadores de cabelo 140\$00
Cassetes 35\$00
Relógios de cozinha 300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

DUDINTSEV

Foi através da revista literária «Novy Mir» que o escritor soviético Vladimir Dudintsev passou a ser conhecido em todo o mundo. O facto de o seu romance «Nem só de pão vive o homem» ser editado por aquela publicação é, por isso só, uma prova não apenas do seu alto valor literário, mas igualmente do significado político de que é portador. O «caso Dudintsev», como agora o «caso Soljenitsin», ultrapassaram as fronteiras da União Soviética, sendo motivo de polémica em todo o mundo. Obra inconformista, o romance de Dudintsev parte da apaixonante história do inventor Lopatkin para interpretar, criticamente, tofa uma colectividade, com os seus dramas e paixões, hipocrisias e valores. O livro volta agora às livrarias portuguesas, depois de as suas primeiras edições se terem esgotado rapidamente.

POPPE

O domínio total sobre a produção da banana da América Central pelo grupo United Fruit e as consequências políticas e sociais daí advindas constituem o núcleo do romance «A Guerra das Bananas», de K. H. Poppe, agora reeditado. As crises sociais desencadeadas, a guerra aberta entre dominadores e dominados, em especial na Guatemala, os ideais nacionalistas do presidente Arbenz e as repercussões internacionais do conflito dão ao livro interesse documental e histórico.

LLOSA

Com o reconhecimento mundial da moderna literatura latino-americana, que despontou no final da última década como uma das mais ricas e importantes do mundo, quer formal, quer tematicamente, o nome do escritor peruano Mário Vargas Llosa surgiu, ao lado dos de García Márquez, Julio Cortázar, Carlos Fuentes e Octavio Paz, como o que mais directamente penetrava nos meandros dos subterrâneos políticos e sociais do seu continente. Formalmente um vanguardista, tematicamente um autor de grande originalidade, na linha mais funda dos valores culturais dos povos andinos, Llosa impôs-se rapidamente aos olhos de toda a crítica mundial, com grande destaque nos meios europeus, a partir do seu romance «Conversa na Catedral», que é, no fundo, uma obra de carácter político, em que são analisados os mecanismos mentais e morais que comandam o Poder, focando especificamente os oito anos (de 1948 a 1956) da ditadura do general Odría, num tempo sangüinário e corrupto que contaminou a nação peruana. Lançamento da Europa-América.

URIS

A ocupação nazi na Europa, nos anos sombrios de 1939 a 1945, época terrível de violência, crimes e perseguições, continua a inspirar tristes e evocativas. «As Colinas da Ira» é uma dessas obras: escreveu-a Leon Uris, autor norte-americano de origem judaica, combatente da última grande guerra. Neste livro ele relata a ocupação da Grécia pelas tropas nazis, a partir do momento em que as divisões alemãs empurraram para o Mediterrâneo o Corpo Expedicionário Inglês. «As Colinas da Ira» já vai na 3.ª edição, agora posta à venda pela Portugal.

CESARINY

De Cesariny, uma antologia abrangendo trinta anos de criação poética: «Burlesca, Teóricas e Sentimentais». Lançamentos da Editorial Presença e uma das mais sugestivas e instigantes obras aparecidas este ano. Falaremos dela com mais vagar.



«BOLTON»

PORTAS BASCULANTES
PARA GARAGEM

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

A VIDA QUOTIDIANA DE VIRGÍNIA WOOLF

Continuação da página um

seguida, como o escritório era pequeno, mandou construir um maior, na extremidade do jardim, contra o muro da igreja. Quando ficou terminado, a senhora Woolf passou a ter uma bela vista para leste, sobre os prados, até ao monte Caburn, e era ali que ela se sentava para trabalhar.

Revejo-a ainda quando, todos os dias, depois de eu ter tocado para o almoço, à uma hora, ela deixava o seu escritório e atravessava o jardim para se dirigir à casa, fumando um dos seus cigarros preferidos metido numa longa boqui-lha. Era alta, delgada e muito elegante. Tinha grandes olhos escuros e uma boca bem desenhada. É este último traço que, talvez, fazia com que o seu rosto parecesse tão belo.

Usava saias compridas — em geral, em veludo azul o castanho — como então se usavam, e blusas de seda da mesma cor. Lembro-me igualmente que ela trazia sempre, saído do bolso da blusa, um grande lenço de seda. A senhora Woolf usava vestidos que lhe iam muito bem, especialmente, quando ia a recepções. Eu engomava-os e dava-lhes uns pontos sempre que necessário (ela não sabia coser, embora o tentasse, quando se lhe oferecia ocasião). Tentava, também, às vezes, cozinhar, mas eu tive sempre a impressão de que ela não queria nunca consagrar a esta tarefa o tempo necessário, e que preferia trabalhar no seu quarto.

O PÃO

Em matéria de cozinha, havia uma coisa em que se avantajava: fazia um pão magnífico. A primeira pergunta que ela me fez quando entrei em Monks House foi: «Sabe fazer pão?». Respondi-lhe que já o tinha preparado para a minha família, mas que não era perita nesse domínio. «Vou agora à cozinha, Louie», disse-me ela, «e vou mostrar-lhe como deve proceder. Nós sempre fizemos o nosso próprio pão». A complexidade da empresa e a maneira metódica como a senhora Woolf a executava surpreenderam-me muito. Mostrou-me como fazer a massa com uma boa dose de farinha e de levedura, depois como a amassar. Voltou três ou quatro vezes, durante a manhã, para a amassar de novo. Finalmente, deu à massa a forma do pão do campo, e cozeu-a à temperatura desejada. Devo dizer que a senhora Woolf não tinha o sentido prático das coisas — por exemplo, não sabia nem coser, nem tricotar, nem conduzir uma viatura — e, no entanto, numa tarefa que reclamava tanta habilidade concreta, ela saía-se brilhantemente. Foram-me necessárias várias semanas para fazer um pão tão bom como o da senhora Woolf, porém, não me poupei a esforços e, ao fim e ao cabo, julgo tê-lo feito melhor do que ela.

A senhora Woolf ficava sempre contente quando acabava um livro, mas as semanas que se seguiam eram muito difíceis para o senhor Woolf. Ele sabia que ela podia ter uma espécie de reacção nervosa, devido às longas horas de trabalho duro que acabara de ter, e cair doente. Se ela começava a sofrer de fortes dores de cabeça e parecia realmente esgotada, ele não permitia nenhuma visita e vigiava para que tivesse um completo repouso. Eu reconhecia o momento em que a saúde da senhora Woolf atingia este estado, quando ela vinha ter comigo à cozinha, se sentava e eu perguntava o que tinha para me dizer. Depois, saía para o jardim, passeava lentamente de um lado para o outro, como se fizesse um esforço para se lembrar. Eu via-a ir de encontro às árvores, enquanto andava, não sabendo realmente o que fazia.

Havia momentos em que parecia esgotada, quando o senhor Woolf e ela se dirigiam de carro a Londres. Era, creio-o bem, geralmente no Inverno, quando fazia frio. Ela detestava ter frio, qualquer que fosse o momento: isso parecia afectá-la de maneira bizarra, e até mesmo assustá-la. Neste caso, sentavam-se ambos perto do fogo de madeira que ardia no fogão e bebiam café até que ela se aquecesse e sentisse melhor.

O FIM

No princípio do ano de 1941, após ter terminado o seu último romance, a senhora Woolf caiu novamente doente;

desta vez, ela pareceu ter muita dificuldade em se restabelecer. O senhor Woolf estava tão inquieto que a persuadiu a ir consultar um especialista a Brighton. Era algo que, tanto quanto eu sabia, ela fazia pela primeira vez. Com a ajuda do especialista e o cuidado que o senhor Woolf tinha para que ela gozasse do maior repouso possível, pareceu melhorar ligeiramente.

Uma manhã, enquanto eu arrumava o gabinete de trabalho do senhor Woolf, entraram ambos no aposento, e o senhor Woolf disse-me: «Louie, quer fazer o favor de dar um pano à senhora Woolf para que ela a ajude a limpar o escritório?». Ele tinha-lhe falado nessa manhã, ainda no quarto, pois ela parecia atravessar um dos seus maus períodos, e havia-lhe sugerido que ela gostaria, talvez, de fazer qualquer coisa, por exemplo, ajudar o trabalho de casa. Dei-lhe um pano, mas tudo isso parecia muito estranho. Eu nunca a vira desejar fazer os arranjos de casa comigo. Pouco depois, a senhora Woolf largou o pano e afastou-se. Pensei que ela não queria limpar o gabinete de trabalho e que havia decidido fazer outra coisa.

Um pouco mais tarde, ainda de manhã, via-a descer da sala de visitas e dirigir-se para o seu quarto situado no jardim. Alguns instantes depois voltou a casa, pôs a sua capa, agarrou na bengala e atravessou rapidamente o jardim até ao portão de cima. Devia ter estado a escrever uma carta ao senhor Woolf e uma outra a sua irmã, enquanto esteve na sala de visitas: tinha-as deixado sobre a pequena mesa de café e havia-se eclipsado rapidamente sem que ninguém a visse.

Quando eu toquei a sineta, à uma hora, para dar a conhecer ao senhor Woolf que o almoço estava servido, ele disse-me que ia subir à sala de visitas para ouvir o noticiário da rádio e que voltaria dentro de alguns minutos. Um segundo depois, ele desceu as escadas a correr, e chamou-me: «Louie», disse-me, «penso que aconteceu alguma

coisa à senhora Woolf! Penso que ela pode ter pensado suicidar-se! Em que direcção partiu? Viu-a deixar a casa?». «Ela saiu pelo portão de cima, ainda há pouco tempo», respondi eu. De repente, foi um terrível pesadelo. Precipitamo-nos para o jardim, e eu fui procurar o jardineiro para lhe perguntar se tinha visto voltar a senhora Woolf.

O senhor Woolf foi até ao portão de cima e correu para o rio. O jardineiro não tinha visto a senhora Woolf, e, assim, foi a correr procurar o agente de polícia de serviço na aldeia. Desceram ambos até ao rio para ver se podiam ajudar o senhor Woolf. Este tinha encontrado a bengala espetada na lama, junto do talude da margem, mas não havia quaisquer vestígios da senhora Woolf. Procuraram-na durante muito tempo, mas não encontraram qualquer indício que pudessem indicar-lhes onde ela se encontrava. O senhor Woolf perguntou a si próprio se ela não teria deixado ali a bengala para confundir as pistas e se não teria ido até à cabana do pastor. Era um dos seus passeios favoritos e era possível que ela ali se tivesse dirigido para estar só, sem saber realmente o que fazia. Eu acompanhei-o à cabana do pastor, mas ninguém ali se encontrava. Demos meia volta e procurámo-la perto dos prados inundados, dos campos de pastagem, dos regatos até ser noite fechada e termos de renunciar. Nenhum de nós podia fazer nada mais.

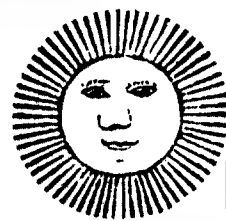
Duas semanas mais tarde, um agente de polícia veio a casa dizer ao senhor Woolf que o corpo havia sido descoberto. Algumas crianças que caminhavam ao longo do rio tinham-no visto, atirado para a margem pela corrente. Disse ainda que lhe haviam sido encontradas grandes pedras nas algebeiras do vestido e que ela devia tê-las metido aí e marchado direita ao rio.

(Extraído de «Recollections of Virginia Woolf», de Louie Mayer, editado por Jean Russel Noble — Peter Own, Londres, 1972).

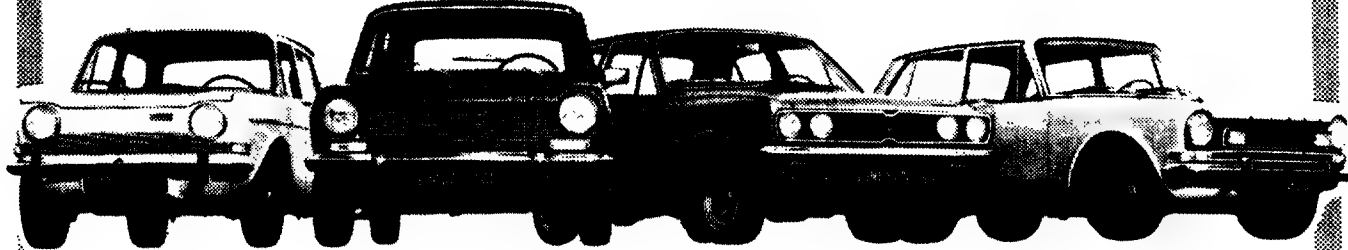
compre na

SIDIAL

Sol e Ouro nas suas férias!



e... poderá receber o preço do seu carro em BARRAS DE OURO



na Sidial, Av. de Roma, 15-B Lisboa

espera por si a grande oportunidade. Parta em férias e sonhe com ouro! a Sidial oferece desde 1 de Fevereiro de 1972, a possibilidade tentadora de você vir a receber por sorteio no fim do ano, o valor total do seu carro em BARRAS DE OURO! Habilite-se! premiado ou não, terá sempre a assistência Sidial, que lhe garante as características de «Sempre Novo».

Visite-nos, os nossos vendedores estão às suas ordens!



A Sidial tem na vasta gama Chrysler o carro que lhe convém, o carro que você vai estrear nas férias deste ano!

SIMCA 1000
SIMCA 1100 (BREAK • SPECIAL)
SIMCA 1301 S
SUNBEAM 1250
SUNBEAM 1500

há horas de sorte!

CONCESSIONÁRIO  CHRYSLER DE PORTUGAL

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome _____

Morada _____ Telefone: _____

INSIGNIA SI-05/72

Paulo Francis

Os irmãos **Tyrone** (**James** e **Edmond**) amam-se muito. E o que dizem um ao outro e a toda a gente durante parte de **A Jornada de um Longo Dia para Dentro da Noite**, de O'Neill. Não temos motivo aparente para duvidar dessa proposição pelo que vemos no palco. Se somos cínicos, entretanto, e já nos entretivemos em ponderações sobre o que há de positivo e destrutivo nas relações humanas, elemento este inseparável de qualquer afectividade profunda, torcemos o nariz para as limitações intelectuais de O'Neill. Mas o dramaturgo surpreende-nos no último acto. **James** confessa-se a **Edmond**. Fala da rivalidade que sente do irmão, que lhe vota ódio e amor, ao mesmo tempo. Temos um choque na poltrona. Perdemos o sentimento de superioridade diante do pieguismo a la **Beau Geste** que vimos nos actos anteriores. Da mesma forma, a vida em família. Com a regularidade de um relógio suíço, os **Tyrones** trocam insultos e demonstrações de carinho e consideração. Uma atitude sempre se segue à outra, invariavelmente. Quando surge uma discussão, depois de alguns minutos de espectáculo, o espectador tem a certeza de que, logo após, virá a reconciliação. E que tudo será temporário, pois tudo sempre recomeça, como no inferno de Sartre. Os **Tyrones** todos construíram uma visão ideal de si próprios, que foi destruída pelas circunstâncias. O pai **Tyrone** poderia ter sido um grande actor, mas o dinheiro fácil corrompeu-o. Viciou-se num papel de comédia, que lhe trouxe milhares de dólares; converteu-se em sovina, etc. E com a vontade férrea que é a característica por excelência das personagens de O'Neill, desnuda-se no palco. Explica os motivos da sua avareza, mas isto não o redime dessa paixão obscena. Continua avaro. Não podemos fugir de nós mesmos, do que a Vida, com maiúscula, fez de nós. **Não se pode compreender o incompreensível — diz Mary** à mãe. O que podemos é amar-nos uns aos outros e prosseguir juntos, a despeito de tudo, a despeito de sermos mortos/vivos.



Marido e mulher na época eduardina.



Pai e filho: Tyrone e Edmond.

O' NEILL a longa jornada

Existia uma pureza, um recolhimento terno, um absoluto modesto de motivos e actos na vida que **Mary** levava no convento, quando criança. E ela quis perpetuá-lo, como freira. Mas **Madre Elizabeth**, uma das suas professoras, com a argúcia fantástica de que sempre são revestidos os religiosos profissionais pelos desesperados profissionais (até **Eliot** caiu na esparrela, em **Ash Wednesday**), exigiu de **Mary** que, antes de recolher-se ao convento, provasse a vida por dois

anos. E **Mary** encontrou **James Tyrone**, seu futuro marido: um actor famoso, jovem, belo, jovial, generoso, etc., encarnando todos aqueles atributos do Deus abstracto que ela adorava no convento. Existe até algo de ritualístico no trabalho do palco, que podia trazer para **Mary** essa identificação entre **James** e Deus. O tema é delicado.

As fotos que ilustram o artigo são da versão actualmente em cena em Londres, com **Lawrence Olivier**, **Constance Cummings** e **Oliviere Ronald Pickup**.

Flaubert, em um ou dois parágrafos de **Madame Bovary**, quando trata da passagem de **Ema** pelo convento, define dramaticamente o que O'Neill nos conta, apenas, em **Long Day's Journey Into the Night**, durante algumas horas de conversa: o terror de sexo da criança, transferido para os prazeres da religião, através de comoções.

Ema reencontra o seu caminho verdadeiro para a ruína. **Mary** termina em morfina. O seu casamento, no tocante à parte sexual, permanece obscuro no palco. Existe, entre ela e **James**, Amor, novamente com maiúscula, mas nenhuma relação de macho e fêmea, sequer indirectamente dramatizada. Pai e Mãe, ou melhor, a Mãe, nunca tem sexo para o autor americano típico. Vidé as mães de **Arthur Miller** em **A Morte do Caixeiro Viajante** e **Um Panorama Visto da Ponte**, por exem-

plo. **Mary** nunca atinge a maturidade como criatura humana. Continua criança, isolada do mundo dos adultos. Nunca participa dele, como **Ema**, com alma de criança, o que, nesse contexto, seria o ideal dramático devotadamente a ser desejado. Ela não tem culpa ou responsabilidade de coisa alguma. Tem somente sentimento de culpa, explicado no texto via Freud. Um filho morreu quando ela foi encontrar-se com o marido, porque este se sentia só. Isto é a solidão nos quartos de hotel de segunda classe, o terror de ver o seu Deus convertido em homem vir ao seu leito transfigurado pelo álcool. Um mundo de criança fossilizado, carcomido por circunstâncias. Até à sua morfina é accidental. Substitui os prazeres da reza, no passado. Não é uma forma de libertação, que nos permita ver a besta-fera do interior da personagem, mas uma espécie de máquina do tempo, onde **Mary** se refugia num passado supostamente ideal. Foi um médico mau que lhe deu a droga, certa vez. Ela não teve sequer a iniciativa de iniciar-se no vício por si própria. Esta, a mais ambiciosa das criações de O'Neill em **Long Day's Journey Into the Night**.

O DERIVATIVO

Os filhos existem à base de Freud e de imagens de poesia colegial. **Edmond**, que é o poeta da casa, refere-se à mãe como um fantasma rondando o passado, ao menos duas vezes no texto. E descreve a sua integração passiva na natureza, num diálogo com seu pai, o seu desejo de ser «gaivota» ou «peixe». O espectador fica um tanto embaraçado ao ouvir estes ecos distantes do pior **Shelley** e **Swinburne** (pior, aqui, seria pleonismo) assim como esse panteísmo adolescente descrito como poesia. E o rapaz nasceu poeta, pois toda a gente o diz. Nunca sentimos nele a capacidade de sentir mais do que os outros (ou menos, no famoso paradoxo de **Carl Sandburg**) a ponto de poder compreendê-los e compreender a si mesmo. Ele já nasceu poeta, com certidão e tudo o mais, e reúne todos os

clichés da imagem popular do poeta: tem um arzinho passivo e uma vontade férrea sofre de tuberculose, melancolia, etc.. Mas à parte esses adornos exteriores de personalidade, **Edmond** é de uma inocência total. Todos o levam na conversa. Mais parece tonto do que poeta. A personagem deveria participar dos conflitos da peça com maior intensidade que os demais, a fim de que pudesse convencer-nos da sua capacidade de transformá-los em literatura, da sua capacidade de considerá-los sob todos os ângulos possíveis e, assim, de exorcizar a prisão desses conflitos. Esta é a inocência de poeta, adquirida à custa de auto-violentação de preconceitos e de sentimentalismos. **Edmond**, entretanto, está sempre a reboque das demais personagens. Participa menos do que todos de tudo, porque a sua inocência é inata, herdada de algum poder misterioso.

Com **James Filho**, voltamos a Freud e ingressamos na literatura de fronteira, no americano rude e cínico, com um coração de ouro. Freud está numa sugestão de incesto entre filho e mãe, recalcada em vergonha; e no cinismo que decorre dessa vergonha, na sua aceitação através de prostitutas e de álcool. Mas **James** é apenas outra vítima das circunstâncias, irresponsável individualmente. Não se suja com o que faz. Peca, mas arrependendo-se durante o acto, por assim dizer. A sua «sujeira» é nostalgia de pureza,

um mero derivativo. Ele completa o quadro de desculpas que O'Neill oferece ao público pela sua família, em **Long Day's Journey Into the Night**.

OS JOGUETES

Mary McCarthy escreveu, certa vez, que O'Neill era um repórter incompetente, referindo-se a **The Iceman Cometh**, aos seus bêbados que tudo conscientizam, que estão sempre presos e obedientes à vontade do autor e às suas ideias sobre o comportamento humano, sem possuir vida própria. Ora, vida própria, em arte, significa ambivalência de visão, dialéctica. O'Neill possui esses atributos, mentalmente, mas não consegue convertê-los em matéria dramática.

Exemplifiquemos: as brigas e reconciliações em **A Jornada de um Longo Dia para Dentro da Noite**, são uma verdade da vida de família. Por mais violentas ou afectivas que sejam, escondem sempre os seus opostos, que vão e voltam com regularidade. Colocamos o nosso ódio e amor por nós mesmos nas nossas relações com os que nos são próximos. Este elemento, entretanto, está ausente de O'Neill. Ele consegue reproduzir a fúria e o carinho, por assim dizer, em termos de melodrama, de sentimento contra sentimento: o sentimento puro, portanto. Não consegue dramatizar à base de egoísmo em qualquer das reacções. Jamais ocorre ao autor que a pu-

reza de Mary, na infância, possa ser uma paixão tão pífida, em essência, como a soviniçice do seu marido; que possa ser manifestação de egoísmo, de vaidade e de orgulho. O'Neill acredita naquilo em que as suas personagens acreditam. Não consegue enxergar além delas.

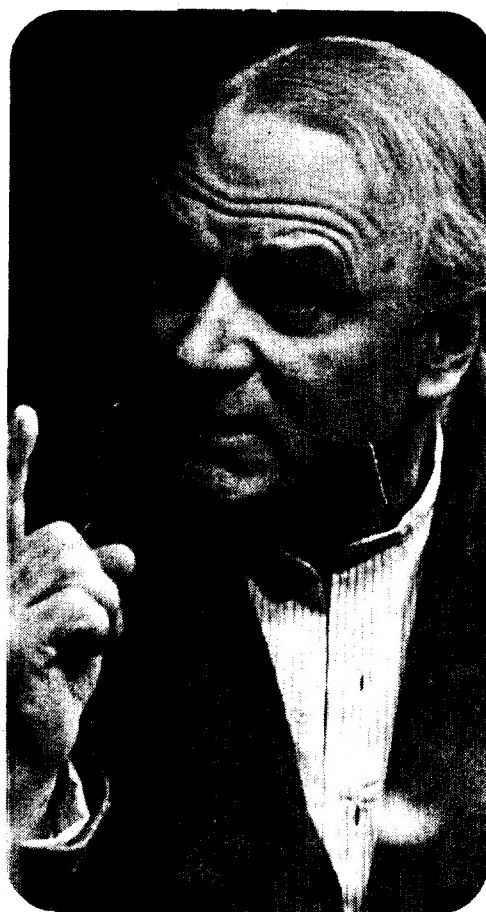
A dialéctica de O'Neill só funciona no plano circunstancial, nunca no plano individual, de culpa. Ele sabe o que é sentimento de culpa, mas ignora o que vem a ser culpa, realmente. O seu choque de opostos fica no terreno das noções. E o facto é agravado na **Jornada** porque o autor está a escrever da sua própria família. Mary McCarthy tinha razão. Será possível que O'Neill nunca tenha percebido o diálogo sexual mudo que há entre os casais, observando o seu pai e a sua mãe? Afinal, eles amavam-se tanto. O'Neill explica tudo, ou tenta explicar, mas pouco consegue demonstrar. Para que exista uma progressão na peça, ele precisa até usar do «suspense». O primeiro acto da peça poderia ter por subtítulo **O que é que Mary faz lá em cima?**, pois mantém o público em constante expectativa sobre a conduta da personagem. O que chega a ser quase obsceno, pois o dramaturgo usa a sua própria mãe para obter este efeito melodramático. E, no entanto, O'Neill quer prestar-lhe uma homenagem. Não é irónico? Um filho homenageando a mãe (com todas as suas fraquezas, é verdade), consegue insultá-la, convertendo-a num **ersatz** melodramático. Pode-se dizer até que o autor abusa da criatura humana infeliz em geral, na figura de sua mãe. E quis fazer exactamente o oposto, por certo. Mas os resultados, na vida como em arte, é que contam, não as intenções. E é precisamente esse elemento de «mal inconsciente» que sempre faltou a O'Neill. Ele explica tanto a sua família porque não consegue encará-la a fundo. Usa Freud, um **travesti** da religião católica, etc., como pontos de partida, quando deveriam ser, se tanto, pontos de chegada. Em termos de drama não existem neuróticos, propriamente. O espectador deve concluir, se quiser, que a personagem sofre da cabeça, mas quer acção individual livre de tratadismo psicológico. Os lucros, em geral, se conscientizam



A perfeita encarnação da cólera.



Certa bonomia, antes da fúria.

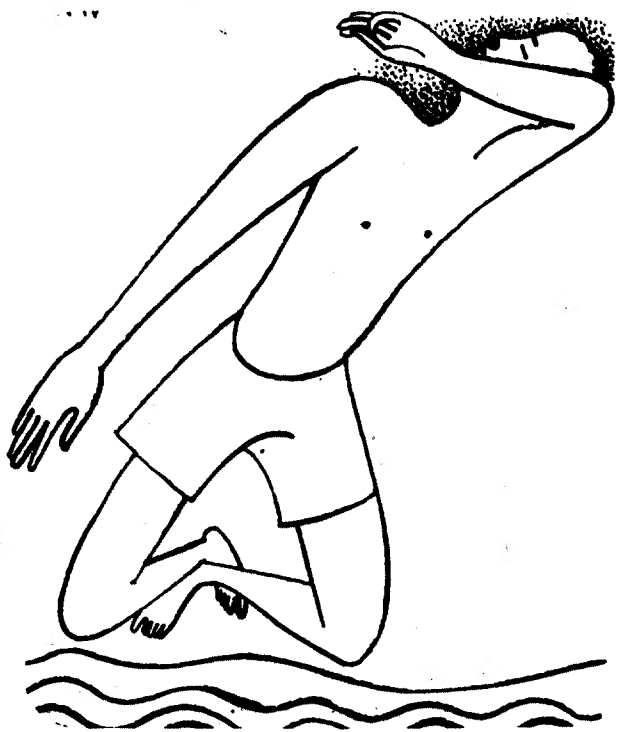


No jogo de cartas a explosão de recalques.

Continua na pág. 7

McLuhan, Mathieu, Almada e Ionesco

(Por ordem de entrada em cena)



Lado a lado, numa página do «Le Monde», duas entrevistas, com McLuhan e com Mathieu — e um título comum: «A grande e brutal mudança (ou a grande revolução: *chambardement*) e a criação». Não propriamente entrevistas mas conversas — consigo próprio, Mathieu, e com outros. McLuhan por «medium» interposto: a televisão, o filósofo canadiano, o disco, o artista francês. «Media frios» ambos, como diria McLuhan —

Pessoa que supõe essa crença desnecessária e por isso se situa irónicamente em função do que — inversão significativa — revela ou afirma... Os aforismos de Almada exigem a nossa colaboração, como elementos activos de um pensamento fazendo-se (não de um pensamento depois de feito, desfazendo-se, que é o caso de Pessoa...). Faz-se, assim, o «Nome de Guerra» ou esta grande peça agora representada, «Deseja-se

Folhetim-artístico de José-Augusto França

que usou a TV conscientemente enquanto Mathieu inconscientemente gravou um disco, passando da sua pintura emblemática (e portanto «fria») a outra expressão em idêntica «baixa definição».

«Friamente», então, ambos os pensadores-criadores denunciavam a sociedade actual «chambardée» pela arte, como único processo de salvação. Ou de restituição de valores perdidos, através de uma co-participação humana e humanística.

Ao que ambos dizem, nos sulcos de um disco (como se fosse fala ao telefone, para sustentar a comparação mcLuhanesca), ou no sistema de xadrez visual a recompor, do pequeno écran doméstico, ao que ambos afirmam, mensageiramente, há que juntar algo, o nosso complemento, a nossa experiência, para fazer (e não refazer) uma vivência que seja nossa e, portanto, necessária e possível.

...Escrevi algures, falando de Almada Negreiros (e nisso insistindo), que o seu sistema mental é estruturalmente «frio», isto é: que ele conta com a aceitação dinâmica do espectador-complementador. Almada foi o maior criador de aforismos em português — por razões de cultura de geração futurista mas que envolvem, no seu caso, uma necessária crença no valor do que afirma ou revela. (Exactamente ao contrário de Fernando

Mulher) (desfaz-se, no polo oposto, a «Ode Marítima...»), ou o grande poema que é a «Invenção do Dia Claro» — que cada qual à própria custa invente.

Almada, num momento que McLuhan não hesitaria, decerto, em classificar como culturalmente «quente», propôs uma forma de cultura eminentemente «fria». Foi o único a fazê-lo, na vida portuguesa — e especialmente na conferência de 1932, a «Direcção Única», quando essa vida estava procurando oficialmente uma ficção para lapuzes, amplamente conseguida, aliás, através de «médias quentes» como o rádio (por então se fundou o Rádio Clube Português) ou o cinema (que «A Severa» nesse mesmo ano encarnou) — e antes que a TV, no seu país, necessariamente se definisse numa intenção «quente», ou saturada. Ao envolvimento de «alta definição», sempre opôs Almada uma dimensão básica de proposta-procura, numa relação (9/10) universalizável em termos de retribuição, até nacional — e nacionalista, como ele supunha possível, ignorando o ofício de ser oficial...

... Não é, porém, de Almada Negreiros que aqui se trata — ia eu a dizer no fio do meu pensamento. Mas é, afinal, como única possibilidade de entendermos, em português, o que em francês ou canadiano McLuhan e McLuhan agora disseram num disco que se compra em Paris («La Renaissance du Demain») e num programa de TV que se viu em França, de discussão bem significativa do «Fahrenheit 451» de Truffaut, e ambas as coisas transpostas nesta página do «Le Monde» em que comeci a falar.

É, afinal, porque, como os outros, Almada é homem da arte e do mito. «O artista indica-nos como viver com o nosso século (...) um papel social indispensável (porque é ele que) nos mete em relação com as coisas essenciais da vida» (McLuhan); ele «participa em todas as manifestações da vida e da cultura mais completamente do que os outros, porque dotado de uma



O teatro «frio» de Almada.

maior sensibilidade» (Mathieu). Por exemplo: «Arte é o instinto do conhecimento (...) precede (os factos)». (Almada).

Na «grande mudança» de hoje, o artista tem o lugar de quem faz mudar e, por que implica os outros na sua acção, transformando-nos em actores (McLuhan), ele leva-os a esta universal convivência de ética e estética (Mathieu) — a este «happening» permanente, envolvimento e surpresa, numa vastíssima colagem das nossas vidas, num «merz» rendido à sua própria fenomenologia.

Mas — mas «os nossos metafísicos, os nossos sociólogos, os nossos futurólogos esqueceram-se, mais uma vez, de se pôr à escuta dos artistas» (Mathieu). Algures Almada citou Mussolini para mostrar que, como um Estaline qualquer (ou outro tecnocrata da política socialista ou capitalista), ele queria era servir-se da arte.

Incómodos artistas, porém! — e Ionesco, num outro número recente de «Le Monde», lançava-se violentamente contra a sua quase homónima Unesco, onde, num magno congresso de Junho, a manipulação social ou a suspeita política do artista era denominador comum do pensamento de delegados brancos ou pretos

ou amarelos, de qualquer raça e de qualquer regime, independentemente das mais actuais opções do dramaturgo. Porque todos os delegados traduziam necessariamente um empenho de estabilidade, o «establishment» de uma(s) cultura(s) ameaçada(s) onde o artista — que há-de ele, neste momento, fazer, senão ser malcriado, como, aliás, na verdade foi?

Almada gostava de contar a história de uma aldeia negra onde todos trabalhavam, menos um. Perguntou a um empenheiro branco, ou um missionário, porque (oh, o suor do rosto e o pão de cada dia!) e respondeu-lhe que esse não: era o artista da aldeia.

Não conheço ninguém que mais tenha trabalhado em Portugal do que Almada Negreiros. E que mais nos tenha feito trabalhar — já que as suas obras «devem ser lidas pelo menos duas vezes prós muito inteligentes e daí para baixo é sempre a dobrar». Daí para baixo — isto é, para aqueles que, habituados aos «médias quentes», tenham dificuldades em completar a «baixa definição», a «magra quantidade de informação» que os seus escritos lhe davam.

Este folhetim não é um artigo de fundo.

duas horas de viagem...
duas horas de romance...
duas horas de aventura...
duas horas de amor...

coleccção duas horas de leitura

TRÊS HORAS ENTRE DOIS AVIOES

15\$00

NÃO é uma coleccção de bolso

mais qualidade!
mais cultura!
mais verdade!

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. RUA DO GARRIDO, 73-A

O'NEIL a longa jornada

Continuação da página cinco

ocasionalmente a sua doença, também têm movimentos próprios, acreditam no que fazem, como quaisquer seres humanos. Para O'Neill, entretanto, são meros jogos e repositórios de teorias freudianas.

A mente do dramaturgo não pode ser desprezada. Ele sempre tentou mais do que pôde realizar, mas isto é deficiência, não é desonestidade fundamental. E o espectáculo de O'Neill lutando com os seus problemas de criação é quase tão pungente e teatralmente atraente como o deve ter sido o drama da sua família na vida real. O espectador vê sempre com interesse o que se passa no palco. Pode recusar como falso a maior parte do que vê, mas não pode deixar de sentir o impacto da determinação férrea do escritor de chegar ao fundo das coisas. Determinação que transmite às suas personagens. Não lhe faltam a coragem e a capacidade de resistência que são a essência de continuidade humana.

O'Neill terminou a vida de de manter as aparências.

A ideia ganhou corpo em **The Iceman Cometh**, estreada pelo Theater Guild em 1946. O'Neill não perdeu o pessimismo, a certeza de pecado, da insolubilidade de condição humana em termos racionalmente aceitáveis. Mas pregou a resignação, a forma de es-

capismo pelo álcool e sonhos. **Hickey** vai aos bêbados e mentirosos de **The Iceman Cometh**, e destrói-lhes as ilusões. Ele, porém, deixou de viver, e um homem condenado. Quando as suas vítimas descobrem isso, podem voltar ao mundo de aparências, de **fantasias-desejo**. Não deixam de ser aquilo que o seu algoz lhes revelou. Mas necessitam de disfarce, como medida de sobrevivência. O tema é velho. Para citar um exemplo próximo dos seus cultores, temos Pirandello. E Sartre, com uma base filosófica que falta ao americano e ao italiano. A verdade de cada um é trágica. Mas o existencialista constrói a sua verdade pelo desafio. Foge às normas e ao institucionalismo. Aceita integralmente o seu destino, para recusá-lo e depois o reciar à sua própria imagem.

Isto seria grego para o pobre O'Neill. Os seus deuses são do século XIX. Revolta-se à maneira de Eurípides, como conservador. Magoa-se porque o Pai Natal não existe, mas a ideia do Pai Natal continua a seduzi-lo. Não pode destacar-se dela. As noções de Deus e Materialismo, na obra do dramaturgo, são convencionais.

A velha história da neurose do artista funciona no exame do teatrólogo. O processo de investigação do objecto a ser reciado é, evidentemente, semelhante ao meca-

nismo emocional do neurótico. Isto, em essência. O artista procura, por um esforço de memória e de racionalização, separar realidade de aparência. E o resultado só pode ser um, objectivamente falando: vivemos para morrer. Esta contradição é a raiz da dialéctica da arte, por assim dizer. Recria-la por completo constitui o ideal do artista. Mas ele nos dá os dois lados da questão. O desejo de viver, as suas manifestações positivas, são tão fortes como os seus opostos; quando à consciência explícita ou implícita de tudo aquilo. Quando vemos um rei de Roualt, sentimos, imediatamente, a sua qualidade finita; mas, também, a majestade, a dignidade da criatura humana, que aceita o seu destino e vive o quanto e o melhor que pode.

O neurótico fixa-se na memória do fracasso. E inerte. Pode racionalizar o seu desespero, mas não consegue fugir em emoções e sensações ao seu terror primordial. O'Neill é assim. A sua gente vive em angústia, no sentido psicanalítico do termo. Está para sempre consciente do fim, incapaz de ir da experiência à compreensão, existindo somente em função da última. Daí a terrível inércia emocional que se sente na obra do dramaturgo.

E a regressão. Até **Iceman Cometh**, O'Neill oferecia desfechos de violência, uma resignação soberba ante a inevitabilidade do destino, uma ausência total de compromissos. Mas com a idade voltou à infância. Tentou descobrir o escapismo do álcool e dos sonhos para as suas personagens; aceitou uma condição de fraqueza e miséria como constantes da natureza humana. Substituiu a revolta de **Mourning Becomes Electra** pela compaixão de **Iceman Cometh** e **Longa Jornada de um Dia para Dentro da Noite**. E o fim do ciclo.

Os "Best-sellers" da semana

LIVROS	AUTORES	EDITORES
1) «História de Portugal»	Oliveira Marques	Agora
2) «Livro das Moedas de Portugal» (Preçário)	Fernando Vaz	Ed. do Autor
3) «Conversa na Catedral»	Mário Vargas Llosa	Europa América
4) «Pedro, o Vagabundo»	Manuel Mendes	Expansão Cultural
5) «Viagem ao mundo da droga»	Charles Duchassois	Livros do Brasil
6) «Inferno de Mulheres»	C. Bernardac	Inova
7) «O Choque do Futuro»	Alvin Toffler	Livros do Brasil
8) «Ficções»	Jorge Luis Borges	Livros do Brasil
9) «Três Romances»	Raquel de Queirós	Livros do Brasil
10) «Textos de intervenção»	Almada Negreiros	Estampa-Expresso

Pesquisa realizada nas principais livrarias de Lisboa e Porto.



Quando um espectáculo televisivo é tão importante como os JOGOS OLÍMPICOS de Munique o melhor lugar é diante de um televisor

Radiola

com a comodidade a que V. tem direito

10 MODELOS À SUA ESCOLHA!

EXCELENTES CONDIÇÕES DE VENDA EM QUALQUER AGENTE RADIOLA

APROVEITE AS FÉRIAS

ENQUANTO DECORAMOS A SUA CASA
CONTACTE-NOS
OS NOSSOS SERVIÇOS E CONSELHOS
SÃO GRATUITOS

Fair Play

MÓVEIS - DECORAÇÕES

Avenida Ressauro Garcia, 39-A (Bairro Azul)
Telef. 4 37 87 LISBOA

SR. AUTOMOBILISTA

POUPE DINHEIRO

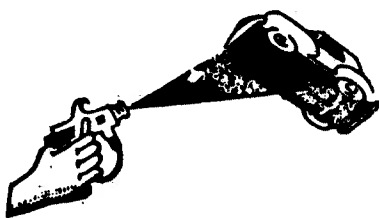
Defenda o seu carro do Inverno, da ferrugem e da corrosão do mar! Não mais pinturas nem parafinações! Menos ruídos

Mandando aplicar uma camada de «UNDERBODY». Plastificante, em toda a parte inferior do seu automóvel.

Um trabalho de especialistas

COTAL — Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A

450\$00 — 550\$00 — 650\$00



HENRY MILLER

Pouco comunico com outros escritores. Nada que se compare às intermináveis conversas íntimas que tenho tido com pintores, ao longo dos anos. Escrevo isto porque gostava de saber se outros camaradas meus sofrem com este mesmo tormento.

No princípio da minha carreira, por causa de uma grande falta de confiança, tinha dificuldade em deitar as palavras ao papel. Escrevi tudo na minha cabeça — e escrevi bastante. Quero dizer que escrevia os meus pensamentos tal como se segurasse uma caneta; ia ao ponto de pesar a pontuação. Toda a minha vida o tenho feito, falar comigo como se estivesse a escrever. A máquina nunca pára. Nos últimos dez anos, porque me tornei mau dorminhoco, levanto-me duas ou três vezes durante a noite para rabiscar ideias, diálogos, palavras estranhas, planos para peças ou livros. Mas pouco uso essas copiosas notas. Geralmente dou-as a admiradores ou a amigos chegados que atribuem muita importância a essas coisas.

Agora que escrever se tornou para mim como que uma segunda natureza, o desejo de escrever começa a diminuir. Para que me hei-de incomodar? — digo e repito para comigo. A esse pensamento junta-se outro, mais inibitório, a saber, que nada tem tanta importância como nós julgamos. O único e intenso desejo que sinto é o de escrever verdadeiros **nonsense**, mas para tal preciso de imenso tempo livre, longe de qualquer espécie de ruído de fundo. E isso, infelizmente, é o que me está vedado no fim da vida.

Cada vez mais, ao aproximar-me da cova, sinto-me perturbado e atormentado pelo conhecimento de tudo

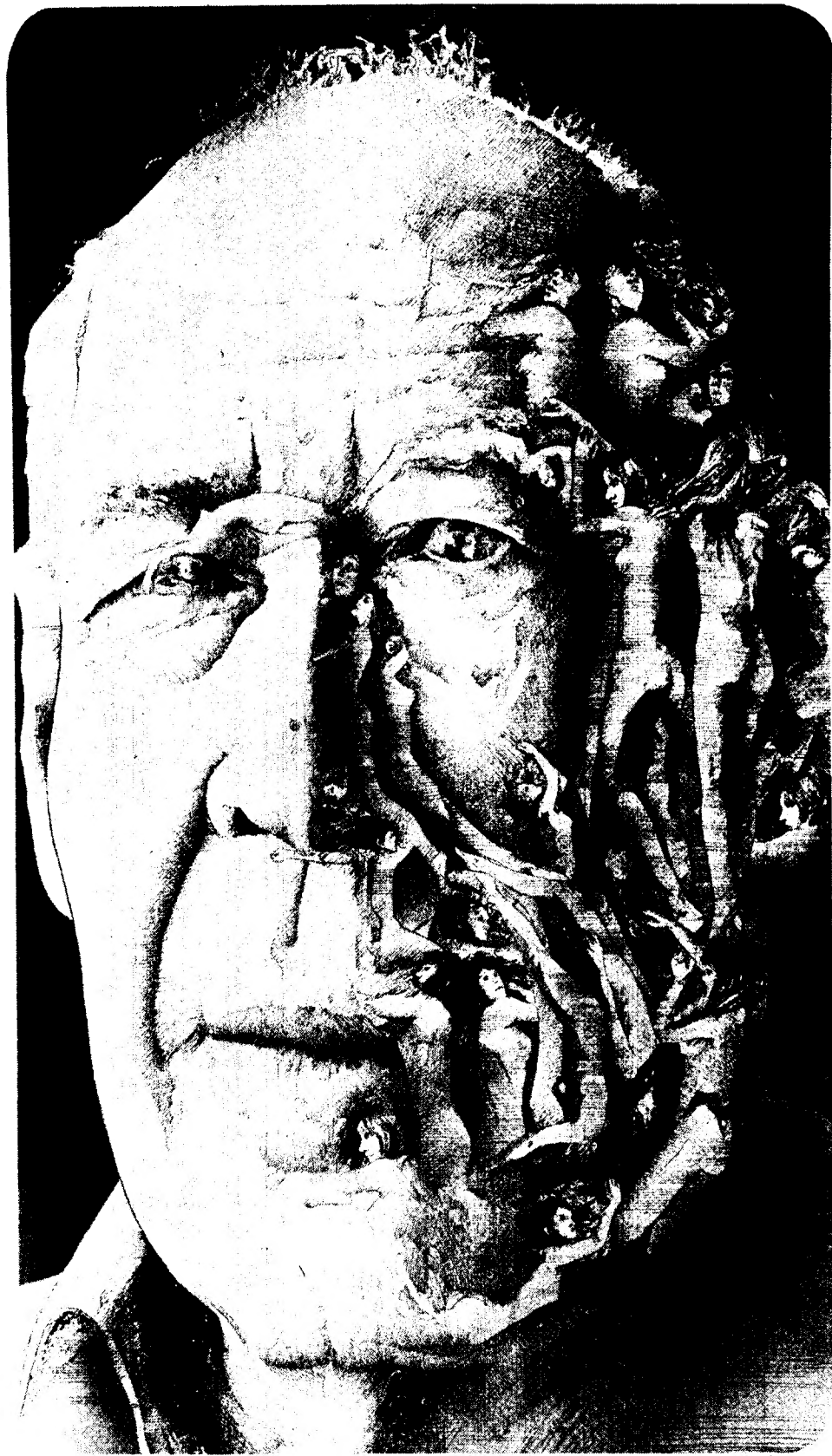
o que deixei de fora e não pus naquilo a que chamam os meus romances. Por vezes, obrigado a reler uma passagem num desses livros, lembro-me de súbito que nesse preciso lugar tinha pensado introduzir tal ou tal figura, tal e tal situação — e depois esquecera-me. Após 30 ou 40 anos — vejam lá! — emergem num clarão essas omissões à tona da memória. Como pude eu não pensar nisto ou naquilo? — pergunto a mim mesmo. Como esqueci fulano ou sicrano, de personalidade tão especial? Ou pode ter sido uma enfiada de ideias, uma girandola de estrelas, que me propusera desenvolver. Quanto mais penso nessas omissões mais me apercebo de que o que não cheguei a pôr nos meus livros excede aquilo que lá pus.

Bem sei que isto pode parecer absurdo aos olhos do leigo cujos sonhos e anseios são de ordem diferente da do escritor ou do pintor. Até os críticos literários podem achar dura de engolir semelhante declaração. Mas o crítico, a meus olhos, é precisamente a pessoa que menos sabe a respeito do processo de labor intelectual de um escritor. **Pensa** que sabe, tal como os biógrafos julgam que conhecem um escritor através da leitura da sua correspondência, do encontro com antigos amigos seus, recolhendo notas aqui e ali, em todo o lado onde puderem. Nem sequer um escritor sabe como funciona o espírito de outro escritor, quanto mais. Os excelentes retratos que de vez em quando temos de um escritor feitos por outro são, a meu ver, puramente fruto da imaginação. Um escritor que nunca tenha visitado determinado país pode escrever sobre ele melhor do que outro que nele tenha vivido. Quanto a lugares a que nunca se tenha ido, e a paisagens que nunca se tenham visto, quem pode bater Júlio Verne?

Para voltar às tais lacunas... Às vezes elas tornam-se-me conscientes depois de ver um filme, filme que por acaso em nada se relaciona com o assunto que de súbito me vem à memória.

Nunca se sabe o que faz disparar o gatilho. Melhor ainda do que um filme para estas inesperadas associações é a música. Mais particularmente, a música numa sala de concertos. Numa sala de concertos repleta, ouvindo boa música, o meu espírito vagueia. Muitas vezes saio de lá em transe, pouco ou nada me lembrando do programa, o espírito cheio de ideias ziguezagueantes, recordações de factos esquecidos e enterrados, instantâneos de amigos, títulos de livros, massa cintilante e muitas vezes aterrorizante de pequenos pormenores. E por entre essa desordem surgem também recordações de cenas que imagino ter escrito mas que nunca escrevi.

Procuro-as nos meus livros, em vão; sem confiar na minha memória, recorro aos amigos que geralmente conhecem os meus livros melhor do que eu. Nada. Mas eu **devo** ter escrito aquelas cenas em qualquer lado. Claro, na minha cabeça — talvez nos primeiros tempos, quando tinha



medo de escrever. Aconteceu-me alguns dias mais tarde lembrar-me exactamente onde e quando me tinha vindo a ideia dessa cena esquecida e inexistente. Podia ter sido a certa esquina, manhãzinha cedo no caminho para o trabalho, ou na plataforma do metropolitano aéreo, quando fazia uma curva que sempre me fascinava. E juntamente podia lembrar-me do condutor com cara de velhaco e modos emproados que se tornara alvo das nossas torpes brincadeiras. E daí seguiam-se centenas de outras pessoas, incidentes, lugares, com a facilidade de quem bebe um copo de água.

Como já disse, agora que me resta menos tempo para viver, menos oportunidades para restaurar estas brechas, todas as recordações se metornam mais vivas. Na verdade, o prazer de recordar rostos e

lugares, sejam eles alegres ou tristes, é tão forte que o não queria destruir com a tentativa de os passar ao papel. Agora posso gozar o luxo de não fazer nada. É contudo uma alegria turvada, porque enquanto assim me entrego a essa satisfação, penso por outro lado que pena eu não ir escrever isto, agora que saberia fazê-lo muito melhor.

Neste ponto torno a pensar nos críticos e quão estulto e fátuo é da parte deles pensarem que sabem a razão porque um escritor faz isto ou aquilo, o que o influenciou, o que tencionara fazer, e assim por diante. E termino reflectindo sobre o pouco que sei de mim mesmo, do que faço, da razão por que o faço, ou como o faço. Então, quem o saberá dizer? Como diria qualquer idiota, a pergunta é irrelevante.



Henry Miller, estilo Borsalino.